



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Bianca de Amorim Gomes

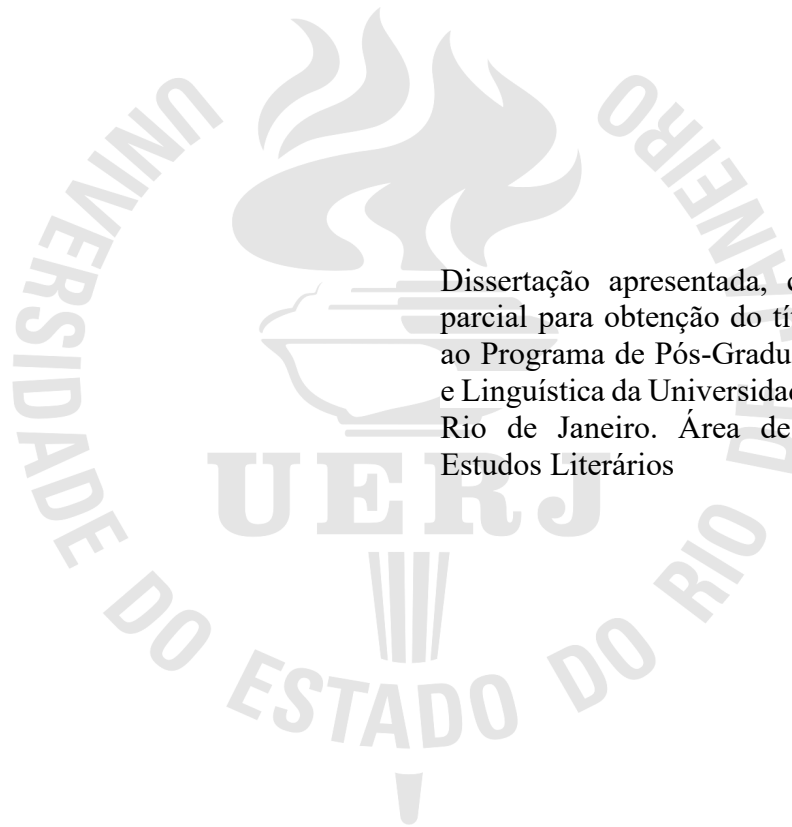
Antônio Sales (1868-1940), naturalismo e O Pão da Padaria Espiritual

São Gonçalo

2023

Bianca de Amorim Gomes

Antônio Sales (1868-1940), naturalismo e O Pão da Padaria Espiritual



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Mendes

São Gonçalo

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

G633 TESE	<p>Gomes, Bianca de Amorim. Antônio Sales (1868-1940), naturalismo e O Pão da Padaria Espiritual / Bianca de Amorim Gomes. – 2023. 172f. : il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Leonardo Mendes. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.</p> <p>1. Sales, Antônio, 1868-1940 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Padaria Espiritual (Grupo literário) – Teses. 3. O Pão (Jornal) – Teses. 4. Naturalismo na literatura – Teses. 5. Literatura brasileira – Séc. XIX – Teses. I. Mendes, Leonardo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.</p>
CRB7 – 6150	CDU 869.0(81)-34

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Bianca de Amorim Gomes

Antônio Sales (1868-1940), naturalismo e O Pão da Padaria Espiritual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em 02 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Mendes (Orientador)

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Iza Terezinha Gonçalves Quelhas

Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof.^a Dra. Claudia Barbieri

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2023

DEDICATÓRIA

A Deus, por me permitir alcançar essa vitória; à minha amada mãe, que onde quer que esteja, está muito orgulhosa por essa conquista; aos meus amados familiares, cujo incentivo e paciência foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Doutor Leonardo Mendes, cuja ajuda e confiança foram fundamentais para a existência desse trabalho. Muito obrigada pela paciência, pela dedicação incondicional, pela excelente orientação e por todas as palavras de incentivo que me impulsionaram a seguir em frente mesmo nos momentos mais difíceis dessa caminhada.

Aos professores, por cada ensinamento e conselho.

Aos amigos de trabalho, que me incentivaram a seguir com meus estudos.

Aos meus colegas de mestrado, pelo companheirismo e pelas preciosas trocas de experiência.

A UERJ, em especial a FFP, por me proporcionar mais essa conquista.

Aos meus familiares, principalmente ao meu sobrinho, por toda a ajuda prática e emocional, e à minha querida irmã, que com carinho e paciência foi quem mais ajudou e esteve ao meu lado ao longo de todo o processo.

A todos aqueles que, embora não citados nominalmente, contribuíram direta e indiretamente para a execução deste trabalho.

Em tudo se vê a composição firme de um consagrado escritor, que, embora encapuzado com impressionante modéstia, revela espírito de observação, sensibilidade e inteligência notáveis e sobretudo uma capacidade de recriação de personagens e ambientes, que a seu impulso saltam vivos de suas páginas.

Pedro Paulo Montenegro

RESUMO

GOMES, Bianca de Amorim. *Antônio Sales (1868-1940), naturalismo e O Pão da Padaria Espiritual*. 2023. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras e Língua Portuguesa) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

Essa dissertação de mestrado tem como proposta estudar a vida e a obra do escritor cearense Antônio Sales (1868-1940), recolher, examinar e analisar a presença do naturalismo nos contos produzidos por ele e publicados em *O Pão*, periódico da *Padaria Espiritual*, agremiação artística que idealizou e fundou. A *Padaria Espiritual* movimentou a juventude cearense letrada entre 1892 e 1896. Numa época em que os homens de letras lutavam para trazer credibilidade e direitos para a profissão de escritor, um estilo de escrita com apelo popular e realista, como o naturalismo, era considerado baixo e inculto, cujas únicas finalidades seriam recreação e venda. Essa concepção negativa é responsável pelo fato de que mesmo hoje em dia a estética naturalista oitocentista apareça de maneira rebaixada, colocada em posição de inferioridade em relação a outros estilos literários mais valorizados, como o romantismo e o modernismo. Sobre a *Padaria Espiritual* e *O Pão*, apoiamos-nos nos estudos de Wilson Bóia, Gleudson Passos Cardoso, Leonardo Mota e Sânzio Azevedo. Para a compreensão do naturalismo, buscamos apoio nos estudos de Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Lúcia Miguel Pereira, Werneck Sodré e David Baguley.

Palavras-chave: Padaria Espiritual; O Pão; naturalismo; conto; Antônio Sales.

ABSTRACT

GOMES, Bianca de Amorim. *Antônio Sales (1868-1940), naturalism and O Pão da Padaria Espiritual*. 2023. 172f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.

This master's thesis aims at studying the life and the works of the cearense writer Antônio Sales (1868-1940), collecting, examining and analyzing the presence of naturalism in the short stories produced by him and published in *O Pão*, the journal from *Padaria Espiritual*, an artistic association which he created and established. The *Padaria Espiritual* (Spiritual Bakery), mobilized the literate Ceará youth between 1892 and 1896. In a time when men of letters struggled to bring credibility and rights to the writing profession, a writing style with popular and realistic appeal, such as naturalism, was considered low and uncultured, whose only purposes would be recreation and sales. This negative conception is responsible for the fact that even nowadays the nineteenth-century naturalist aesthetics appears demeaned, placed in a position of inferiority in relation to other more valued literary styles, such as romanticism and modernism. Regarding the *Padaria Espiritual* and *O Pão*, we rely on the studies of Wilson Bóia, Gleudson Passos Cardoso, Leonardo Mota, and Sânzio Azevedo. To understand naturalism, we rely on the studies of Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi, Lúcia Miguel Pereira, Werneck Sodré e David Baguley.

Keywords: Padaria Espiritual; O Pão; naturalism; short story; Antônio Sales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mercado de Ferro	18
Figura 2 – Foto da 2ª página da edição 1 de 9 de junho de 1889 de <i>A Avenida</i>	20
Figura 3 – Antônio Sales em seu gabinete	24
Figura 4 – Recorte da crítica do livro <i>Trovas do Norte</i> publicada em <i>A Semana</i>	29
Figura 5 – Capa do livro <i>Poesias</i>	29
Figura 6 – Recorte do jornal <i>Pacotilha</i>	32
Figura 7 – Café Java	35
Figura 8 – Primeira página da edição número 1 de <i>O Pão</i>	44
Figura 9 – Primeira página da edição número 7 de <i>O Pão</i>	45
Figura 10 – Os padeiros da segunda fase	48
Figura 11 – Capa da segunda edição de <i>Aves de Arribação</i>	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Os padeiros e seus “nomes de guerra”	38
Tabela 2 – Contos publicados em <i>O Pão</i>	54

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	ANTÔNIO SALES	15
1.1	Contexto histórico	15
1.2	Vida e obras	19
2	A PADARIA ESPIRITUAL	35
2.1	<i>O Pão</i> e as fases da <i>Padaria</i>	42
2.2	Os Padeiros	47
2.3	Antônio Sales e <i>O Pão</i>	50
3	OS CONTOS	54
3.1	Naturalismo	57
3.2	Análise dos contos	69
3.2.1	<u>“Transpondo a Serra”</u>	69
3.2.2	<u>“No trem”</u>	70
3.2.3	<u>“No mar”</u>	72
3.2.4	<u>“O pai André”</u>	73
3.2.5	<u>“Um dia em M.”</u>	74
4	AVES DE ARRIBAÇÃO	77
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXO – Contos	95

INTRODUÇÃO

Nosso trabalho começou quando, após anos dedicados ao exercício do magistério como instrutora de língua inglesa em cursos particulares e como servidora pública do Estado e do Município do Rio de Janeiro, decidi retornar aos estudos acadêmicos. Graduada em Letras, português-inglês, pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ e apreciadora de literatura, o interesse de ingressar em um curso de mestrado fez com que, mesmo que à distância, permanecesse em dia com o desenvolvimento das pesquisas de meus ex-professores.

Quando surgiu a oportunidade de ingresso no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da FFP, na subárea de Estudos Literários, entrei em contato com o professor Leonardo Mendes, que permitiu que eu frequentasse seu grupo de pesquisa. Foi desse modo que fui apresentada aos contos publicados no jornal *O Pão*, o periódico da *Padaria Espiritual*, uma agremiação cearense do século XIX. Segundo o professor, tais narrativas formavam um *corpus* ficcional pouco conhecido, que ainda aguardava para ser coligido e estudado. Comecei a ler sobre o periódico e a *Padaria Espiritual*, atendo-me especialmente aos contos publicados no jornal.

A *Padaria Espiritual*, que existiu em Fortaleza entre 1892 e 1896, foi uma associação formada por jovens artistas cearenses em princípio de carreira onde a juventude culturalmente ativa da cidade se encontrava para conversar livremente sobre arte, literatura e sexo (MENDES, 2012). Desses jovens artistas, destacam-se nomes como os escritores Rodolfo Teófilo (1853-1932), Adolfo Caminha (1867-1897), autor do escandaloso *Bom-Crioulo* (1895), e Antônio Sales (1868-1940).

Meu interesse pelo tema da pesquisa foi instantâneo. Desse modo, demos início a um projeto de pesquisa cujo objetivo era conhecer, estudar e expandir o *corpus* do naturalismo oitocentista no Brasil, com a inclusão de novos autores e obras. Para alcançar tal propósito, seria necessário conhecer a história da *Padaria Espiritual* e de seu jornal, *O Pão da Padaria Espiritual*, estudando os autores que fizeram parte da agremiação e suas contribuições para o periódico, em especial os contos, os quais seriam arrolados e analisados sob a hipótese de se tratarem de contos naturalistas. Assim prosseguimos, fazendo um levantamento dos 31 contos publicados em *O Pão*. Os textos foram digitados e anotados, com atualização de ortografia, com vistas à produção de uma antologia, que faria parte da dissertação e poderia ser publicada posteriormente como um volume de contos brasileiros inéditos.

Contudo, ao longo do trajeto de pesquisa e depois do encontro com a banca de qualificação, optamos por fazer um ajuste de rumos. Os componentes da banca acreditaram que um estudo que abarcasse tantos autores de estilos diferentes seria muito complexo e propuseram um foco maior em Antônio Sales e em sua obra dedicada a *O Pão*. Decidimos seguir essas orientações e o mencionado autor cearense passou a figurar como o centro do trabalho. Temos, pois, um estudo sobre a vida e obra de Antônio Sales, com destaque para sua participação como idealizador, fundador e principal colaborador da *Padaria Espiritual*, bem como para suas composições publicadas no periódico da agremiação, dentre os quais cinco contos: “Transpondo a Serra”, “No trem”, “No mar”, “O pai André” e “Um dia em M.”. A análise de alguns de seus inúmeros poemas se fez igualmente necessária, no intuito de ilustrar a influência da verve poética do autor em seus textos narrativos. Os demais contos publicados no periódico também estarão presentes, mas em uma posição coadjuvante.

Antônio Sales é um dentre vários autores injustamente esquecidos ou ignorados pela historiografia e pelo cânone nacional por fazer parte de um período literário ainda visto com maus olhos e incompreendido pela sociedade letrada: o naturalismo. Homens de letras influentes da segunda metade do século XIX, como Machado de Assis, por exemplo, resistiram à estética naturalista. Para eles, a ciência não deveria ditar novas maneiras de descrever literariamente o mundo, pois isso poderia fazer com que os romances se distanciassem do modelo contido e bem-arrumado do romance realista europeu. Além disso, o naturalismo via o homem como um ser físico, livre de obrigações morais e patrióticas, o que decididamente não era bem-visto pelos homens letrados de então (Mendes, 2019). Esse modo de pensar influenciou vários estudiosos e críticos literários, incluindo os contemporâneos, de modo que a ficção naturalista foi subestimada e relegada a um lugar de menor importância.

A ideia de naturalismo que seguimos nessa pesquisa segue as concepções desse estilo conforme apresentado por pesquisas mais recentes, que buscam refutar as tendências de compreender o naturalismo como um movimento de importância secundária, uma simples extensão do Realismo, “por anos reduzido a figurar no panteão dos movimentos literários como uma “escola” antirromântica, apoiada no saber médico-científico, muito em voga na segunda metade do século XIX.” (Mello & Catharina, 2010, p.71).

Nosso principal intuito com esse trabalho foi analisar e ampliar o *corpus* do naturalismo oitocentista no Brasil, por meio do estudo da ficção, mais especificamente dos contos, produzidos por Antônio Sales, fundador e grande colaborador da agremiação artística cearense a *Padaria Espiritual*, publicada em seu periódico, *O Pão*, que circulou entre 1892 e 1896, em

Fortaleza (CE). Além de expandir o rol de escritores naturalistas no Brasil, o projeto inova com o estudo do “conto naturalista”, já que a historiografia tradicional se concentrou nos romances.

A presente dissertação, em especial a análise dos contos e do romance, apoiam-se na teoria do crítico norte-americano David Baguley (1990) sobre o naturalismo oitocentista, disposto na obra *Naturalist fiction. The entropic vision* (1990), que traz uma definição ampliada de naturalismo literário e estabelece a existência de duas vertentes de naturalismo: o naturalismo cômico, ou naturalismo da desilusão, que trata do homem comum e de suas experiências de decepção e desamparo; o naturalismo trágico, que se aproxima mais do naturalismo tal qual apresentado pelo cânone, tratando de questões relacionadas à razão, à ciência, ao pensamento científico.

Quanto ao método, nosso trabalho se apoia em pesquisa bibliográfica de fontes primárias e secundárias, com visitas eventuais a arquivos e bibliotecas. O levantamento e estudo dos contos de *O Pão* foi feito por meio de uma edição fac-similar dos 36 números do jornal, feita em 1982 pela Universidade Federal do Ceará, em parceria com a Prefeitura de Fortaleza e a Academia Cearense de Letras. O jornal também foi digitalizado e se encontra disponível *online* na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional. Com auxílio dos motores de busca e da tecnologia de OCR (reconhecimento ótico de caracteres), é possível localizar em pouco tempo e sem grande dificuldade os 31 contos quanto informações sobre os autores e a Padaria Espiritual, no vasto banco de dados que compõe a hemeroteca.

A base principal para o estudo da vida de Antônio Sales, bem como da *Padaria Espiritual* e de *O Pão* foram os livros: *Antônio Sales e sua Época* (1984), de Wilson Bóia; *A Padaria Espiritual* (1970), de Sânzio de Azevedo; *Breve história da Padaria Espiritual* (2011), também de Sânzio de Azevedo; *Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso* (2002), de Gleudson Cardoso. Quanto ao naturalismo, as fontes de apoio são: *Introdução à literatura no Brasil* (1979), de Afrânio Coutinho; *História concisa da literatura brasileira* (2015), de Alfredo Bosi; *Prosa de ficção: história da literatura brasileira* (1973), de Lúcia Miguel Pereira; *O naturalismo no Brasil* (1965), de Nelson Werneck Sodré; *Naturalist fiction. The entropic vision* (1990), de David Baguley.

No primeiro capítulo, faremos um resumo sobre a vida e obra de Antônio Sales. Começaremos observando um pouco do contexto social da época, as principais mudanças sociais e econômicas ocorridas no Brasil, em especial no Rio de Janeiro e em Fortaleza. Em seguida, falaremos um pouco sobre suas origens familiares, o difícil início de vida profissional, o início de sua carreira literária e sua participação ativa em periódicos. Por meio da análise de alguns de seus poemas, conheceremos sobre seu estilo particular de redigir, bem como seu

apego familiar. Estudaremos ainda suas obras publicadas, tanto em vida como postumamente, bem como a repercussão que tiveram algumas delas (há obras sobre as quais há muito pouco material para consulta disponível).

No segundo capítulo, falaremos sobre a *Padaria Espiritual*, começando com algumas considerações sobre o desenvolvimento da atividade literária da época, que se tornou o centro do estabelecimento da vida cultural do local e favoreceu a formação de agremiações literárias. Veremos as origens da agremiação, desde a idealização até o estabelecimento propriamente dito, e as ideologias que culminaram nas regras que nortearam as ações dos membros da padaria, reunidas no *Programa de Instalação*. Falaremos também sobre o periódico da agremiação, *O Pão*, a participação de Antônio Sales nesse jornal e suas principais contribuições.

No capítulo 3, falaremos sobre os contos publicados em *O Pão*. Iniciaremos fazendo um comentário generalizado sobre algumas dessas composições considerando a hipótese de que se tratam de narrativas naturalistas. Para tal, faremos um apanhado sobre as concepções de naturalismo segundo autores que representam a visão do cânone literário brasileiro e, em contraponto, dos estudos de David Baguley, que estuda o naturalismo sobre uma perspectiva inovadora. Terminaremos com a análise dos contos de Antônio Sales.

O quarto e último capítulo será dedicado ao único romance escrito por Sales: *Aves de Arribação*. Faremos um resumo do enredo, seguido de análise de passagens e elementos da narrativa. Assim como nos contos, procuraremos confirmar a hipótese de que se trata de uma narrativa de cunho realista-naturalista. Falaremos sobre a receptividade do livro quando de sua estreia e faremos o levantamento de algumas das críticas ao romance de que se tem conhecimento.

1 ANTÔNIO SALES

1.1 Contexto histórico

No início do século XIX, um Brasil ainda muito despreparado – carente de moradias, saneamento, abastecimento de água e segurança pública – recebe a Família Real Portuguesa (1808). Além dos membros da realeza de Portugal, chegou também uma numerosa comitiva, documentos, mobília, obras de arte e dinheiro (Bezerra, 2021), além de hábitos e interesses culturais. Tudo isso causou um grande impacto na cidade do Rio de Janeiro, que naquela época era apenas “um atrasado lugarejo colonial” (Hallewell, 1985, p. 32), “uma pequena área espremida entre a praia e a montanha, formada por escassas ruas paralelas e mais algumas transversais, rodeadas por matas e logradouros desertos” que subitamente precisou alojar mais de dez mil pessoas, transformando-se de “pequena cidade dos vice-reis em império português na América” (Algranti, 1988 apud Meireles, 2015, p.11).

Tais acontecimentos ocasionaram intensas mudanças na cidade, principalmente de aspecto cultural e econômico:

... a vida cultural do Rio foi transformada por essa grande afluência de servidores civis bem pagos e com gostos refinados de um grande centro europeu. Por importante que tenha sido o aumento das exigências de consumo, os efeitos da mudança foram, do ponto de vista econômico, muito mais amplos. Doravante todos os impostos e outras riquezas destinadas ao governo que, antes, eram enviados a Lisboa permaneciam para beneficiar o Rio de Janeiro. (Hallewell, 1985, p.32.)

A abertura dos portos e o conseqüente processo de substituição de uma economia fechada em lugar de uma economia aberta, possibilitaram que o Rio de Janeiro se tornasse o grande centro econômico do Brasil (Assunção, 2008), que em pouco tempo passaria a contar: com a *Escola de cirurgia da Bahia*, com a *Imprensa Régia*, com o *Banco do Brasil*, com a *Gazeta do Rio* e com o Jardim Botânico em 1808; com a *Biblioteca Nacional e a Real Biblioteca* em 1810; com o *Teatro São João* em 1813; com a *Escola Real de Artes e Ofícios* em 1815; etc.

Alinhando-se aos novos padrões de progresso trazidos pela Família Real Portuguesa e igualmente preconizados por outras metrópoles europeias, a estrutura física do Rio de Janeiro foi se modificando pouco a pouco:

Para além das quatro freguesias já existentes – Sé, Santa Rita, São José e Candelária –, foi criada o Engenho Velho. Novas ruas foram pavimentadas e as estradas alargadas. A iluminação, saneamento, abastecimento de água potável e, consequentemente, a higiene também foram aspectos que sofreram importantes melhorias na cidade. Ou seja, entre os anos de 1808 e 1822, a área do Rio de Janeiro havia triplicado (Meirelles, 2015, p. 11).

Com tantas modificações, houve um acentuado crescimento demográfico. No final da década de 1880, havia uma média de 14 milhões de habitantes e um número bem maior de pessoas alfabetizadas, condições perfeitas para o desenvolvimento de uma sociedade mais livresca. Livros começaram a ser vendidos em casas comerciais do Rio de Janeiro. Competindo com esses “tratantes de livro”, como eram chamados tais comerciantes, apareceram os livreiros franceses, que começaram a ver o Brasil como um espaço promissor para vendas (Ferreira, 2007). É o caso dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, fundadores da E. & H. Laemmert, precursores do comércio de livros e do mercado tipográfico brasileiro, e de outro livreiro estrangeiro, Baptiste Louis Garnier, que na década de 1840 estabeleceu a Livraria Garnier (El Far, 2011).

Dom João VI, ainda que fosse a favor da liberdade de imprensa, não ousou enfrentar a proibição imposta pela maioria dos seus funcionários, favoráveis à censura, o que inviabilizou uma maior expansão de livrarias (Hallewell, 1985, p. 33). Mesmo assim, com o surgimento da tipografia houve um crescente interesse de leitores por obras de ilustres filósofos do Iluminismo, tal como Rousseau (Bezerra, 2020). Uma grande variedade de gêneros e títulos foram impressos.

As mudanças também se estenderam ao longo da segunda metade do século XIX. Segundo Nelson Werneck Sodré (1911-1999), esse período foi marcado, em todo o mundo, pela expansão da burguesia, o que propiciou um período de “lutas militares, de conquistas coloniais, de teorização de pretensas superioridades, de intensa luta ideológica justificatória das superioridades proclamadas, de desenvolvimento da produção e do comércio e, portanto, de invenções, de inovações técnicas, de avanço científico” (Sodré, 1965, p.13). Tudo isso demandou a necessidade da criação e organização de novos métodos científicos que possibilitassem uma pronta utilização de matérias-primas, bem como multiplicação de bens, que tornariam viável a acumulação de capital.

Assim, inicia-se um período de avanço tecnológico, não só na área das ciências exatas – Hertz e a identificação das ondas elétricas, as leis da termodinâmica de Mayer e Joule, a formulação das leis da conservação e da degradação da energia, Berthelot e a síntese do acetileno, etc. – como na área de ciências naturais – a contribuição de Fritz Müller e Herbert

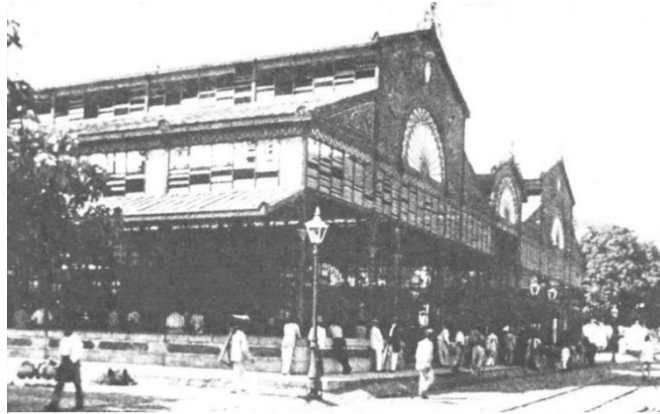
Spencer para a teoria do evolucionismo, a teoria da Origem das Espécies de Charles Darwin, Claude Bernard e o *Estudo da Medicina Experimental* (1865), a descoberta dos bacilos da difteria, e da peste bubônica, etc. A sociologia começa a ser definida e o positivista Hyppolite Taine formula o método determinista, por meio do qual compreende-se o homem em relação a três fatores: sua raça, momento histórico e meio ambiente (Sodré, 1965, p.14-15).

No Brasil, outras transformações fundamentais aconteceram. Dois importantes fatores abriram espaço para que houvesse mudanças na economia brasileira: A Tarifa Alves Branco (1844) e o fim do tráfico negreiro (1850). O estabelecimento da Tarifa Alves Branco deixou o mercado de produção nacional mais competitivo em relação aos produtos importados. Posteriormente, o fim do tráfico de escravos possibilitou que mais capital fosse investido na indústria e no comércio. Sucede-se um surto industrial entre os anos de 1850 e 1860, período no qual mais de 70 fábricas foram inauguradas, e, mais tarde, a Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação da República (1889) e a modernização de lavouras e de fazendas cafeeiras.

Além do Rio de Janeiro, outras cidades brasileiras também passaram por profundas mudanças sociais e urbanas. Foi o caso de Fortaleza, capital do Ceará: “Assim como ocorre com outras cidades brasileiras na segunda metade do século XIX, Fortaleza entra no processo de modernização que se espalha pelo país, o que proporciona grandes transformações no espaço público e no modo de vida da população” (Brito, 2014, p. 111). Segundo Sebastião Rogério Pontes, em *Fortaleza Belle Époque. Reforma urbana e controle social. 1860-1930*, a cidade, impulsionada por grupos sociais relacionados ao setor comercial, profissionais liberais e intelectuais acadêmicos de instituições de ensino superior da época, começou a passar por uma série de mudanças em prol de uma “regeneração urbana” (Pontes, 1993, p.15). De fato, na segunda parte do século XIX, Fortaleza já figurava como sétima capital em população e polo econômico-social.

Daí em diante, muitas melhorias se seguiram. O estabelecimento de firmas estrangeiras na cidade suscitou um expressivo crescimento comercial e a paisagem urbana ganhou contornos mais sofisticados: “[...] a paisagem urbana foi se modificando, ganhando, enfim, primeiros sobrados, belas casas, mansões e palacetes, alguns imponentes prédios públicos, calçamento nas vias principais, bonde à tração animal e extensa rede de iluminação à gás carbônico” (Pontes, 1993, p.17). Surgiram novos jornais e instituições de estudo, como a Biblioteca Pública (1867), a Academia Francesa (1872/1873), o Instituto Histórico e Geográfico (1887) e a Academia Cearense (1894). Concomitante à Academia Francesa, ocorreu a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité, em 1873. O Mercado de Ferro viria mais tarde, em 1897. Também houve avanços na medicina e no saneamento básico.

Figura 1 - Mercado de ferro



Fonte: Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/fortalezanobreoficial/photos/a-hist%e3%b3ria-do-mercado-de-fortalezaem-1812-era-constru%e3%addo-o-primeiro-mercado-de-f/1268306856530737/>>.

Entretanto, conforme afirma a Professora Luciana Brito em *A Padaria Espiritual e a cidade de Fortaleza no final do século XIX*, aquelas mudanças não eram para todos. Pessoas de classes mais favorecidas não mediram esforços para “limpar” a cidade de invasores (prostitutas, retirantes, pedintes etc.), que eram conduzidos à asilos e casas de assistência. Segundo Ponte, as desigualdades e a segregação social eram tão grandes que transpareciam até mesmo em áreas de convívio comum e lazer. Nem mesmo o Passeio Público, era poupado de tamanha segregação:

Elaborado em três planos, a área central era frequentada apenas pelas elites, pelas pessoas de classe, ao passo que os outros dois planos eram reservados para as classes médias e populares. Obviamente, não existia nenhuma determinação oficial, dividindo o Passeio por tipos de frequentadores, a separação ocorria naturalmente (1993, p. 37 apud Brito, 2014, p.114).

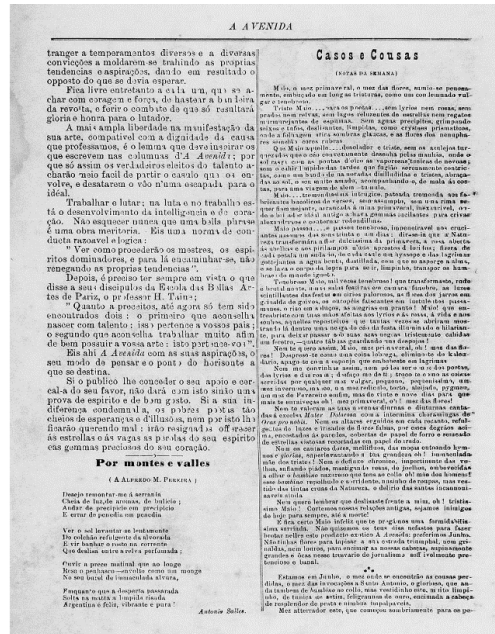
Até mesmo a Praça do Ferreira com seus populares cafés não fugiu dessa tendência. Ainda que tivesse a possibilidade de frequentar o local, os mais pobres eram malvistas e não tinham condições de consumo. Foi nesse ambiente formado por desigualdade, progresso e transformação social que foram moldados o caráter e o pensamento dos artistas que participaram da *Padaria Espiritual*.

1.2 Vida e obras

Para Tristão de Athayde (1893-1983), Antônio Sales foi um escritor de estilo simples e elegante, reservado, cujo espírito contido e harmonioso o colocava acima das modas literárias (SALES, 1979, p.8) interessado pelo humano e pela coletividade; para Raquel de Queiroz (1910-2003), um escritor experiente, que “escrevia como poucos a língua literária de seu país”, cujo temperamento retraído e desenganado fizeram com que fugisse da briga pelo sucesso no Rio de Janeiro. Antônio Sales, criador e diretor da *Padaria Espiritual*, nasceu em Parazinho, hoje Paracuru, cidade litorânea do Ceará, a 13 de junho de 1868. Sales foi fruto de uma família próspera. Seu pai era um comerciante local reconhecido que embora não fosse um homem de muita instrução, incutiu-lhe o interesse pela política e o amor às Letras. Quando o pai faliu em 1882, foi enviado para Fortaleza para trabalhar como caixeiro num armazém, trabalho árduo e mal remunerado em que: “[...] se obrigava a cozer fardos de fazenda, arrumar barricas de miudezas e vender a retalho no balcão quando lhe dessem tempo as faturas. Era ele quem abria a loja às seis da manhã e somente depois das onze horas da noite conseguia recolher-se ao quarto para chorar” (p. 74).

O excesso de atividades, no entanto, não o impedia de escrever e publicar. Não eram incomuns caixeiros letrados que, assim como ele, almejavam seguir a carreira literária. Sales contribuiu para os mais conhecidos periódicos de Fortaleza, como *A Quinzena*, o *Clube Literário*, *O Meirinho* e o *Libertador*. Aos poucos, foi criando relações no meio literário, ajudando a fundar os periódicos *O Domingo* e *A Avenida*. Em 1887, criou o *Clube Educando Caixeiral*, sociedade cultural que oferecia aulas noturnas de língua portuguesa (Bóia, 1984). Naquele ano foi admitido como membro do *Clube Literário*, prestigiosa associação cearense (Azevedo, 1982). Dois anos mais tarde, participou da fundação do *Centro Republicano* (1889), a primeira instituição fortalezense em defesa de causas republicanas.

Figura 2 - Foto da 2ª página da edição 1 de 9 de junho de 1889 do periódico *A Avenida*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

O poema “O jardim” viabilizou sua aceitação no *Clube Literário*. Trata-se de um soneto escrito em versos decassílabos nos quais o poeta constrói seu “jardim”, algo normalmente térreo, preso ao chão, por meio de imagens aéreas e marítimas. As palavras “nuvens” e “pairavam” (primeiro verso do primeiro quarteto), conferem leveza às rosas. As roseiras são retratadas como um “mar verdejante” (segundo verso do primeiro quarteto e quarto verso do segundo quarteto) sobre o qual borboletas, criaturas aéreas, navegavam – “vogavam” (quarta estrofe do primeiro quarteto). Essa relação céu e mar continua com “espumas” que “boiam” (primeiro verso do segundo quarteto), com “as notas da cigarra” (primeiro verso do primeiro terceto) comparadas com a “voz de sereia” (segundo verso do primeiro terceto) e os pesares do eu lírico que se afundavam (“soçobravam”) no abismo (segundo e terceiro versos do segundo terceto):

NO JARDIM

Nuvens de rosas, úmidas, pairavam
sobre o mar verdejante das roseiras,
onde, nas inquietas e ligeiras,
as borboletas rútilas vogavam.

Espumas feitas de jasmims boiavam ...
E, quais gaivotas rápidas, faceiras,

os insetos dourados voejavam
sobre o mar verdejante das roseiras ...

As notas da cigarra, delirantes
como voz de sereia, retumbantes,
ondulavam no côncavo dos ares.

Impregnando-os de um magnetismo,
que atraía meu ser para o abismo,
aonde soçobravam meus pesares!"

(Sales apud Bóia, 1984, p. 76)

Na figura 2, é possível observar, no canto inferior esquerdo, a publicação do poema “Por Montes e vales”. Como o próprio título sugere, o eu lírico descreve a serra com muito lirismo e saudosismo. Atenção para o modo como a sonoridade criada pela repetição de sons de “s”, “z”, “v”, “f” e “ch” confere à serra um ar celestial, de pureza, reforçado pelas palavras *prece*, *reza*, *monge* e *imaculada* (3º estrofe), e *límpida*, *argentina* e *pura* (4º bimestre):

(A Alfredo M. Pereira)

Desejo remontar-me à serrania
Cheia de luz, de aromas, de bulício;
Andar de precipício em precipício
E errar de penedia em penedia

Ver o sol levantar-se lentamente
Do colchão refulgente da alvorada
E vir banhar o rosto na corrente
Que deslisa entre a relva perfumada;

Ouvir a prece matinal que ao longe
Reza o penhasco – envolto como um monge
No seu barel de imaculada alvura,

Enquanto que a desperta passarada
Solta na mata a límpida risada
Argentina e feliz, vibrante e pura!

Sales escreveu inúmeros poemas, muitos dos quais foram reunidos e impressos em formato de livro, conforme veremos ao longo desse trabalho. Em algumas dessas composições, dedicadas à familiares, percebemos a presença de muito sentimentalismo, descrito em tom nostálgico e melancólico. O poema intitulado “Ninho Desfeito”, oferecido a um de seus irmãos, Adolfo, trata do desaparecimento de Parazinho, que, soterrada por dunas, deu origem à atual Paracuru (Netto, 2017). O mesmo é possível perceber no poema “Reminiscências”, oferecido à irmã do poeta, Maria, primeiramente publicado na edição de 8 de dezembro de 1887 do *Libertador* e mais tarde incluído em *Versos Diversos* (1890):

Lembra-me bem - com que saudade!
A aldeia de longas ruas, de áurea luz vestida,
com suas grandes árvores e a ermida
a cuja frente a grande cruz se alteia.

Deitada no tapiz de branca areia
que cobre o dorso à ribanceira erguida,
contempla o mar, que, tímido de vida,
palpita em baixo -azul como uma veia.

Julgo estar vendo os brônzeos pescadores,
as jangadas, as conchas multicores
cravejando da praia a ebúrria veste.

E ali ... Foi nessa casa cuja frente
se volta para as bandas do ocidente .
que eu nasci, minha irmã, que tu nasceste.

(Sales apud Bóia, 1894, p. 102)

O mesmo saudosismo se faz presente, em “Cicinha”, composição poética escrita em versos decassílabos distribuídos em vinte e uma quadras, sobre Alice, neta de Pedro da Silva Nava, falecida aos 7 anos: “Do coração que sofre e se rebela/ deixai rolar a lágrima candente/consolar-me é impossível, pois com ela/ algo finou-se em mim eternamente.” (Sales apud Bóia, 1984, p.50). O mesmo se pode dizer de “Junto ao túmulo de minha mãe”, soneto igualmente composto por versos decassílabos, oferecido em ocasião do terceiro aniversário de morte de sua genitora, Delfina Pontes Sales:

Mamãe, aqui me tens junto ao modesto
pouso, onde adormeceste neste dia
eternamente, o dia mais funesto
da minha história, a data mais sombria.

E eu não te pude ver o último gesto!
Não me abençoou a tua mão, já fria!
Longe de mim passou-me o instante mesto
que em meu peito matou toda a alegria.

Aqui te trago o coração deserto
dos prazeres do mundo e tendo aberto
o golpe, que jamais cicatrizou.

Se a vida te foi cheia de tristeza,
levaste dela, embora, esta certeza:
nunca o amor de teus filhos te faltou.

(Sales apud Bóia, 1984, p. 46)

Em 1896, Antônio Sales mudou-se para o Rio de Janeiro. Empregou-se na imprensa periódica e ganhou a simpatia de figurões do universo literário, tais como Alberto de Oliveira

(1857-1937), Afonso Celso (1860-1938), Graça Aranha (1868-1931) e Machado de Assis (1839-1908). Com este último, “[...] passou a manter excelente convívio e duradoura amizade, não se fazendo sentir entre os dois a diferença de trinta anos de idade [...]” (Bóia, 1984, p. 246). Em 1897, participou dos trabalhos que resultaram na criação da *Academia Brasileira de Letras*, embora, por escolha própria, ficasse de fora da lista dos fundadores

O lado irônico de Sales é facilmente notado quando ele se aproveitava do fato de que a seção pela qual era responsável no *Correio da Manhã*, “Pingos e Respingos”, gozava de grande aceitação por parte dos leitores do periódico, para atacar o Conselheiro Nuno Ferreira de Andrade (1851-1922), diretor da Saúde Pública, com quem tinha problemas pessoais. Todos os dias publicava quadrinhas satíricas sempre se utilizando da epígrafe: “Tudo passa... e o Nuno fica” (Sales apud Bóia, 1984, p. 233-234): “As nuvens passam nos ares, / a água passa na bica, / navios passam nos mares... / Tudo passa... e o Nuno fica.”

O exemplo abaixo, cujo uso de ironia é perceptivo, foi retirado da edição de 15 de agosto de 1901, disponível para consulta no site da *Hemeroteca Digital*:

Um geógrafo e etnólogo, que por aqui anda a passeio, foi ter à Câmara dos Deputados, e, lá chegando, impressionou-o logo o Dr. Nilo, pelo aparato de sua vestimenta e o bom gosto de sua gravata.

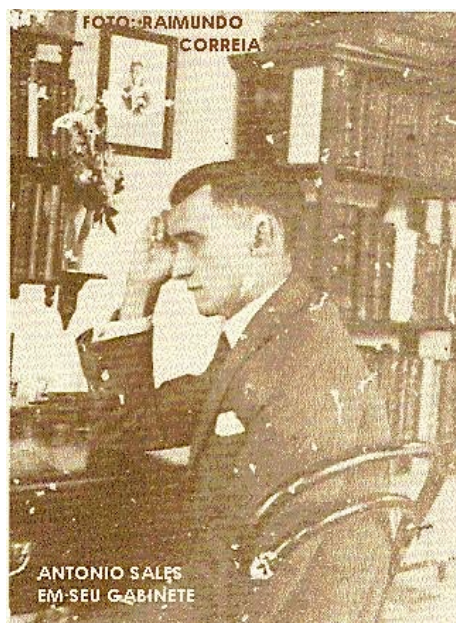
– Quem é aquele? perguntou o geógrafo.

– O deputado Nilo, respondeu o *cicerone*.

– Nilo? Bem aplicado nome, redarguiu o geógrafo. Como o rio, tem o deputado uma grande boca, e parece que as origens do deputado confundem-se com as do rio. O fundo do rio é lodoso, não sei se por aí haverá alguma semelhança com o deputado.

Tais críticas e colocações, fizeram com que Sales virasse vítima de perseguições políticas, o que fez com que ele fosse para o Rio Grande do Sul, onde também contribuiu para a imprensa local. Em 1905 retornou ao Rio de Janeiro, lá permanecendo por muitos anos trabalhando como jornalista. Em visitas ao Ceará, participou das reelaborações da *Academia Cearense de Letras* (1894), primeiro em 1922, e depois em 1930, quando já havia retornado ao Ceará, exercendo a função de presidente, entre os anos de 1930 e 1937. Antônio Sales morreu em Fortaleza a 14 de novembro 1940.

Figura 3 - Antônio Sales em seu gabinete



Fonte: Sítio Fortaleza Nobre. Disponível em:
<<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/09/antonio-sales-um-dos-maiores-nomes-da.html>>.

Como todos os escritores de sua geração, Sales foi um polígrafo que escrevia conto, romance, crônica, crítica e teatro, mas começou a carreira com a publicação de um livro de poesias denominado *Versos Diversos*, que foi o primeiro de uma série de livros de poesias publicados por Sales. É uma coletânea de poemas publicados entre 1887 e 1890 n’*A Quinzena* e no jornal *Libertador*. No dia 5 de novembro de 1890, O jornal *O País*, do Rio de Janeiro, fez elogios a Antônio Sales e publicou um dos poemas do livro, que então estava prestes a ser publicado:

Do Ceará chega-nos a auspiciosa notícia literária. Está a sair do prelo¹ um volume de *Versos Diversos* do poeta Antônio Sales.

A literatura do sul não conhece essa gente do norte que se abalança a versejar para além das fronteiras da serra dos órgãos, mas a verdade é que lá pela zona tórrida brasileira também aparecem versos bons e poesia de lei.

Antônio Sales é um moço cearense, modesto e sem os elevados cultivos intelectuais que se adquirem nas academias do sul; os seus versos, porém, são ricos de inspiração, suavidade, brilho e correção. Os *Versos Diversos*, como ele singelamente intitulou o seu volume, serão lidos com prazer.

O mesmo jornal tornou a mencionar autor e obra na edição de 8 de fevereiro de 1891:

¹ O mesmo que prensa; impressora.

Mas eu quero falar de um profeta-exceção. Um bom poeta, raro, desses que logo se distinguem, alto e breve, no meio da turba anônima dos versejadores.
Falo do autor dos *Versos diversos*.

Antônio Sales é um nortista, e é o maior dos seus defeitos.

Versos Diversos também sofreu várias críticas. Em 3 de janeiro de 1891, o jornal *Estado do Ceará* publicou um artigo assinado por Almado de Castro, pseudônimo do poeta e jornalista Antônio Cunha Mendes (1874-1932), criticando o prefaciador da obra, afirmando que este produzira um prólogo mal escrito, repleto de afirmações levianas e absurdas. O mesmo autor, apenas cinco dias depois, classificou a maior parte do conteúdo do livro de descritivo, elogiando somente os sonetos “*Beatriz*” e “*De tarde*”. O livro também é criticado por Teófilo Ribas não só nos dez artigos publicados por este no jornal *Cearense* entre 27 de janeiro e 6 de março de 1891, mas já antes, na edição de 25 de dezembro de 1890, ele chama o livro de pouco original, critica o poema “Lenço”, o qual considera demasiadamente exagerado, e acusa Sales de plagiar outro poeta, o português Guerra Junqueiro, no poema “Volta das Andorinhas”.

Na edição número 74, de 2 de abril de 1891, do *Libertador: Órgão da Sociedade Cearense Libertadora (CE)*, José Carlos Junior, autor do também criticado prólogo do livro de Sales, rebateu as avaliações negativas em um texto intitulado “O “Pano de Boca” e os seus... críticos”. Depois de mencionar argumentos utilizados pelo crítico do *Cearense* que, para Junior, são indignas de discussões, afirmou que “era desnecessário repelir tais ataques”, porque os *Versos Diversos* já “havia sido laureados pelas críticas mais autorizadas.”.

As críticas mais ferrenhas, contudo, parecem ter sido as de Adolfo Caminha (1867-1897). Através da *Revista Moderna*, da qual era fundador e diretor, atacou *Versos Diversos* em dois artigos. Suas críticas continuaram em *O Estado do Ceará*. Assim como Castro, o autor de *A Normalista* (1893) questionou a qualidade do prólogo e creditou o sucesso do livro à influência de Cruz e Sousa (1861-1898), João Ribeiro, Valentim Magalhães e Artur Azevedo (1855-1908), renomados autores e amigos de Sales. Para Caminha, autores consagrados já aclamados costumavam elogiar escritores iniciantes, o que teria ajudado o fundador da Padaria Espiritual, para quem faltava “a nota indefinível e sublime” que imortaliza e glorifica os grandes escritores (Caminha apud Bóia, 1984, p.94).

Antônio Sales defendeu-se publicamente, rebatendo os ataques de Caminha em três crônicas publicadas no *Libertador*, nos dias 16, 17 e 18 de abril, assegurando sentir-se surpreso por críticas tão ferrenhas vindas de alguém com quem mantinha boas relações. Da mesma forma, renega a ideia de que *Versos Diversos* fora favorecido apenas por suas amizades, afirmando que o simples fato de supor que autores renomados e responsáveis seriam capazes

de tecer boas críticas a uma obra “simplesmente porque o autor tem amigos no Sul não é somente uma ofensa à dignidade alheia como também um mal indício do quilate da própria dignidade” (Sales apud Bóia, 1984, p. 97).

Trovas do Norte foi publicado no dia 2 de abril de 1895. Trata-se de um compêndio de poemas escritos entre os anos de 1891 e 1894. O livro era dividido em duas partes: *Erradias* e *Íntimas*. Esta era composta de versos dedicados à sua esposa Alice; aquela, por belas composições poéticas que o poeta dedicara a companheiros do *Centro Literário* e da *Padaria Espiritual*. Muitos desses escritos foram lidos para os membros da *Padaria* durante as fornadas, e outros tantos haviam sido publicados nos jornais *A República* e *Libertador* (Bóia, 1984, p.198).

O Poema abaixo foi publicado no *Libertador* no dia 16 de setembro de 1891:

PESCA DA PÉROLA

O coração é concha bipartida:
Nós guardamos no peito uma metade,
E a outra, quem, o sabe? — anda perdida
Entre as vagas do mar da humanidade.

Do escafandro das ilusões vestida,
Rindo, mergulha a afoita mocidade,
Buscando um ser que lhe complete a vida,
Que lhe povoe do peito a soledade.

Encontra algum essa afeição sonhada
E à tona sobre erguendo a nacarada
Valva que guarda a pérola do amor...

outro, porém, de balde as águas sonda,
Desce, a rolar, aflito, de onda em onda...
E não mais torna o audaz mergulhador!
(JORNAL DE POESIA)

O soneto, por meio de associações com o universo marinho, fala sobre a busca pelo amor, por uma alma gêmea, a outra metade da “concha bipartida” que reside no peito dos homens. O ser humano, representado aqui por sua mocidade (segundo verso do segundo quarteto) – período da vida em que se é mais audacioso (“afoito”) – busca por um(a) parceiro(a) que o(a) livre da solidão com coragem e confiança (“rindo”). Para tal, “mergulha” entre as “vagas do mar da humanidade”, onde se pode (terceiro verso da terceira estrofe) ou não (terceiro verso da última estrofe) encontrar a “afeição sonhada”.

Na edição número 211, de 29 de dezembro de 1892 de *A República*², encontra-se, dentre outros, o poema “Tardes Tristes”. Composto por 15 quartetos, o poema, como sugere o título, nos apresenta um eu lírico melancólico que sofre por um amor perdido. Na quarta e na quinta estrofes, a descrição do espaço ajuda a criar a atmosfera de tristeza, de ambiente tenso, pesado, infeliz. Tem-se um “firmamento nublado”, triste como um “rosto sulcado” de “desgosto”. A tristeza também aparece nas “nuvens de chuva”, descritas como “tristonhas” e “pesarosas”:

[...]

O firmamento nublado
Tem a tristeza de um rosto
Profundamente sulcado
Pela ruga de um desgosto.

Tristonhas nuvens de chuva
Velam a face do céu,
Pesarosas como o véu
Que cobre um rosto de viúva.

[...]

A tristeza da tarde leva o eu lírico a sentir saudades (sexta estrofe): “Uma tristeza languente/ Todas as coisas invade;/ E abre-se na gente/ Uma bonina – a saudade. É uma saudade.” Os versos seguintes, sétimo e oitavo, falam de uma saudade que traz à memória momentos de alguma coisa ou de alguém que faz parte de um passado distante (“longínqua e vaga”), cuja lembrança entristece (“o riso no lábio esmaga”):

[...]

Saudade longínqua e vaga
Como a fimbria do horizonte

Que nos faz vergar a fonte
E o riso no lábio esmaga.

Saudade que evoca o bando
De umas visões encantadas
Que ante nós vão desfilando
Tristes, hereis, desbotadas...

[...]

² Versão digitalizada disponível para consulta pública no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

É também em *Trovas do Norte* que foi publicado o soneto “Flor Mortal”, vencedor do concurso de poesia promovido pelo jornal *A República* em 1893. O poema narra de maneira poética o enleio entre a flor do título, uma planta carnívora, e um inseto, que se deixa envolver pela presa tal qual um amante encantado pelo ser amado:

FLOR MORTAL

Na terra hostil do negro continente,
medra uma flor de inebriante cheiro,
que descerra seu cálice rescendente
às carícias do inseto aventureiro.

Fascinado, num ímpeto fremente,
ele beija-lhe o lábio traiçoeiro ...
E ela estremece àquele beijo ardente,
no delíquio do espasmo verdadeiro.

Então a flor mortal contrai-se toda
na convulsão de uma volúpia doida,
estrangulando a enamorada presa.

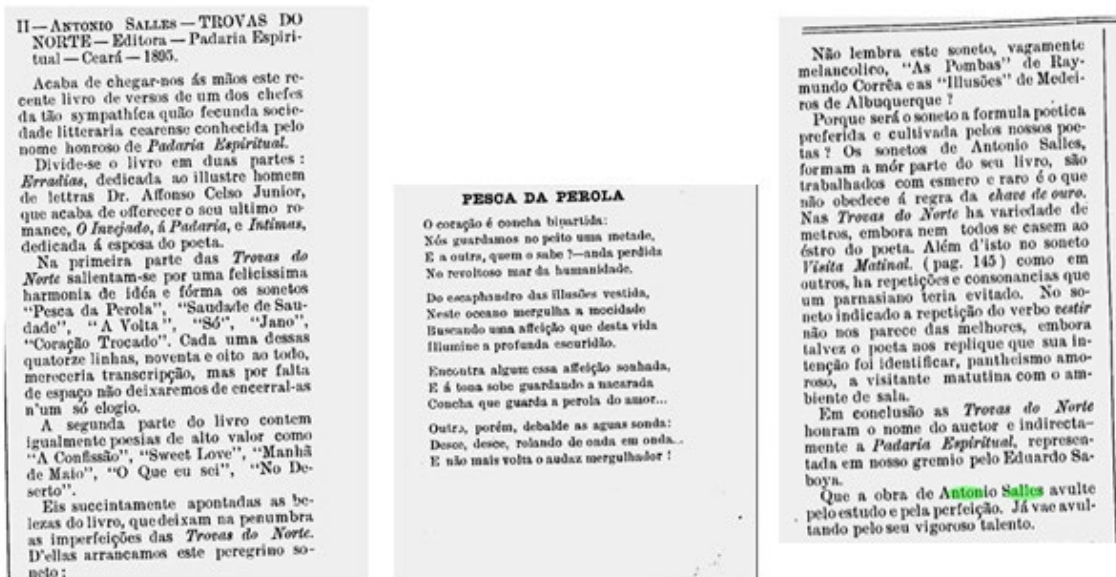
E ele o sono da morte ilimitado
fica a dormir no seio perfumado
dessa Bórgia fatal da Natureza ...

(Sales apud Bóia, 1984, p.177-178)

Assim como *Versos Diversos*, *Trovas do Norte* proporcionou notoriedade ao poeta. Menções ao livro e ao seu autor são encontradas desde antes de sua publicação. O jornal *Estado de Minas Gerais: Órgão Oficial* e *O País*, bem como a revista *A Época: Revista Militar, Científica e Literária do Pará*, recepcionaram o livro calorosamente. Nesta última, na edição 283, de 1894, foi publicada uma matéria sobre o lançamento do livro. Antônio Sales é descrito como um poeta “vantajosamente conhecido e extraordinariamente aplaudido por todos”, e que esse novo livro, com seus “versos admiráveis”, dar-lhe-iam um lugar de honra entre os principais poetas daquela geração.

Em *A Semana: Volume I (RJ)*, há pelo menos três menções ao livro no ano de 1895. Na primeira, publicada na edição número 72 em 16 de fevereiro de 1895, Antônio é descrito como um “rapaz que no Ceará tem sido o promotor de um grande movimento literário, [...] cujos trabalhos são em geral excelentes, [...] dignos de toda atenção.” Na edição do dia 6 de abril, encontramos a segunda nota, que anuncia a estreia do livro e felicita seu autor. Uma crítica positiva ao livro foi publicada na edição do dia 04 de maio de 1895. Segue um recorte da página do periódico retirada do site da Hemeroteca Digital Brasileira:

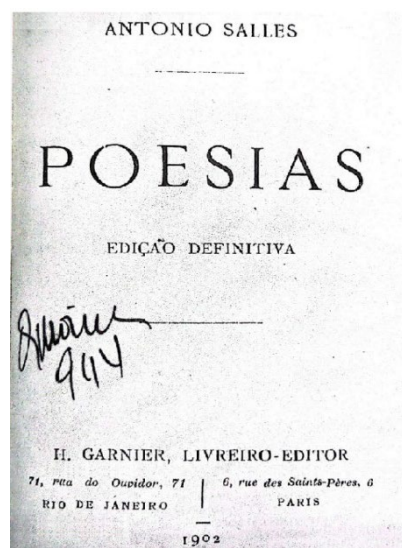
Figura 4 - Recortes da crítica do livro *Trovas do Norte*, publicada em *A Semana*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.

A obra também recebeu críticas positivas do *Correio Paulistano* de 1º de maio de 1895, na coluna "Biografia", na qual se tece um extenso comentário sobre Antônio Sales - "um poeta feito, de reputação assentada", um "cultor da forma", cuja "rima é rica" e a linguagem "imaginosa e fluente" – seguida de uma análise do livro que afirma que *Trovas do Norte* "é um escrínio de joias cintilantes, que deve ser possuído e amorosamente guardado por todos quanto amam as sinceras e verdadeiras manifestações da arte."

Figura 5 - Capa do livro *Poesias*



Fonte: Bóia, Wilson. Antônio Sales e sua época. Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil, 1984, p. 255.

Poesias, publicado em 1902, é uma reunião e reedição de poemas publicados em livros anteriores com algumas modificações. Não se encontra muito material disponível para consulta sobre essa obra.

Panteon, de 1919, é uma compilação de oito sonetos, impressos em formato de folheto, dedicados ao fim da Primeira Guerra mundial em 11 de novembro de 1918. Dos oito poemas, seis foram escritos em versos alexandrinos e dois em versos decassílabos. Estes foram ofertados ao Brasil e à Bélgica; aqueles, ao Cardeal Mercier (1851-1926) – religioso belga reconhecido por sua ferrenha defesa em favor da resistência belga à ocupação Alemã –, à França, à Inglaterra e à Woodrow Wilson (1856-1924), presidente dos Estados Unidos da América na época. Foi com tom de eloquência e muita exaltação ao Brasil, à Rui Barbosa, que era contrário a uma postura de neutralidade mediante os conflitos, e ao General Tertuliano de Albuquerque Potiguara, alçado ao posto de tenente-coronel por sua atuação indômita na missão militar enviada à França em 1918:

Ao Brasil

Ó minha Pátria, tu fizeste um nobre gesto
repelindo o teutão, que te afrontava, e dando
mão de amigo aos heróis que estavam libertando
o mundo de um poder tirânico e funesto.

Por ti falou bem alto o verbo pulcro e honesto
De Rui – águia de luz, que, os ares dominando,
Projetou seu clarão nesse arsenal infando,
Onde as armas forjava o germânico *Efesto*.

Essa voz entre a voz dos canhões foi ouvida,
e a verdade rolou como pedra incontida
calcando de mentira a venenosa seara.

Dos teus nautas o mar bebeu o sangue ardente
E o auriverde pendão palpitou bravamente
No pulso varonil do heroico Potiguara.

(Sales apud Bóia, 1984, p. 294)

Minha Terra, publicado em 1919, foi o último livro de poemas de Antônio Sales lançado em vida do autor. segundo as palavras do também poeta Mário Linhares (1889-1965), a obra “mostra bem sua delicada sensibilidade de poeta, vibrante de emoção e luminoso de pensamento” (Linhares, 1941, p. 79). Trata-se de uma coletânea de poemas em que o poeta versa sobre seu apreço por sua terra natal. De acordo com a professora, escritora e ativista pela causa feminina Alba Valdez (1874-1962) em *O Ceará na obra de Antônio Sales* (1941), *Minha*

Terra é um livro de “subjetivismo adorável, de ressonâncias duradouras”, escrito durante o tempo em que o poeta viveu “longe do céu cearense” (p.45). Tal afirmação encontra amparo em versos do poema inicial do livro, denominado “Ofertório”:

[...]

Eu, que sempre te amei e mais te amando
Quando, na terra alheia,
Com saudades de ti andei chorando
E meus prantos dispersos,
Caídos sobre a areia
Da gleba estranha, transformando em versos;

[...]

Eu te ofereço nesta pobre taça
De uma folha colhida ao pé da fonte
– O vaso que melhor a água prateia –
Todos os quentes e saudosos prantos
Que, nos momentos de esperança escassa
De te rever, verti na terra alheia.

[...]

(Sales apud Valdez, 1941, p.48)

Águas passadas, de 1944, foi publicado quatro anos depois o falecimento de Antônio Sales. Assim como um de seus predecessores, *Poesias*, não há muita informação disponível sobre essa obra para consulta. De acordo com Herman Lima (1897-1981), no Prefácio de *Novos retratos e Lembranças*, Sales parecia mais inclinado à produção de composições líricas permeadas de doçura e tranquilidade, principalmente em *Versos Diversos* e em *Águas passadas*, contudo, nesse último “não são raras as notas de uma contida sensualidade e de um quente colorido” (Sales, 1995, p.18-19).

Ainda segundo Herman Lima, na edição número 42 da revista do Rio de Janeiro *Leitura: crítica e informação bibliográfica*, publicada em abril de 1947, na qual assinou uma reportagem de duas páginas sobre Antônio Sales e sua obra, *Águas Passadas* reúne poemas de Sales publicados no Rio de Janeiro ao longo de vinte anos. São poemas de medidas e formas diversas, que de tão variados e numerosos não conferem homogeneidade ao livro. Nas palavras dele: “Neste livro, o poeta continua em plena forma, de clara inspiração e verso límpido, fiel aos moldes escorreitos, mas sem os exageros da escola parnasiana” (Lima, 1947, p.41).

Além de compor poesias, Sales também se aventurou por outros gêneros textuais. Praticou sua veia satírica por meio de duas peças teatrais. A primeira foi *A política é a mesma*, de 1891. Trata-se de uma peça sobre os acontecimentos políticos mais relevantes daquela época,

período em que o Ceará era governado pelo General José Clarindo de Queirós (1841-1893), cujo comando se estendeu desde sua nomeação em 7 de maio de 1891 até 16 de fevereiro do ano seguinte, quando foi deposto de seu cargo em decorrência da Proclamação da República. Na peça, Sales satirizava Queirós, com a participação do Tenente Alfredo Peixoto (1867-1892) - oficial da marinha e “escritor tão festejado no Ceará ao tempo do Café Java, e que é citado nas *Cartas Literárias* (1895) de Adolfo Caminha (Nogueira, 2017) – e dos músicos: o maestro, tenor, compositor e instrumentista (Cerqueira, 2023) Antônio Rayol (1863-1904); o Capitão Francisco Benévolo, autor do hino da Escola Militar do Ceará e deputado estadual; o Cadete Oscar Freital, deputado estadual e flautista talentoso (BÓIA, 1984, p. 111 e 112).

A peça era composta por 23 quadros divididos em 3 atos e foi dramatizada pelo Grêmio Dramático Militar. O espetáculo estreou no dia 14 de julho de 1891, e estiveram presentes o “homenageado”, General Clarindo de Queirós, e o Cônsul Francês. A data de estreia foi, segundo Bóia (p.111), estrategicamente escolhida, possivelmente uma referência à Queda da Bastilha, que se deu no mesmo dia, mas no ano de 1789. A Queda da Bastilha foi o estopim para a Revolução Francesa – sendo a Bastilha uma representação do regime absolutista. *A política é a mesma* contou com apenas quatro representações. Além da primeira que acabamos de mencionar, também foi encenada em 18 de julho e 1º e 30 de agosto. Na edição de 26 de setembro de 1892 do jornal *Pacotilha*, do Maranhão, há uma menção à peça:

Figura 6 - Recorte do jornal *Pacotilha*



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=%22a%20pol%C3%ADtica%20%C3%A9%20a%20mesma"&pagfis=13325](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20189&pesq=%22a%20pol%C3%ADtica%20%C3%A9%20a%20mesma).

Uma segunda peça teatral viria mais tarde, em 1931: *O Mata-pau*, peça de cunho político que jamais foi encenada. Com um título que faz jus à trama³, *O Mata-pau* é uma comédia em três atos que “satiriza os costumes da política brasileira” (Bóia, 1984, p. 387), através da história de um bom homem, um advogado, que ao decidir ajudar um amigo acaba sendo usado e traído por ele. *O Mata-pau* é permeado por provérbios e conceitos de política. O poeta também aproveita para fazer defesas ao Rio de Janeiro, conforme é possível observar no seguinte trecho da cena I do terceiro ato: “O Rio é a terra generosa e acolhedora por excelência. De todos os Estados chegam diariamente aqui indivíduos que vêm atrás de colocação” (Bóia, 1984, p. 388).

Em 1911 publicou outra sátira: *O Babaquara: subsídios para a História da Oligarquia do Ceará* (1911), escrito sob a alcunha de Martin Soares. De acordo com Bóia (1984), foi escrito em apenas dois meses, setembro e outubro, do ano de 1911. Mais um exemplo da verve crítica de Sales, é um livro de estrutura pequena, sem capítulos ou índice, composta por 164 páginas, nas quais se encontram um texto chamado “O Babaquara”, uma nota preliminar e uma nota final (Correia, 2015). O objetivo do livro era devassar o despotismo do “babaquara” em questão, Antônio Pinto Nogueira Accioly (1840-1921), oligarca que controlou a política cearense pelo período que se estendeu de 1896 e 1912, descrito no livro como um “macrocéfalo, de enormes orelhas côncavas e pendentes, lívido, a cabeça metida entre os ombros, com uma voz de sapo, míope e glutão” (Sales Apud Bóia, 1984, p. 253). De acordo com André Brayan Lima Correia, Mestre em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), *O Babaquara* foi escrito por “um intelectual que tem a intenção não só de atacar o governo, mas fazer uma crítica aos ideais políticos vigentes, com isso esse livro tem a intenção de intervir na sociedade do período a partir de uma perspectiva de difundir seus ideais nesse espaço urbano” (Correia, 2015, p.10).

Em *O Babaquara*, Sales mencionou inúmeros casos de abuso de autoridade comandados por Acióli, tais como se aproveitar de funcionários pagos pelo Estado para serviços particulares seus e de sua família, nomear professores sem a adequada habilitação para o exercício da profissão, superfaturar serviços e os outros, inclusive o episódio decorrido com Rodolfo Teófilo, farmacêutico e romancista, que foi atacado pela imprensa oficial e perdeu seu cargo vitalício de professor de Ciências Naturais do Liceu do Ceará depois da publicação do livro *Variola e vacinação no Ceará* (1910), no qual narrava sua batalha pessoal em prol do fim da epidemia (Bóia, 1984, p. 254)

³ s. f. || (Bras.) planta trepadeira da família das clusiáceas (*Clusia insignis*), que faz secar as árvores a que se enrola, outrossim figueira-branca.

No gênero memorialístico, publicou *Retratos e lembranças* em 1938, com uma coletânea de reminiscências e perfis literários. À sua publicação seguiram mais três obras, todas póstumas: *Fábulas brasileiras*, de 1944, um livro de literatura infantil; *História da literatura cearense* e *Novos retratos e lembranças*, em 1995. Assim como dois livros de poema anteriormente mencionados – *Poesias e Águas Passadas* –, há poucas menções a esses livros. *Fábulas Brasileiras* foi dedicado ao neto criança do poeta mineiro Belmiro Ferreira Braga (1872-1937), apresentado por Sales como o “João de Deus Mineiro” em um artigo publicado na imprensa carioca. Sobre essa obra, Lima (1947, p.41) lembra que foi o primeiro livro de Sales voltado para esse gênero, e que mesmo com todo o excelente trabalho perpetrado pelos talentosos fabulistas Fedro, La Fontaine (1621-1695) e Trilussa (1871-1950), conseguiu êxito ao abandonar figuras clássicas e utilizar animais e aves da nossa fauna, tipos sertanejos comuns aos pequenos leitores brasileiros, atingindo “expressões de mais alto lirismo”.

Na prosa de ficção, além dos contos de *O Pão*, periódico da agremiação literária *Padaria Espiritual*, Antônio Sales publicou um único romance, intitulado *Aves de Arribação*, de 1914, o qual estudaremos com maiores detalhes no capítulo 4. Chegou ainda a planejar um segundo romance, o qual seria chamado de *Estrada de Damasco*. O livro, que já contava com nove capítulos completos e um décimo incompleto, narraria a história de uma jovem rica do Rio de Janeiro que, por indicação médica, teria que se mudar para os sertões cearenses. Cheia de preconceitos e ideias falaciosas a respeito do Nordeste, aos poucos ela acabaria se afeiçoando à vida simples na fazenda. Em *Estrada de Damasco*, Sales pretendia:

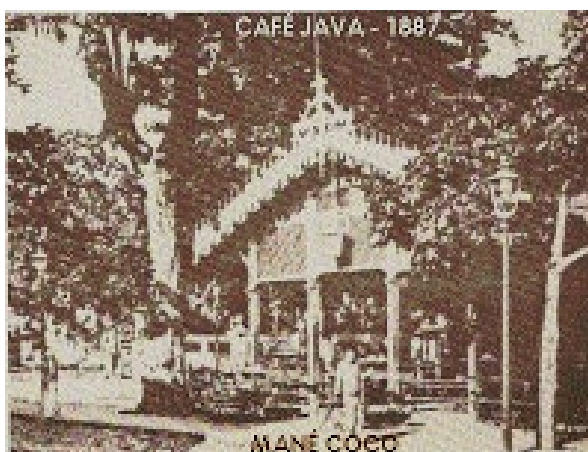
[...] exaltar a opulência da natureza, a hospitalidade e as superstições do povo e a onipotência dos chefes governistas, a quase obsessão dos fazendeiros em fazer de seus filhos doutores, ‘casta de parasitas, aristocracia dos mandarins de unhas compridas, que só fazem devorar e nada produzem’. (Bóia, 1984, p. 530)

Devido aos sérios problemas de saúde de seu autor, o romance jamais foi finalizado. Desse modo, *Aves de arribação*, figura como o único romance de Antônio Sales.

2 A PADARIA ESPIRITUAL

Na capital Fortaleza, a Praça do Ferreira contava com quiosques que serviam como cafés-restaurantes. Esses estabelecimentos se tornaram locais de encontro para que jovens intelectuais da época, na “fase da vida em que tudo são planos, sonhos, desejo de construir alguma coisa” (Azevedo, 2011, p. 17), tratassem, dentre outros assuntos, de literatura. Um desses quiosques – o mais antigo deles – era o Café Java, fundado em 1886 por seu criador e primeiro proprietário Manoel Pereira dos Santos, o Mané Coco.

Figura 7 - Café Java



Fonte: Disponível em: <<http://coisadecearense.com.br/padaria-espiritual/>>.

Homem popular e de pouca instrução acadêmica, Manoel guardava um grande apreço por poetas e pessoas cultas, os quais eram recebidos prazerosamente em seu estabelecimento comercial (O MANÉ COCO DO CAFÉ JAVA, 2011). Foi no Café Java, no dia 30 de maio de 1892, que foi fundada a *Padaria Espiritual*, agremiação literária idealizada por Antônio Sales, a qual, de acordo com Sânzio Azevedo em *O Ceará e os grêmios literários*, seria considerado “o mais original de todos os grêmios de nosso Estado” (1982, p. 124).

Brito e Martins, no artigo “A consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX: o caso da Padaria Espiritual e outros grupos de homens de letras” (2018), afirmam que no Brasil e em outros países, a atividade literária se tornava o centro do estabelecimento da vida cultural do local, uma vez que a literatura, atividade mais conceituada e respeitada, fazia com que a prática de uma atividade letrada gozasse de grande prestígio

(p.426). No Ceará não foi diferente, de modo que, ao longo do século XIX, esse estado foi palco para a criação de inúmeros grupos literários:

[...] Assim como acontecia em todo o Brasil do século XIX, homens letrados e grupos diversos de letrados, ansiosos desde o Romantismo por criar instituições de ampla respeitabilidade social e em gestar, em nossa nascente sociedade, uma cultura capaz de se ombrear aos grandes centros civilizatórios do mundo moderno, esforçaram-se no intuito de criar grupos, agremiações e movimentos capazes de nos dotar de um perfil semelhante ao ostentado, sobretudo pelos países europeus, então centros de emanção literária, filosófica e científica dos finais dos oitocentos. (BRITO & MARTINS, 2018, p.428)

Segundo Gleudson Cardoso, “vários intelectuais cearenses formavam agremiações literárias, espaços de sociabilidade entre os escritores, onde discutiam assuntos como literatura, ciências, filosofia, artes e política” (2002, p. 16). De fato, no ano de 1812, quando ainda era apenas um vilarejo, o governador cearense, o português Manuel Ignácio Sampaio (1778 - 1856), um grande apreciador de poesias, reuniu poetas e formou um grupo de reuniões literárias chamado *Os Oiteiros* (Barroso, 2014). Em 1870, o jovem Raimundo Antônio da Rocha (1855-1878), Fausto Domingues e João Lopes (1854- 1928) fundaram a agremiação *Fênix Estudantil*, “que reunia jovens letrados e inquietos em relação ao destino espiritual do povo cearense” (Pinheiro, 2019). João Lopes também participaria de outras agremiações: a *Academia Francesa* (1873) – juntamente com Rocha Lima (1855-1878), Araripe Júnior (1848-1911), Capistrano de Abreu (1853-1927), Thomás Pompeu Filho (1852-1929) e Xilderico de Faria (1851-1876) – e o *Clube Literário* (1886).

Segundo Sânzio de Azevedo, a *Academia Francesa* não tinha a pretensão de formar um grêmio, mas reuniu “um dos grupos de maior peso na história cultural da nossa província” (1982, p.124). Criticavam veementemente os setores mais tradicionais da sociedade, em especial a Igreja, porque sua influência “nos modos de pensar e viver dos cidadãos” seria “a causa do atraso material e moral daquela sociedade” (Cardoso, 2002, p.17). Seguindo o mesmo viés crítico-social, a então já extinta *Academia Francesa*, juntamente com o movimento abolicionista, serviram de base para a consolidação do *Clube Literário*. Fundado no dia 15 de novembro de 1886 e idealizado por João Lopes, tinha como objetivo “ser apologista das ideias modernas oriundas da Europa” (Pinheiro, 2019). Produziram a revista *A Quinzena*, na qual fizeram publicações pautados nas teorias filosóficas de Comte (1798-1857), Charles Darwin (1809-1882), Hippolyte Taine (1828-1893) e Herbert Spencer (1820-1903), entre outros, dando entrada para o Realismo cearense, que viria a ser concretizado mais tarde com o surgimento da *Padaria Espiritual* (Azevedo, 1982, p.124). O jornal *A República* acompanhou de perto o

movimento da agremiação. O estabelecimento desse grêmio recebeu uma nota na 1ª página da edição nº 32, de 20 de maio de 1892:

Brevemente se instalará nesta capital uma sociedade de rapazes de letras, que se denominará *Padaria Espiritual* e cujo fim, é, segundo nos informaram, *fornecer pão de espírito aos sócios em particular e aos povos em geral*.

Informam-nos mais que o programa da Padaria Espiritual é o mais curioso, o mais original, o mais *fin de siècle* que se pode conceber.

Já acham-se inscritos muitos rapazes da nossa boemia literária, que prometem azorregar a golpe de audácia a nossa indiferença por tudo quanto diz respeito à Arte.

Hurrah pelos intemeratos Padeiros!

A *Padaria Espiritual* era constituída não só por escritores, mas também por jovens músicos e pintores cearenses, indivíduos cultos e aspirantes ao cenário artístico nacional. Sem pretensões de formar um grêmio, segundo Azevedo, a academia reuniu “um dos grupos de maior peso na história cultural da nossa província” (1982, p. 124). Os rapazes criticavam veementemente os setores mais tradicionais da sociedade, em especial a Igreja, por sua influência “nos modos de pensar e viver dos cidadãos” (Cardoso, 2002, p. 17).

A ideia para a criação da *Padaria* surgiu de um debate entre Antônio Sales, que naquela época já havia publicado seu primeiro livro, e alguns dos amigos com quem se reunia – todos ainda em início de carreira – no Café Java. Dois deles, os escritores Ulisses Bezerra e Sabino Batista (1969-1899), eram favoráveis à criação de uma nova agremiação literária que reacendesse o fervor literário cearense, o qual, segundo eles, não tinha mais a mesma efervescência que tivera em ocasião da criação da *Academia Francesa*, e do *Clube Literário*, (Azevedo, 2011, p. 18).

Inversamente ao que acreditavam Batista e Bezerra, para Antônio Sales o problema não estava na falta de grêmios, mas no aspecto formal e antiquado com que esses eram organizados, sem algo de inovador e atrativo que chamasse a atenção dos jovens e repercutisse nacional e internacionalmente. As ideias de Sales trouxeram congruência a todos, e a ele próprio foi atribuída a responsabilidade de escolher um nome e criar um estatuto para esse novo grupo que se formava. Assim, surgiu o nome – *Padaria Espiritual* – e os estatutos da agremiação, os quais foram denominados de *Programa de Instalação*.

Em seus 43 artigos – publicados em *A Padaria Espiritual*, de Sânzio de Azevedo (1970) – observa-se uma agremiação original, que pretendia inovar sem deixar de valorizar personalidades do passado, e que mesmo pautada no humor, preocupava-se com temas importantes para a sociedade, tais como educação e conservação da cidade. O programa

evidenciava uma aversão à ordem em vigor naquele momento, em especial à polícia e ao clero. Também havia um total desprezo pelos costumes romântico-burgueses. Na coluna “Saco de Ostras”, espaço de publicação de pensamentos dos padeiros, encontramos algumas máximas que corroboram o posicionamento antiburguês dos padeiros. Os exemplos abaixo, assinados por Sabino Batista, foram retirados, respectivamente, dos números 3, de 6 de novembro de 1892, e 4, de 13 de novembro de 1892, de *O Pão*: “A pança de um burguês é o princípio do seu castigo.” (p. 2); “O burguês é como uma boia que não vive nem vegeta – flutua.” (p. 8).

Os artigos I e II tratam da estrutura e do conceito norteador da agremiação. O pão é o alimento para o corpo assim como a literatura, arte, é o alimento para o espírito. Assim, em uma clara alusão ao universo da panificação, a *Padaria Espiritual* tinha o objetivo de fornecer “pão de espírito” ao povo e aos seus componentes: os padeiros. Estes poderiam ser não apenas jovens escritores, mas também músicos e pintores cearenses. A *Padaria* foi o local de encontro desses jovens e cultos aspirantes ao cenário artístico nacional. *O Pão* é o produto da Padaria: o periódico. Os encontros dos padeiros eram as *Fornadas*, e *Forno* era o modo como se chamavam os locais em que aconteciam tais encontros. Além dos Padeiros, a *Padaria* deveria ser dirigida por um presidente (Padeiro-mor), dois secretários (Forneiros), um tesoureiro (Gaveta), um bibliotecário (Guarda-livros), um Investigador das *Cousas* e das *Gentes* (Olho da Providência) e demais associados (Amassadores). Existia também o cargo de Primeiro-Forneiro (Secretário), ocupado por Antônio Sales nas duas fases da agremiação.

Nos artigos III e IV fica determinado que *A Padaria* poderia ter no máximo 20 sócios. Demais membros seriam considerados sócios honorários (*Padeiros livres*). Como critério de admissão na Padaria, uma vez que esta já estivesse instalada, seria necessário produzir algum trabalho artístico que fosse aprovado pelos demais participantes. Nos dois artigos posteriores, V e VI, ficava estabelecido que os Padeiros adotariam “nomes de guerra”, pseudônimos por meio dos quais deveriam se autodenominar (tabela 1).

Tabela 1 - Os padeiros e seus “nomes de guerra”

PADEIRO	PSEUDÔNIMO
Jovino Guedes	Venceslau Tupiniquim
Antônio Sales	Moacir Jurema
Tibúrcio de Freitas	Lúcio Jaguar
Ulisses Bezerra	Frivolino Catavento
Carlos Vítor	Alcino Bandolim
José de Moura Cavalcante	Silvino Batalha

Raimundo Teófilo de Moura	José Marbri
Álvaro Martins	Policarpo Estouro
Lopes Filho	Anatólio Gerval
Temistócles Machado	Túlio Guanabara
Sabino Batista	Sátiro Alegrete
José Maria Brígido	Mogar Jandira
Henrique Jorge	Sarasate Mirim
Lívio Barreto	Lucas Bizarro
Luís Sá	Corrégio del Sarto
Joaquim Vitoriano	Paulo Kadalaskaia
Gastão de Castro	Inácio Mongubeira
Adolfo Caminha	Félix Guanabarino
José dos Santos	Miguel Lince
João Paiva	Marco Agrata
Antônio de Castro	Aurélio Sanhaçu
José Carlos Júnior	Bruno Jaci
Rodolfo Teófilo	Marcos Serrano
Almeida Braga	Paulo Giordano
Valdemiro Cavalcante	Ivan d'Azof
Antônio Bezerra	André Carnaúba
José Carvalho	Cariri Braúna
X. de Castro	Bento Pesqueiro
José Nava	Gil Navarra
Roberto de Alencar	Benjamim Cajuí
Francisco Ferreira do Vale	Flávio Boicinga
Artur Teófilo	Lopo de Mendoza
Cabral de Alencar	Abdul Assur
Eduardo Sabóia	Brás Tubiba

Fonte: A autora, 2022.

Os artigos VIII e IX estabelecem quando e como deveriam acontecer os encontros dos padeiros (Fornadas). As ações realizadas lá deveriam ser registradas em um livro de atas, conforme disposto no artigo XII. Escrito com uma linguagem que "destoava do tom conselheiral das sociedades congêneres" (Mota, 1938, p.35-6). Esse livro, considerado desaparecido por muitos anos e posteriormente encontrado nos arquivos do Instituto do Ceará (Azevedo, 2011,

p.22), é de grande valia para os estudos sobre a *Padaria*, não só por trazer novas curiosidades, mas também por relatar detalhes das sessões, cuja veracidade é assegurada pelos testemunhos dos próprios Padeiros. Assim conhecemos, por exemplo, o fato de Antônio Sales dirigir Fornadas mesmo fora do cargo de Padeiro-mor nos anos de 1892, 1894 e 1895. Cita-se aqui também o relato de Ulisses Bezerra, sob o pseudônimo Frivolino Catavento, na ata da primeira Fornada da agremiação, na qual após contar que os participantes ao final daquela sessão saíram rua afora em serenata, termina declarando que os fatos narrados eram verdadeiros porque ele os tinha presenciado (2011, p.23).

O regulamento que conferia proibição estrita ao uso de palavras estrangeiras, bem como a menção a qualquer animal ou planta que não fizessem parte da fauna e da flora brasileira, constam nos artigos XIV e XXI. Os pseudônimos adotados pelos padeiros ilustram esse princípio da agremiação: a exaltação da língua portuguesa. Assim, Venceslau Tupiniquim, Moacir Jurema, Mogar Jandira, Felix Guanabarino, Bruno Jaci e Túlio Guanabara, são claras referências a nomes indígenas; o sanhaçu, um pássaro, e a tubiba, um tipo de abelha, ambos encontrados em diversos estados do Brasil, exemplificam a apologia à fauna brasileira, nos pseudônimos Aurélio Sanhaçu e Brás Tubiba; a flora também é representada por meio do nome de árvores e frutos típicos do território brasileiro, especialmente da região nordeste, como em Inácio Mongubeira, Cariri Braúna, André Carnaúba e Benjamin Cajuí.

Dos artigos XV ao XX, bem como nos artigos XXIII, XXVII e XXVIII encontram-se instruções voltadas para as obrigações dos padeiros:

- 1) Comparecer nas fornadas elegantemente vestidos – artigos XV e XXVII;
- 2) Promover a manutenção do bom humor por meio da obrigatoriedade da contação de histórias engraçadas – artigo XVI;
- 3) Produzir obrigatoriamente obras originais – artigo XVII;
- 4) Defender outros padeiros contra “qualquer cidadão ignaro” – segundo Azevedo, a palavra “ignaro” está relacionada tanto às pessoas ignorantes quanto aos burgueses – artigo XVIII;
- 5) Evitar lugares comuns e resistir a quaisquer práticas que remetam ao Romantismo - a alusão ao famoso poema de François de Malherbe (1555-1628), poeta e reformador francês desenvolvedor de regras poéticas que permaneceram em uso desde o Classicismo até o Romantismo, as quais, no final do século XIX, já haviam se tornado “um recurso surrado para se mencionarem coisas efêmeras.” (Azevedo, 1970, p. 147). O mesmo pode ser dito com respeito às “folhas mais ou menos perfumadas dos álbuns”, referência ao hábito dos poetas

deixarem poemas em álbuns femininos, bem como à prática de recitar poemas ao piano, costumes que resistiram até o primeiro semestre do século XX e que poderiam estar relacionados ao romantismo. (Azevedo, 2011, p.26,28 e 29) – artigos XXVIII e XIX;

- 6) Optar pela versificação ao descrever ideias – artigo XXIII;
- 7) Valorização de artistas consagrados – a menção ao termo “tirar o chapéu” relacionado a mestres como William Shakespeare (1564-1616), Luís Vaz de Camões (1524-1579 ou 1580), Homero (928 a.C-898 a.C.), entre outros, reflete o grande respeito que os padeiros nutriam pelos escritores conceituados do passado apesar de todo o espírito galhofeiro e inovador da Padaria. (2011, p.26) – artigo XX.

O professor Sânzio Azevedo (1970 e 2011) chama a atenção para alguns artigos cujas determinações não se cumpriram efetivamente:

- 1) Os planos de organizar um Cancioneiro popular cearense, conforme previsto no artigo XXXIV, não seguiu em diante, contando apenas com 35 trovas coletadas pelo padeiro José Carvalho (1855-1934), que seriam impressas nos números 33, 34 e 36 de *O Pão*, jornal da agremiação;
- 2) o artigo XXXV é sobre *O Pão*, cujo primeiro número foi impresso na tipografia d’Operário, ao contrário do que indica o artigo, segundo o qual o periódico seria publicado após “a montagem dos maquinismos” (1970, p.149);
- 3) A presença de correspondentes em “todas as capitais dos países civilizados” (2011, p.32) se mostrou impraticável, embora “literatos de primeira água” à serviço da Padaria não faltaram;
- 4) Contrariando o artigo XXXVI, a *Padaria* também não conseguiu preparar um livro, sobre o Padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa (1803-1872), o Padre Verdeixa, conhecido por um notável desequilíbrio mental, segundo apontado pelo Barão de Studard em seu *Dicionário bibliográfico Cearense* (1910, p. 23).

O bom humor e o deboche dos padeiros transparecem no texto do programa. No artigo X, por exemplo, usa-se a palavra “vítima” para indicar a celebridade escolhida como alvo de estudo e crítica demolidora de um padeiro: “... serão designados com a precisa antecedência o dissertador e a vítima” (p. 22). Já no artigo XXXI, no qual se propõe que um dos padeiros redija “uma monografia a respeito do incansável educador professor Sobreira e suas obras”, a

descontração se encontra na menção irônica ao professor João Gonçalves Dias Sobreira, que era alvo da implicância dos padeiros.

Os artigos XXXII, XXXIII e XL, demonstram preocupação com as instituições de ensino públicas e particulares da capital cearense. Inclusive, a *Padaria Espiritual* enviou um ofício ao Governador do Estado, José Freire Bizerril (1850-1926), propondo novos horários de abertura para a Biblioteca Pública. No que, segundo Azevedo (2011, p.33), foram demonstrações de influência da *Academia Francesa*, fundadora de uma escola pública, a Escola Popular, em 1874 (Colares, 1979), a agremiação fundada por Sales defendia a criação de aulas noturnas e a obrigatoriedade do ensino público primário.

Ainda de acordo com o professor Sânzio Azevedo, o Programa de instalação da Padaria Espiritual com toda comicidade, descontração e inovação mostra o segredo do grande sucesso obtido pela agremiação provinciana (2011, p.35):

Não é preciso dizer que nunca associação cultural alguma havia apresentado um programa com tanto humor, e sobretudo tão diferente de tudo quanto se fazia e que já, naquele tempo, começava a cansar. Daí o êxito estrondoso do grupo cearense, não somente no Ceará, mas até mesmo no Rio de Janeiro, então Capital Federal, onde nem sempre tinham boa repercussão as coisas da província.

A *Padaria Espiritual* logo ficou conhecida. Por meio da agremiação, os padeiros, jovens escritores oriundos de um nicho cultural periférico do Brasil, conseguiram chamar a atenção de autores renomados e influentes de outros polos culturais do país, tais como Olavo Bilac (1865-1918), Coelho Neto (1864-1934) e Raimundo Correia (1859-1911), que atuaram a serviço da agremiação como “padeiros-correspondentes”. De fato, os padeiros empreenderam uma bem-sucedida e intensa troca de revistas, publicações, panfletos etc., não só entre os estados brasileiros, como também com outros países entre a Europa e o Brasil (Mendes, 2012).

2.1 *O Pão e as fases da Padaria*

Fruto da *Padaria*, o periódico *O Pão* publicou 36 números ao total, que acompanharam mudanças e acontecimentos que precipitaram reestruturações na agremiação – mudança de presidência, saída (ou morte) de colaboradores, etc. Há, contudo, divergências quanto ao número de fases pelas quais passou a *Padaria*. Wilson Bóia em *Antônio Sales e sua época* (1984), no capítulo que trata sobre a *Padaria* e *O Pão*, estabelece três fases distintas para a

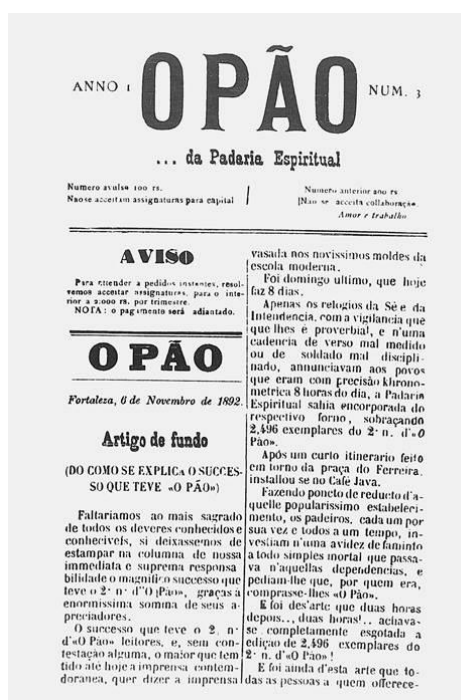
agregação, cada qual sob a administração de um padeiro-mor diferente: 1ª fase 30/05/ 1892 a 28/11/1894 – Jovino Guedes; 2ª fase: 28/11/1894 a 19/07/1896 – José Carlos Júnior; 3ª fase: 19/07/1896 a 20/12/1898 – Rodolfo Teófilo. A mesma concepção de divisão é compartilhada por Edmilson Caminha Júnior, que aponta que para Pedro Nava, filho do padeiro José Nava e sobrinho afim de Sales, a *Padaria* teve três fases (Caminha, 1980, p.200). Nesse trabalho, contudo, seguiremos as orientações do professor Sânzio de Azevedo, que, seguindo os passos do próprio Sales (2011, p.36), divide a atividade da Padaria em duas fases distintas, conforme veremos em seguida.

A primeira edição de *O Pão* data de julho de 1892, marca o início da primeira fase, que teve 6 números, de julho a dezembro de 1892. Era composto de oito páginas divididas em duas colunas. Se pesquisarmos *O Pão* na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, veremos apenas 5 edições. Tal curiosidade se deu por um erro: a edição nº 3 era uma reprodução da nº 2. Ao desconsiderar-se o texto repetido, ocorreria também uma falha na numeração. Assim, a edição nº 4 torna-se nº 3, a nº 5 vira nº4, e assim por diante. Esse primeiro momento foi a fase das pilhérias, da irreverência, do bom humor exacerbado, beirando por vezes o escândalo (Azevedo, 2011, p. 36):

[...] era a época em que, da sacada do segundo prédio que serviu de sede ao grêmio (Rua Formosa, nº106), um dos “padeiros”, de barbas postiças, fazia discursos para o povo que se aglomerava nas ruas; [...] faziam-se piqueniques em que os “padeiros”, ao som de violinos (certamente os de Henrique Jorge e Carlos Vítor), conduziam um pão de três metros de comprimento, e tudo era motivo de riso.

Os primeiros exemplares eram publicados de forma irregular e vendidos por 60 réis, subindo rapidamente para 100 réis a partir da terceira edição.

Figura 8 - Primeira página da edição número 1 de *O Pão*



Fonte: Azevedo, Sânzio de. Breve história da Padaria Espiritual. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

Nessa fase, observa-se um periódico mais espontâneo, espirituoso e satírico (Azevedo & Carvalho, 1992), evidenciando a jovialidade dos colaboradores da padaria, que naquele momento desejavam ser “apenas os ‘rapazes de letras e artes’ sem maiores pretensões” (Alencar, 1982). O primeiro Forno, como era chamado o local de onde saíam as fornadas, ou seja, onde aconteciam os encontros dos padeiros, foi um armazém desocupado que se localizava na zona portuária de Fortaleza. Lá os padeiros organizavam festas, animadas, barulhentas e regadas a bebidas alcóolicas.

A edição de 17 de novembro de 1892 de *A República* exemplifica esse aspecto descontraído e festivo da agremiação: “A música dos Aprendizes Marinheiros tocou à noite em frente à Padaria Espiritual, que se conservou-se iluminada e embandeirada, festejando também o 3º aniversário da nossa república”. Um outro exemplo da jovialidade dos padeiros eram os cúmulo, pequenos textos humorísticos espalhados ao longo das seis edições. O cúmulo abaixo, assinado por V. (de Venceslau Tupiniquim, pseudônimo do padeiro Jovino Guedes), foi publicado na edição número 03: “Cúmulo de ourivesaria: - Fazer um anel para o dedo... do Destino.”

Vinte e um padeiros compuseram essa fase da Padaria, os vinte membros, conforme previsto no Programa de Instalação, mais um, Antônio de Castro (1872-1935), que se juntou ao grupo posteriormente. Segundo registro na ata da sessão do dia 20 de junho de 1892, José Marbri recomendou o poeta, que após ter um de seus poemas – “Fragmentos” – considerado “decente” pelos padeiros, foi acolhido pelo grupo (Chagas, 2011). Também foram padeiros: Lopes Filho, Ulisses Bezerra, Álvaro Martins, Sabino Batista, Adolfo Caminha (1867-1897), Lívio Barreto, entre outros (Netto, 2017). Antônio Sales, criador da agremiação, preferiu ser o Primeiro-forneiro, ficando para Jovino Guedes (1892-1894) o cargo de Padeiro-mor.

Com um total de 30 edições, a segunda fase começou em 1894, após um intervalo de dois anos pelo qual *O Pão* deixou de ser impresso devido a questões financeiras (Mota, 1994). Antônio Sales foi o Padeiro-mor durante esse período, e o periódico voltou a ser publicado em 1895, de forma regular a cada quinze dias e ~~continuou~~ ~~ainda~~ contando com oito folhas, ~~então~~, as quais ~~estas~~ passaram a ser divididas em três colunas mais longas.

Figura 9 - Primeira página da edição número 7 de *O Pão*



Fonte: Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=706965&pagfis=41>>.

Nesse novo período, *A Padaria* passou por mudanças e reorganizações internas: falecimento e dissidência de padeiros, mudança de presidência, entre outros. Desse modo, a

agremiação perdeu alguns de seus membros – Joaquim Vitoriano faleceu; Álvaro Martins foi expulso por achar que a *Padaria Espiritual* estava fugindo de seus propósitos iniciais (Bóia, 1984, p.181), José de Moura Cavalcante foi expatriado, entre outros –, mas ganhou 13 (treze) novos padeiros, dentre os quais Antônio Bezerra (1941-1921), José Carlos Junior (1896-1905), José Carvalho e Rodolfo Teófilo. Tais modificações contribuíram para uma alteração do perfil do jornal, fazendo com que *O Pão* mantivesse seu caráter crítico, mas assumisse um tom mais sóbrio e acadêmico. Essa foi a fase que “tanto desgostou Adolfo Caminha”, que repudiava esse formato mais formal da *Padaria* e sentia falta da irreverência e alegria dos primeiros tempos (Caminha, 1980, p.202). Foi um período mais político, no qual ocorreu a publicação de grande parte dos livros da sociedade (Azevedo, 2011, p.36).

Em sua segunda fase, a publicação de *O Pão* se estendeu de 1895 até 1896. Nesse período, não havia mais um Forno. As Fornadas tornaram-se jantares comportados que se sucediam em casas de padeiros, às quartas-feiras, em especial nas de Rodolfo Teófilo e Antônio Sales. Nessa nova fase, foram presidentes da agremiação os padeiros Jovino Guedes, (1892 até 1894), José Carlos Junior (1894-1896) e Rodolfo Teófilo (1896-1898). Antônio Sales, além de dirigir o jornal, fez questão de se manter como Primeiro-forneiro, tornando-se o principal colaborador de *O Pão*:

Vocação invulgar de líder, Antônio Sales era um dínamo de entusiasmo e mocidade. Com sua partida do Ceará, logo desapareceriam agremiação e jornal. Como observa Leonardo Mota, ele projetou a *Padaria*, mas está igualmente o projetaria até aos meios literários do Sul, onde pouco depois seria recebido amistosamente. (Alencar, 1982, p.157).

Nessa nova fase da *Padaria* também se observa o crescimento de seu periódico. Cada número avulso de *O Pão*, que anteriormente custava cem réis, passou a ser vendido por quinhentos réis, um valor bastante significativo, visto que “um exemplar de *A semana*, de Valentim Magalhães (1859-1903), saía no Rio a duzentos réis, e que com dois mil réis se podia comprar um exemplar novo de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo (1857-1913)” (Mendes, 2012).

Com maior prestígio, o periódico também passou a contar com o suporte de anunciantes. Os anúncios eram regularmente publicados nas duas últimas páginas do jornal do número 7 até o 19, e apenas na última página do número 20 ao número 30. Alguns anunciantes eram permanentes. Foi o caso da então bastante conhecida Água Inglesa, do Xarope Peitoral de Angico, dos preparados farmacêuticos A. Gonzaga e da afamada Casa Confúcio, o maior entreposto comercial na Fortaleza daquela época.

A ausência de anúncios nos últimos números é um reflexo da crise da agremiação. De acordo com Wilson Bóia (1984), sem seu principal incentivador, Antônio Sales, que havia se mudado para o Rio de Janeiro, as fornadas se reduziram drasticamente, de modo que no ano de 1897 os padeiros se reuniram apenas cinco vezes. O fim da agremiação se daria no dia 20 de dezembro de 1898.

2.2 Os Padeiros

A dissensão de postura filosófica, intelectual e literária era comum entre os escritores do final do século XIX e não foi diferente entre os membros da *Padaria*. De acordo com Gleudson Cardoso, os padeiros eram jovens oriundos de camadas desfavorecidas da sociedade, “funcionários da alfândega, caixeiros e escritores menores, sem filiações com as facções político-oligárquicas e buscavam ascensão pública e social” (Cardoso, 2002, p. 29).

Antônio Sales e Álvaro Martins (1868 -1906) criam na possibilidade de uma regeneração política e que o progresso poderia ser alcançado por meio da superação de comportamentos incivilizados e da uniformização de locais públicos. Outros padeiros, no entanto, pensavam de forma diferente. Era o caso de Lopes Filho (1865-1916), Lívio Barreto e Cabral de Alencar (1829-1877), que, pessimistas, descreiam do progresso e apostavam no fracasso da civilização industrial (Cardoso, 2002, p. 28).

Da perspectiva literária, não havia homogeneidade de estilos entre os padeiros. Do final do século XIX até o início do século XX, é difícil fazer uma periodização precisa e perceber nitidez de fronteiras entre movimentos literários (Brito, 2014), visto que havia uma vasta confluência de tendências. Em meio a resquícios do combatido romantismo, de traços do realismo, do naturalismo e do parnasianismo, que figuravam em lugar de domínio, somava-se a estética simbolista que acabara de surgir. Tal variação de tendências é verificável entre os membros da *Padaria*, cujos diferentes estilos culminaram na produção de obras diversificadas.

Figura 10 - Os padeiros na segunda fase (1895-1896). Antônio Sales está sentado à esquerda da mesa. Em pé, de barba, apoiando-se num livro, Rodolfo Teófilo



Fonte: Wikipédia.

Entretanto, mesmo com divergências, os padeiros eram unidos por ideais comuns. Um deles era a aversão ao academicismo e à burguesia, que era um nome geral para o convencionalismo e o patriarcado. Embora nenhum tipo de perseguição ou injúria fosse promovido contra os burgueses individualmente, os jovens escritores do jornal, críticos pilhéricos, não ficavam alheios aos valores conservadores. Félix Guanabara, o romancista naturalista Adolfo Caminha, em sua curta participação na agremiação, foi um dos membros da *Padaria* que tratou desse tema com empenho em “Sabatina”, coluna pela qual era responsável na primeira fase de *O Pão*. No texto escrito para o segundo número do periódico (17 jul. 1892), o futuro autor de *Bom-Crioulo* (1895) faz críticas ao estilo de vida burguês. Percebe-se o modo grotesco, quase agressivo, com que o burguês é retratado:

De longe em longe quebra a monotonia insuportável da vida cearense o ruído estimulante e benéfico de um acontecimento excepcional, o eco atordoador de um desastre ou de uma vitória; e todas as atenções, todas as vistas voltam-se por um momento para o lugar onde, para o teatro do fenômeno ou para a causa em si para a vitória ou para o herói.

Que celeuma! Que alvoroço, de tarde, à porta das boticas, quando os senhores burgueses, de pança cheia, arrotando carne cozida e palitando os dentes, reúnem-se para tesourar o reverendíssimo próximo!

O repúdio aos burgueses e às autoridades esteve presente em ambas as fases da agremiação e era comum dentre os padeiros. O relato de Moacir Jurema (Antônio Sales) sobre

a ação da polícia em ocasião da descoberta de uma ossada humana no terreno de uma casa em reconstrução, ilustra bem a opinião negativa dos padeiros acerca da corporação:

[...]

A Polícia, porém, não se deu ao trabalho de indagar qual era o nome, a idade e a condição da vítima desse crime evidente, mas tão antigo que o seu autor, de certo, já o está pagando no outro mundo.

A Polícia fez vista grossa, e bem andou nisto: - pois valia a pena cansar-se a gente por causa de um punhado de ossos, já meio destruídos pela ação do tempo?

[...]

Outro ponto de consonância entre os padeiros era o antimonarquismo e a desilusão com o regime republicano. Democráticos, os jovens membros da *Padaria* imaginavam que a Proclamação da República traria para os cidadãos a liberdade e o direito de participar ativamente da vida do país. Contudo, a deposição da monarquia em 1889 não surtiu o efeito desejado, e os primeiros anos da República no Brasil foram obscuros e tensos. O que se viu na prática foi a reafirmação do poder das oligarquias latifundiárias. No intuito de consolidar a nova ordem estabelecida, repudiava manifestações culturais, descaracterizando certos eventos populares com base na crença de que estas remetiam ao período monárquico (Cardoso, 2002, p. 45-46).

José Carlos Junior (1860-1896), o Bruno Jaci, ilustra a insatisfação dos padeiros com o novo regime governamental brasileiro com o poema “Ordem e Progresso”, publicado no número 14 do jornal, em março de 1894, cuja segunda parte observa-se abaixo:

[..]

II

Tinha a bandeira imperial outr’ora
Vinte estrelas em círculos arrumadas,
A cruz de Cristo, q’inda o povo adora,
E duas verdes ramas enlaçadas.

Mas foi-se a monarquia em boa hora
E em vez das plantas cultivadas
Um gladio vê-se no estandarte agora,
Por entre cinco pontas aguçadas.

As estrelas ficaram, mas dispersas,
À toa e de grandezas mui diversas,
Com letreiro, q’ diz: PROGRESSO E ORDEM

E em contrário ao q’o motte está dizendo

Como triste ironia, vamos vendo
Estrelas a granel, tudo em desordem.

No poema, a insatisfação com o novo sistema regente é apresentada por meio da comparação entre duas bandeiras do Brasil. O pavilhão antigo, representando o sistema monárquico, é associado à certa organização por meio de suas estrelas “em círculo arrumadas”. Em contraste, a nova bandeira republicana tem estrelas “dispersas”, de tamanhos diferentes e deixadas “à toa”, “tudo em desordem”. Não havia entre os padeiros uma nostalgia da velha ordem monárquica (“foi-se em boa hora”), mas tinham consciência, como muitos outros intelectuais do período, de que a vida no país não melhorou com a mudança de regime.

Apesar desse desejo de renovação dos padeiros, que veríamos também no início do século XX com a estética modernista iniciada em São Paulo, esses amassadores do pão espiritual exaltavam, como afirma Brito (2014, p. 73), “respeitosamente a memória de Homero, de Shakespeare, de Dante, de Hugo, de Goethe, de Camões e de José de Alencar, mas passaram a combater tudo aquilo que lhes parecia ultrapassado e inadequado à literatura nacional”.

2.3 Antônio Sales e *O Pão*

Idealizador e fundador da *Padaria Espiritual*, Antônio Sales foi também o principal colaborador e divulgador de *O Pão*, no qual publicou poemas, pequenas crônicas, pensamentos, trovas e contos. Foi responsável por uma seção chamada “Celebidades Contemporâneas”, em um total de nove números, que assinou como M. Também escreveu uma seção permanente, “Malacachetas”, que assinava com o pseudônimo Moacir Jurema. Nesse espaço, publicou pequenos sonetos heptassílabos que reproduziam situações triviais do dia a dia de maneira descontraída e bem-humorada. Um bom exemplo é o poema publicado na primeira edição de *O Pão*:

I

Há pela casa um torpor
Que adormenta e que enfastia;
Vem da cozinha um rumor
De caçarola que chia.

Na sala, uma moça esguia
Recorta papeis de cor,
Fazendo uma ninharia;

Dorme um cão no corredor.

Na sua estreita gaiola
Canta alegremente um gola,
Naquenga tomando banho...

E embaixo um nédio gatinho
Olha para o passarinho
Como quem diz: - Se eu te apanho!...

Moacir Jurema também é a assinatura de quase todas as crônicas de “Os Quinze Dias”, nas quais teceu, quase sempre por um viés crítico, comentários sobre acontecimentos do momento. O primeiro aniversário da *Academia Cearense de Letras* (1894) foi anunciado nessa coluna, na edição número vinte e dois, publicada em 15 de agosto de 1895:

[...]

Um assunto capaz é, por exemplo, o 1º aniversário da Academia Cearense, a ilustre associação que vai ocupando com acuro das ciências e da nossa história, enquanto nós outros da Padaria nos ocupamos das belas letras.

Maliciosos houve que a princípio descobriram rivalidade entre as duas associações, quando elas cultivam campos diversos e contemplam com simpatia e louvor os esforços que cada qual faz para elevar bem alto o nome desse querido Ceará – do Siará-grande, como lhe chamavam os antigos.

[...]

Na coluna “Medalhas”, assinando apenas como Moacir, Antônio Sales compôs uma série de 12 sonetos que enalteciam algumas das principais personalidades literárias daquele momento, tais como Aluísio Azevedo, Olavo Bilac (1865-1918), Arthur Azevedo (1855-1908) e Garcia Redondo (1854-1916). O exemplo abaixo homenageia Machado de Assis. Foi publicado no número nove de *O Pão*, de 1895:

I

MACHADO DE ASSIS

Da mão de mestre sabem-lhe aos punhados
As joias mais custosas e mais tinas,
Quer traçando períodos irados,
Quer cinzelando estrofes peregrinas.

Penetra nos recônditos vedados
Do coração joguete de ferinas
Paixões, encontra *vermes* celerados
Que o reduzem a lobregas ruínas

Narra da vida palpitantes cenas,
Dardeja as leves setas da ironia,

Tange o amor a mística teorba...

Segue o voo irrequieto das *Falenas*
 Pinta os amores de *Iaiá Garcia*,
 Cria o tipo imortal do *Quincas Borba*

Em “Bibliografia”, um M. J., ou simplesmente M., analisou produções literárias recebidas pela Padaria. Na edição número 31, de 15 de agosto de 1896, por exemplo, dissertou sobre o livro “Kermesses”, do mineiro Arthur Lobo (1869-1901), e “Coisas Castas...”, de Claudio Gil. Sobre aquele, escreveu:

[...]

As reminiscências da forma de Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Corrêa ainda são bastante perceptíveis no verso de Arthur Lobo, que, em compensação, metrifica corretissimamente, rima com facilidade e elegância e possui um vocabulário rico, brilhante e sem esse empastamento de palavras raras que se físgam pacientemente na profundidade dos léxicos.

[...]

O estreitíssimo espaço de que dispomos só nos permite agora apertarmos vivamente a mão do poeta, felicitando-o pela publicação das “Kermesses” – livro inspirado, sadio, claro, vibrante – e, finalmente, esplendidamente impresso.

Já na edição número 33 de 15 de setembro de 1896, dissertou sobre a obra *Produções da caducidade*, do barbacenense Padre Correia de Almeida (1820-1905), e do livro *Brindes*, de Coelho Neto. Sobre este último, elogiou: “Este Brinde é um primor de fina eloquência, com períodos em que a singularidade portuguesa vibra sonoridades de cristal e despede brilhos radiosos de manhãs róseas e balsâmicas” (p. 5).

Antônio Sales foi ainda o redator da coluna “Álbum de Estudos”, na qual publicou contos e esboços de romances assinando A. S. Outrossim, assinou com seu próprio nome vários poemas, que mais tarde foram compilados e publicados no livro *Poesias*. Em um desses poemas, “A desconhecida”, publicado no número 21 (01 ago. 1895), o eu lírico começa descrevendo a mulher amada com características romantizadas, para depois desconstruir a imagem de mulher bonita, perfeita e quase santa do romantismo:

UMA DESCONHECIDA
 (Versos antigos)

De onde veio essa pálida senhora
 De grandes olhos negros e rasgados,
 De tez suave e lábios cor da aurora...
 De onde veio, pr’a mal dos meus pecados?

Venho de vê-la pela vez primeira
 Na Avenida, a sorrir, *bianco vestita*
 Na mão a ventarola faceira,
 Na trança um floco trêmulo de fita.

[...]

Não a ouvi falar; mas imagino
 Que o som que a flor da sua boca exala
 Tem a frescura matinal de um trino
 Solto num céu de Maio, em grande gala.

[...]

Mas formosa não é... Não tem as linhas
 Do seu vulto dourado de alegria
 A correção, a artística harmonia
 Dos contornos da Deusas, das Rainhas

Não tem seu rosto aquele traço, aquele
 Oval puro das santas... Talvez fora
 Outra a expressão da bela *Peccadora*
 Se houvesse-a visto acaso *Bernadelli*.

[...]

É simplesmente uma mulher bonita,
 Cheia de graça e cheia de alegria.
 Perto da qual meu coração palpita
 E o sangue pelas veias esfuzia
 [...]

Sales ainda colaborou com cinco contos publicados n’*O Pão*: “Transpondo a serra”, na edição número 20 de 15 de julho de 1895; “No trem”, na edição número 22 do dia 15 de agosto de 1895; “No Mar”, na edição 23 de 1º de setembro de 1895; “O Pai André”, no número 28 de 15 de novembro de 1895); “Um dia em M.”, na edição de número 35, publicada em 15 outubro de 1896 – o último número publicado do periódico. Essas narrativas serão analisadas no próximo capítulo.

3 CONTOS

Tabela 2 - Contos publicados em *O Pão*

Padeiro	Conto	Número / Data de publicação
Cabral de Alencar	A Nevrose de Cláudio	7 / 1º de janeiro de 1895
	A Rival	9 / 1º de fevereiro de 1895
	Mística	11 / 1º de março de 1895
Artur Teófilo	A Morte da Avó	7 / 1º de janeiro de 1895
	Tísica	9 / 1º de fevereiro de 1895
	O Exame Primário	10 / 15 de fevereiro de 1895
	Desmoronamento	15 / 1º de maio de 1895
	O Caso do Sargento	31 / 15 de agosto de 1896
Ulisses Bezerra	Prêmio Merecido	8 / 15 de janeiro de 1895
Frvolino Catavento (Ulisses Bezerra)	Feliz	16 / 15 de maio de 1895
	Triste, Triste	19 / 1º de julho de 1895
	Entre idílio	21 / 1º de agosto de 1895
José Carlos Jr.	O Prato de Julinho	9 / 1º de fevereiro de 1895
José de Carvalho	O Batismo	11 / 1º de março de 1895
	Uma família Romântica	30 / 15 de dezembro de 1895
	A Fraqueza do Próximo	34 / 30 de setembro de 1896
Eduardo Saboya	O trem de Ferro	12 / 15 de março de 1895
	No Mar do Norte	15 / 1º de maio de 1895
Gil Navarra	O Sereno	12 / 15 de março de 1895
Antônio Bezerra	As Aventuras do Zé Guedes	28 / 15 de novembro de 1895
Roberto Alencar	O Presente	32 / 31 de agosto de 1896
	O Casaco de Rendas	34 / 30 de setembro de 1896
Rodolfo Teófilo	O Pombal	31 / 15 de agosto de 1896
	A Farinhada	33 / 15 de setembro de 1896
	Luta pela Vida	34 / 30 de setembro de 1896
	O Boi Estrela	35 / 15 de outubro de 1896

Antônio Sales	Transpondo a Serra	20 / 15 de julho de 1895
	No Trem	22 / 15 de agosto de 1895
	No Mar	23 / 1º de setembro de 1895
	O Pai André	28 / 15 de novembro de 1895
	Um dia em M.	35 / 15 de outubro de 1896

Fonte: A autora, 2022.

Trinta e um contos foram publicados por onze padeiros, entre os números 7 e 35 de *O Pão*, ou seja, durante a segunda fase do periódico (tabela 2). De maneira geral, propomos, são narrativas ficcionais de inspiração realista-naturalista, algumas longas, outras mais curtas, que contam histórias sobre situações triviais do dia a dia de pessoas comuns, com problemas cotidianos, lidando com desafios e sofrimentos humanos, como a morte e o abandono. Embora, como vimos, a *Padaria Espiritual* fosse formada por praticantes de diferentes estilos literários, o estudo da prosa publicada n’*O Pão* evidencia a preponderância da estética naturalista na maioria das composições.

Alguns contos retratam situações do dia a dia de pessoas comuns da sociedade, como as moças de “O Sereno”, do padeiro Gil Navarra, que simplesmente queriam participar de um casamento. Em “As aventuras de Zé Guedes”, de Antônio Bezerra, o leitor acompanha Zé Guedes, um caixeiro viajante que adorava saber o que acontecia na vida dos habitantes dos locais por onde passava. No conto “O batismo”, de José de Carvalho, observa-se uma clara e comovente crítica à Igreja, típica do naturalismo, ao retratar um padre que não aceita batizar uma criança pobre simplesmente por ela não ter um padrinho que lhe financiasse a cerimônia.

N’*O Pão* também há contos mais viscerais, nos quais o comportamento dos homens é comparado ao de animais. É o caso de “O pombal”, do padeiro Rodolfo Teófilo, em que dois homens, Belmonte e Queiroz, ao contrário de outros animais que agiam por instinto, conscientemente participam de um ataque feroz contra aves pacíficas. Já em “Luta pela Vida”, do mesmo autor, a protagonista feminina, Vicência da Glória, é descrita como uma mulher cruel, feia e animalizada, exemplificando à perfeição o determinismo biológico tão caro à estética naturalista. A aparência de Vicência refletia seu perfil psicológico, uma mulher rude, geneticamente má, que se defende com brutalidade e sente prazer em observar o sofrimento de animais indefesos.

Os finais trágicos, comuns na ficção naturalista, também são frequentes nos contos de *O Pão*: mortes, como em “A tísica”, de Artur Teófilo, “No mar do Norte”, de Eduardo Saboya

e “Triste, triste”, escrito por Frivolino Catavento; pessoas desiludidas, como as personagens de “Fraqueza do próximo”, “O casaco de rendas” e “A Rival”, escritos, respectivamente, por José de Carvalho, Roberto Alencar e Cabral de Alencar; desilusões amorosas, como a da mocinha enganada pelo primo em “O presente”, de Roberto Alencar, e do infeliz padre que amava a prima, revisitando o tema naturalista do “padre sem fé”, no conto “Desmoronamento”, assinado por Artur Teófilo.

A presença de Rodolfo Teófilo como um dos autores dos contos reforça a hipótese de que o naturalismo era a estética dominante na prosa de ficção dos padeiros. Como farmacêutico, pesquisador e sanitarista, Teófilo encarnava o protótipo do escritor naturalista, aliando o homem de ciência ao ficcionista. Publicou romances naturalistas inspirados em seus estudos e experiências como farmacêutico em Fortaleza e no interior, como *A fome* (1890), considerado um inaugurador da “literatura da seca”. Os padeiros usavam *O Pão* como espaço de publicação e experimentação de obras em construção, como o conto “A farinha”, de Teófilo, assumidamente “o excerto de um romance em preparação”, no qual narra o preparo da farinha de mandioca do produtor João Moço, com descrição precisa do maquinário e do trabalho que envolvia sua operação, assim como das cantorias dos trabalhadores.

Para chamar os contos publicados n’*O Pão* de “naturalistas”, precisamos de uma visão ampliada de naturalismo, que não se restrinja à definição simplista a que aludimos no começo deste trabalho. Numa primeira leitura, não sobressaem nos contos traços tradicionalmente associados ao naturalismo literário, como o olhar médico, o determinismo biológico e a animalização dos personagens. Entretanto, estas características não eram definidoras do que se entendia por naturalismo no período (Mendes, 2019). Evidentemente, as narrativas dos padeiros são ficções do seu tempo e expressam, no conjunto, um realismo desiludido, antirromanesco e descritivista, que era justamente o que se entendia por naturalismo no final do século XIX (Baguley, 1990). De fato, não haveria melhor maneira de compreender a estética dos contos publicados n’*O Pão* senão nomeá-la naturalista (ou realista-naturalista).

Desse modo, antes de prosseguir na nossa análise dos contos de Antônio Sales publicados no periódico da *Padaria*, é necessário que façamos um apanhado sobre as concepções de naturalismo segundo autores que representam a visão do cânone literário brasileiro. As obras escolhidas para esse propósito são *Introdução à literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho (1911-2000), publicado pela primeira vez em 1959; a 50ª edição de *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1936 - 2021), de 2015; *Prosa de ficção: história da literatura brasileira*, de 1973, de Lúcia Miguel Pereira (1901-1959); e *O*

naturalismo no Brasil, de Nelson Werneck Sodré (1911-1999), de 1965, que foi dedicado apenas a esse movimento literário.

Em contraponto, apresentaremos os estudos de David Baguley, em *Naturalist Fiction: The Entropic Vision*, de 1990, que traz uma perspectiva diferenciada das apresentadas nas obras mais tradicionais.

3.1 Naturalismo

No livro *Introdução à literatura no Brasil*, Afrânio Coutinho, um dos principais teóricos e críticos de literatura no Brasil, escreveu um capítulo chamado “Realismo, Naturalismo e Parnasianismo”, o qual inicia denominando essas escolas de “três grandes movimentos literários” (p.179), palavras que destoam da ideia geral apresentada pelo texto, visto que uma breve leitura do mesmo é o suficiente para perceber a atmosfera de superioridade concedida ao Realismo. Segundo o autor, o Naturalismo nasce do Realismo, “é um Realismo a que se acrescentam certos elementos, que o distinguem e tornam inconfundível sua fisionomia em relação a ele” (p.188). Ele observa que não seria uma forma reforçada ou exagerada do Realismo, mas um Realismo fortalecido pelo cientificismo e por uma percepção materialista da vida e da sociedade.

Pautando-se no fato de que as leis científicas é que produzem explicações válidas para as questões da vida, para o Naturalismo, a literatura, enquanto arte, deveria utilizar-se da ciência e de seus métodos de observação e experimentação no momento da construção de fatos e na estruturação das personagens. Coutinho indica que as reformas políticas e sociais ocorridas no século XIX, as teorias de Taine e o realismo das obras de autores como Flaubert e Balzac, teriam criado um ambiente favorável para que o Naturalismo, “com sua visão científica, social, do homem em relação com o meio e com a herança” (p.188), ganhasse corpo.

A responsabilidade por espalhar o Naturalismo pelo mundo é creditado à Émile Zola, que após adotar o termo, aplicou teorias naturalistas na literatura. Assim, o escritor deveria se comportar como um cientista, estudando o homem como um ser natural, subordinados às leis da química e da física e suscetível às influências exercidas pelo meio em que vive e pela hereditariedade. A partir de então, criou-se uma grande necessidade de buscar pela verdade, de escrever sobre questões contemporâneas, com um interesse especial pelas classes mais baixas da sociedade, estruturando tramas calcadas em fatos fidedignamente observados, por meio de

narrativas de cadência lenta, com ênfase na liberdade de expressão e sem recorrer a sentimentalismos.

Citando Adison Hibbard (1887-1945), Afrânio traça diferenças entre o Realismo e o Naturalismo. Em resumo, o Naturalismo “acentua as qualidades do Realismo” (p.190), ao qual acrescenta uma concepção de vida em que os atos, o caráter e o futuro dos indivíduos estão subjugados a fatores mecanicistas e deterministas. Ao observar os seres e acontecimentos pelos vieses científicos da objetividade e imparcialidade, nenhum acontecimento é insignificante e, portanto, indigno da literatura, fato que leva o Naturalismo “a certo amoralismo e indiferença” (p.189), que permite a abordagem dos aspectos mais repugnantes da vida e o uso de linguagem simples, por vezes até vulgar, e dos “dialetos das ciências e das profissões”, sempre no objetivo de “representar toda a natureza, a vida que está próxima da natureza, o homem natural” (p.190).

Fica claro um certo despreço de Coutinho pela estética naturalista. Ao falar dos primeiros frutos do que ele denomina “Realismo-Naturalismo” no Brasil, admite que mesmo em autores resistentes ao estilo como Machado de Assis, que “nunca se deixou levar para os exagerados tons naturalistas” (p.194), remanesceram traços do Naturalismo. No entanto, afirma que como escola o Naturalismo não durou muito mais que a década de 1880. O Realismo sim é que, mais comedido e menos comprometido com o cientificismo e o Determinismo, ultrapassou a fase naturalista, “imprimindo um novo vigor à literatura no Brasil” (p. 195).

*História concisa da Literatura brasileira*⁴, do professor, crítico e historiador da literatura brasileira Alfredo Bosi, é um dos mais conhecidos e reverenciados manuais de literatura brasileira. Reeditado mais de 50 vezes, continua sendo amplamente utilizado para consulta por estudantes de todo país, além de ser utilizado há décadas em cursos voltados para a formação de professores.

O autor começa fazendo um apanhado do contexto histórico que propiciou o acolhimento dos ideais cientificistas que moldavam o pensamento europeu no século XIX. Para tal, ele volta ao Romantismo, que em sua última fase já apresentava um Brasil em crise. Mudanças econômicas e sociais, como, por exemplo, o fim do tráfico de escravos (1850) e o colapso da economia açucareira, incitaram o pensamento liberal e republicano: “O tema da Abolição e, em segundo tempo, o da República serão o fulcro das opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870 (p.135). Bosi alega que a ponte entre a poesia social de Sousândrade e Castro Alves e o pensamento realista se deu, entre outros, pela poesia de Sílvio Romero, Carvalho Jr. e Valentim Magalhães. Ainda assim, para chegar às origens nacionais

⁴ Versão on-line. Disponível em: <<https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/Alfredo%20Bosi%20-%20Hist%C3%B3ria%20Concisa%20da%20Literatura%20Brasileira.pdf>>.

dessa nova literatura, que nem sempre acompanhava as tendências europeias, era necessário um estudo cauteloso dos processos sociais que se desencadearam nesse período.

Contrariando os românticos, que se relacionavam com a matéria de suas obras envoltos em mitos idealizantes, os realistas, em conformidade com os novos métodos científicos, buscavam objetividade e imparcialidade. Na Europa, dentre os mestres nessa habilidade, Bosi menciona Zola, Flaubert, Maupassant, Taine, Comte e Eça de Queiroz. Assim, cabe ao escritor realista aceitar a realidade tal como ela “se dá aos sentidos”: ao nível ideológico tendo o determinismo como explicação do real, da certeza de um destino inevitável; no plano estético, a arte pela arte, a valorização do ato de escrever, a “vontade de criar um objeto novo, imperecível, imune às pressões e aos atritos que desfazem o tecido da história humana, originam-se e nutrem-se do mesmo fundo radicalmente pessimista que subjaz a ideologia do determinismo” (p. 137).

Com todas essas considerações, Bosi, em consonância com o pensamento de Coutinho (1976), define o naturalismo como um desdobramento do Realismo, que surge no conto e no romance sempre que suas tramas e seus personagens estejam submissos às “leis naturais” advindas da ciência. É o fatalismo moralizante que se apresenta nas obras em prosa de Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia e até mesmo nos romances mais tardios de Machado de Assis.

Já na ficção, o realismo, agora sem os conceitos idealizadores românticos que foram derrubados pela transformações que intermearam a ascensão da burguesia ao longo do século XIX, segue narrando sobre os costumes contemporâneos da primeira metade do século XIX e do século XVIII, contudo, exibindo as problemas sociais da vida pública e as contradições da vida íntima, para os quais busca explicações em causas naturais e culturais, o que reduz a liberdade do escritor realista que, para descobrir a verdade de seus personagens, sente-se impelido a “dissecar os móveis do seu comportamento” (p.138) no sentido positivista.

Ao tratar dos autores naturalistas, Bosi começa por Aluísio Azevedo, um dos raros casos de autores que conseguiram se sustentar unicamente de seus escritos, fato que explicaria um desnível entre algumas de suas obras e sua aposentadoria precoce das letras. Bosi explica que a influência de Zola e Eça em suas obras é perceptível e que ao publicar *O Mulato* (1881), considerado o primeiro romance do naturalismo brasileiro, fez um belo panorama do meio maranhense daquele tempo, mas pecou contra Zola ao não cumprir sua exigência de retratar como se comporta uma paixão em um ambiente social, inclusive deixando transparecer um enlace com traços românticos disfarçado por um fim trágico. O grande valor de Aluísio, que

também é seu grande legado para a ficção brasileira de costumes foi sua habilidade de “fixar conjuntos humanos como a casa de pensão e o cortiço dos romances homônimos” (p.151)”.

Além de Aluísio, Bosi menciona Inglês de Souza e Adolfo Caminha. Positivista, inglês de Souza era sóbrio, metucioso, frio e desprovido de aspirações românticas. Já no naturalismo de Caminha, observa-se um apreço pela fatalidade do meio e pela escolha de temas escandalosos. Acredita que há algumas corrupções na narrativa de *A Normalista e Bom-Crioulo* (1895), corrupções essas que, segundo ele, parecem bem inevitáveis na ficção naturalista. Contudo, aponta que o autor oferece notas pessoais muito importantes em suas obras.

Do naturalismo Cearense, além de Caminha, Bosi destaca Manuel de Oliveira Paiva, que além de ser o melhor autor dentre outros do Ceará como Rodolfo Teófilo, Domingos Olímpio e Antônio Sales, foi também aquele cujo romance, *Dona Guidinha do Poço* (1951) mais demorou para ser editado. Para Bosi, Oliveira Paiva era um “prosador terso, que sabia descrever e narrar com mão certa e intervir no momento azado com talhos irônicos de inteligência fina e crítica” (p.155).

Assim como Afrânio Coutinho, Alfredo Bosi concentra a efervescência do Naturalismo na década de 1880, uma vez que depois da Abolição da Escravatura e do estabelecimento do regime republicano, os intelectuais teriam perdido a verve crítica de antes: “Na década de 80 afirmara-se o Naturalismo entre nós: canhestro ainda nos primeiros romances de Aluísio, acertou o passo com *O Cortiço*, *O Missionário* (1891) e *O Bom Crioulo*, mas nesses frutos dá o melhor de si, envolvendo em seguida no mesmo ritmo da cultura brasileira da Primeira República” (p.155-156).

Lúcia Miguel Pereira deixa já bem no início do capítulo 3 do seu *Prosa de ficção: história da literatura brasileira*, o que Coutinho e Bosi tantas vezes transparecem nos seus escritos: uma visão restrita e preconceituosa do naturalismo. Ela começa afirmando que o realismo chegou bastante atrasado no Brasil e que não encontrou aqui uma atmosfera tão receptiva quanto a que o Romantismo havia encontrado. O ritmo das mudanças sociais e filosóficas que encorajavam o pensamento realista na França e na Europa, enquanto o Brasil ainda permanecia muito preso ao Romantismo. Vide as publicações de *Madame Bovary* e o *Guarany*, que se deram no mesmo ano, 1856. No Brasil, o socialismo, o darwinismo e o positivismo só viriam a se estabelecer a partir de 1870, mas, segundo Pereira, em muito pouco impactaram nossos intelectuais.

Seguindo Coutinho e Bosi, ao afirmar que “só quando o realismo se exagerou no naturalismo e ganhou aquela rigidez agressiva que facilitou o êxito retumbante de Zola em França e Eça de Queirós em Portugal, é que se instalou definitivamente aqui com Aluísio

Azevedo” (p.123), Pereira reduz o Naturalismo, que mais uma vez é apresentado como um “exagerado” braço do Realismo. Ela explica que o Naturalismo nos foi imposto por modismo, e que por esse motivo foi mal assimilado por nossos escritores e, novamente em paralelo com Bosi, utiliza como exemplo *O Mulato*, que “representou a vitória da nova escola, tendo, entretanto, apenas disfarçado com cenas realistas o seu romantismo” (p.124)

Pereira diz que um dos problemas do Naturalismo é que a obrigação de reproduzir minuciosamente e de forma unilateral fatos que em geral são desinteressantes, faziam com que os escritores ficassem desgostosos com o assunto, pois, por mais que tentassem, um artista não é um cientista, visto que trabalha mais com a sensibilidade do que com raciocínio. Por isso, parece um contrassenso que em um país tão diverso, que passava por tantas questões raciais importantes, que se dividia aos costumes requintados da Corte e as primitivas populações rurais, o romancista preferisse se voltar para os temas de Zola e Eça (p.130). Para a autora, esses naturalistas não passavam de “românticos que se ignoravam, mas que nem por isso deformavam menos a realidade”, e isso seria o ponto fraco dos naturalistas (p. 130). Trabalhos mais relevantes como o de Aluísio ao estudar as habitações coletivas e sua influência em seus moradores, foram deixados de lado por autores que, imbuídos do desejo de provar a correlação entre fenômenos físicos e morais como atividade primordial, optaram por escrever sobre criaturas controladas pela depravação. É o que acontece, segundo ela, com o romance de Júlio Ribeiro (1945-1990), *A Carne* (1888), cuja protagonista Lenita, do mesmo modo que “a maior parte das personagens do nosso naturalismo, foi uma romântica às avessas, isto é, construída, não segundo a observação, mas de acordo com fórmulas preestabelecidas, que prescreviam a substituição dos sentimentos pelos instintos” (p. 133).

Dando continuidade à depreciação do Naturalismo, Pereira cita outras “deformações” que esse estilo deixou para os escritores brasileiros: o pedantismo cientificista e a confusão entre observar e inventariar. Preocupar-se mais com o meio do que com o indivíduo e fazer anotações minuciosas sobre hábitos pode resultar em um relatório em vez de um texto ficcional (p.134). Esse foi o caso de José Veríssimo em quase todos os contos de *Cenas da vida amazônica* (1886/7). Já no caso de Rodolfo Teófilo, o defeito foi o pedantismo. Ela afirma que é possível perceber sua boa vontade e sentimentalismo com relação à escolha de temas, mas que o ímpeto de exibir conhecimento científico acabou prejudicando seu estilo (p. 135). Para ela, Teófilo foi o único que chegou às vias de cometer “excessos delirantes” (p.137).

Sofreram menos com tais “deformações” do estilo naturalista aqueles que conseguiram adaptá-los ao seu estilo próprio, ainda que com limitações impostas pelas próprias regras do Naturalismo: “Com Aluísio Azevedo, Inglês de Sousa, Adolfo Caminha e, em menor escala,

Antônio Sales e Antônio de Oliveira, o naturalismo marcou o seu lugar nas letras brasileiras, deu alguns romances de grande importância” (p.137). Para Pereira, para que possamos assimilar um movimento literário de tal forma que este possa influir na obra sem que o artista seja forçado, é extremamente necessário que esse movimento represente o estado de espírito global, que se manifeste tanto no campo intelectual como no emotivo, no modo de viver e no modo escrever. O Naturalismo encontrou na Europa uma atmosfera social e cultural propícia para florescer naturalmente, mas no Brasil, onde o contexto era bem diferente, causou estranhamento e permaneceu por imposição (p.138).

A contrário de Coutinho, Pereira confere uma sobrevida maior ao Naturalismo brasileiro, que teria se prolongado mesmo depois de ter seu fim decretado na Europa em 1891. Em terras brasileiras, mesmo diante do surgimento de outros estilos, o naturalismo seguiu guiando obras de Adolfo Caminha, Coelho Neto, Antônio de Oliveira, Faria Neves Sobrinho, Carmen Dolores e Antônio Sales. Contudo, a baixa repercussão dos romances de Sales e Dolores representaria o declínio do movimento (p.138). Pereira ainda observa, com apoio em declarações de José Veríssimo, que o Naturalismo foi um estilo artificial, uma vez que com tantos acontecimentos se desenvolvendo no Brasil, nossos ficcionistas deixaram de lado a originalidade para ostentar apenas o anticlericalismo como orientação ideológica, um tema mais combatido na França (p. 142).

Em um livro totalmente dedicado ao Naturalismo, *O Naturalismo no Brasil*, de 1965, Nelson Werneck Sodré assume uma posição que vai ao encontro dos colegas críticos mencionados anteriormente aqui nesse capítulo. Ele começa pintando o cenário do século XIX na Europa: o crescimento da burguesia e, conseqüentemente do proletariado, e a relação entre essas duas classes, que culminou em inúmeros conflitos e fez surgir novas ideologias, o desenvolvimento de novos métodos científicos e das ciências naturais, etc. Em seguida, explica que o Naturalismo, que se originou do Realismo “como prolongamento e deformação”, foi o meio de expressão da decadência da burguesia, decadência essa que já era denunciada pelos realistas e os “naturalistas não fizeram mais do que aprofundar e sistematizar, caracterizando-se claramente, aqueles sintomas” (p.18).

Apoiados na lógica de Hippolyte Taine, os naturalistas buscaram associar a literatura à ciência como forma de desvendar verdades, pois tantos fatos físicos como morais tinham as suas causas, que para não serem camuflados ou esquecidos pela idealização romântica. Daí a necessidade de que a criação artística fosse fruto de observação e impassividade (p.19). Para Sodré, o Naturalismo é apenas uma escola entre outras, caracterizada e definida pela utilização de fórmulas com a desculpa de representar a realidade fidedignamente. Era “um pouco a

sociologia na literatura”, uma das formas, mas não a única de manifestar a decadência dos valores burgueses (p.25).

Zola, enquanto naturalista, buscou transformar literatura em ciência. Além da influência de taine, pautou-se na Filosofia das paixões, de Latorneau, no Tratado da hereditariedade natural, de Prosper Lucas, nos trabalhos de Claude Bernard e na busca de detalhes para a construção do ambiente. Com esses estudos, poderia substituir o subjetivismo do fatalismo romântico pela hereditariedade, que culminou no surgimento de tipos guiados por enfermidades predeterminadas. Guiado por esse determinismo, preparou uma obra de vinte volumes fundamentada no estudo científico de trinta e duas pessoas com relações familiares. Ao alcançar tais proporções, o Naturalismo começou a se propagar por todo o mundo, sendo, no início, recebido como realismo e, posteriormente, aceito como naturalismo (p. 27)

O repúdio ao Naturalismo, colocado pelo autor também em sua relação com o Realismo, se faz entre o discurso e o texto de Sodré, quando este critica a grande confusão que foi a ideia de se repensar a sucessão de escolas ascencionalmente — o romantismo como um avanço sobre o classicismo; o realismo, sobre o romantismo; etc. — afirmando que tal esquema:

[...] empobrece e falseia totalmente o sentido histórico, não só porque coloca a ideia de superioridade de uma escola sobre outra, e não de sua adequação histórica, cada uma sendo a melhor ou a expressão própria de cada época, mas, e ainda com erro mais grave, a superioridade do naturalismo sobre o realismo, isto é, a admissão do realismo como escola e, conseqüentemente, a do naturalismo como forma superior do realismo, integral despautério literário. (Sodré, 1965, p. 27-28).

Sodré segue sua crítica, observando o entendimento sobre a arte, segundo o qual destaca duas correntes: uma acredita que a arte esteja ligada ao lazer, ao descanso, à ornamentação; a outra, que a arte seja parte do processo de aquisição de conhecimento sobre o mundo, estando, portanto, ligada ao social. Assim sendo, para esse segundo grupo a arte é diferente da ciência, mas está paralela a ela. Dentro da perspectiva naturalista, seria aceitável dizer que a literatura, arte que trabalha com palavras, teria a interpretação da realidade como mecanismo de generalização dos homens (p. 36-37). O problema era acreditar que apenas com a observação de aspectos exteriores seria possível reproduzir a realidade, sendo que o exterior é apenas uma parte dela. A literatura não pode se ocupar apenas do indivíduo, posto que é um domínio social. Além disso, a realidade não está no diferente, no anormal, e sim no comum. Muitas vezes o exterior não reflete o que se passa no interior. A arte deve fazer a fusão entre exterior e essência, mas o naturalismo, não conseguiu fazer essa junção, preocupado que estava com análise apenas daquilo que se pode observar:

No processo do conhecimento, o homem depara, antes de tudo, com o fato de que os aspectos exteriores não coincidem com os aspectos interiores, a forma com a essência. A arte supera essa contradição dialética quando consegue fundir o universal e o particular: começa pela aparência para atingir a essência, isto é, destaca da massa de elementos colhidos pela observação os elementos comuns, o traço geral, o típico. O naturalismo, aferrado aos aspectos exteriores e superficiais, não conseguiu chegar a essa fusão (SODRÉ, 1965, p. 38).

No que diz respeito ao Brasil, o pontapé inicial foi a chegada de *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós. Nessa época, o país já passava por inúmeras mudanças causaram impacto na essência das pessoas – o fim da guerra do Paraguai, em 1870; a Lei do Ventre livre, de 1871; A abolição da escravatura, em 1888; a Proclamação da República, em 1889; etc. É nesse meio em que surge o naturalismo no Brasil, que segundo Sodré, teve como principais inspirações a obra de Zola e de Eça de Queirós.

Sodré reconheceu que foi do Norte que surgiram alguns dos principais vultos do Naturalismo brasileiro, tal como Aluísio Azevedo, que nos deu aquele que é considerado o primeiro romance naturalista do Brasil, o já citado *O Mulato* (p. 161). Entretanto, viu na *Escola do Recife*, um agrupamento sociocultural que surgiu e se desenvolveu na Faculdade de Direito do Recife, o movimento que melhor representou e que foi a principal base de sustentação intelectual do naturalismo (p.164).

Ao contrário de Pereira, que acreditava que o naturalismo era resultado de uma importação de condutas europeias e, portanto, antinatural ao contexto brasileiro, Sodré acreditava que a os modelos externos foram importantes, mas que as mudanças político-sociais que se sucederam no Brasil construíram um terreno propício para receber o estilo (p. 169). Ele aponta que justamente por estar em um território diferente, o naturalismo se aclimatou e se adaptou, possibilitando originalidade também, fato que se comprova pelos autores naturalistas brasileiros, em especial Azevedo, terem desobedecido um pouco as fórmulas externas e oferecido “obras de mérito” (p.173).

O naturalismo foi um movimento que obteve uma aceitação dos leitores, mesmo com tantas críticas negativas, incluindo as de personagens ilustres no mundo literário, tal qual Machado de Assis e Araripe Júnior:

[...] Mesmo quando estabelece as suas restrições a Eça de Queiroz, na sua crítica de 1878, Machado de Assis culpa-o de ser discípulo de Zola, isto é, concentra a sua aversão no modelo original, levando ao extremo tal aversão, quando levanta a ideia do plágio: “O sr. Eça de Queiroz é um fiel e aspérrimo discípulo do realismo propagado pelo autor do *Assommoir*”, diz ele, e inicia a sua catilinária. Deixa claro nela que Eça tem qualidades, e que essas qualidades se perdem justamente pela obediência do modelo detestado. Esse é o sentir geral. Já no ano seguinte, o do lançamento de *O Mulato*, Araripe Júnior, em artigo de elogio ao livro de Aluísio

Azevedo, na Gazeta da Tarde, toca no mesmo ponto, lembrando que “a crítica intransigente não lhe perdoará o crime de não ter aceitado a escola em todas as suas escabrosas consequências e zólicos arrojios”, apesar de que “o livro começa em flagrante delito de preocupação zolaica e com uns ressaibos de quem acaba de fechar o Primo Basílio de Eça de Queiroz. Ora, é esta superfetação que não me agrada”. Araripe achava que o naturalismo ortodoxo não podia encontrar ambiente aqui [...] (Sodré, 1965, p.155)

O consumo dos livros desse período foi bastante expressivo, como bem explicam estudos mais atuais como o de Mendes, em *O Naturalismo na livraria do século XIX*:

As pesquisas comprovam intensa atividade editorial e de trocas culturais ao longo do século XIX, assim como a presença simultânea de impressos nas cidades europeias e brasileiras, colocando sob suspeição a ideia de “atraso cultural” [...] desvelam intensas relações comerciais e editoriais que ligavam livreiros, editores, tradutores e leitores, e que incluíam o Brasil numa rede internacional de trocas de produtos culturais[...] (Mendes, 2019, p.4-5)

Com relação aos livros, Sodré já admitia que muitos foram produzidos no período, mas também que poucos sobreviveram ao tempo, o que seria a prova do fracasso do Naturalismo no Brasil (p. 174). Mesmo assim, a aceitação desse estilo pelos brasileiros é inegável. O Naturalismo e suas obras foram alvo de muitas críticas negativas por parte de alguns dos mais conceituados e influentes críticos de sua época, tais como Araripe Júnior e José Veríssimo – vide a crítica ao livro *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, que, nas palavras do próprio autor, era o “parto monstruoso” de um cérebro “artisticamente enfermo” (p.85). Todavia, o público apoiou o movimento e acolheu as obras naturalistas com interesse, contrariando Pereira ao demonstrar que o Brasil também tinha necessidades internas, ou seja, havia condições particulares da sociedade daquela época que encontraram no Naturalismo uma forma de protesto (p.174).

Como podemos perceber, a visão negativa e preconceituosa do naturalismo como as apresentadas por Coutinho, Bosi, Pereira e Sodré perpetuaram na historiografia nacional a ideia negativa e reducionista de que a literatura naturalista é ruim, uma espécie de desdobramento inferior do Realismo, presa a preceitos científicos, que no firme objetivo de representar fielmente a realidade, faziam de seus romances obras maquinais e vulgares, com personagens doentios, por vezes até inverossímeis. É provável que por esse motivo muitos autores foram relegados ao esquecimento.

Alguns pesquisadores contemporâneos enxergam essas questões e empreendem pesquisas e estudos que não só auxiliam estudantes e admiradores a quebrar os pensamentos retrógrados e restritivos sobre o naturalismo já tão impregnados na historiografia, como também

trazem à tona muitos nomes de escritores e obras valorosas que hoje se encontram apagados dos livros didáticos. Um deles foi o crítico canadense David Baguley, que trouxe um novo olhar sobre o movimento com sua obra *Naturalist fiction. The entropic vision*.

Contrário à essa visão simplista do naturalismo apresentada por Coutinho, Bosi, Pereira e Sodré, de acordo com Baguley, a centralidade da ciência na narrativa naturalista é indiscutível. Ao seu ver, a ficção naturalista retratava o homem que saía do romantismo e estabelecia novas relações consigo próprio e com a natureza em decorrência das mudanças trazidas pelo advento do cientificismo. No entanto não havia uma corrente ideológica unificada guiando o naturalismo. Até mesmo a escolha do termo “naturalismo” não foi unânime (p.40-41). Baguley aponta que há mais “naturalismos” em trânsito no fim do século XIX, tais quais o naturalismo de escritores muito menos comentados, como Joris-Karl Huysmans (1848-1907) e Guy de Maupassant (1850-1893). A maneira como se percebe a centralidade da ciência (e se cria ficção a partir dela) pode ser diferenciada em tendências plurais e variadas. Assim, ele aponta a existência de pelo menos duas vertentes de naturalismo: o “naturalismo trágico” e o “naturalismo cômico” (ou desiludido).

Nos tradicionais “romances científicos”, o homem aparece atrelado ao cientificismo da época, submetendo-o a uma existência guiada pelo determinismo, segundo o qual suas ações eram consequências de sua raça, da situação ou do meio em que vivia, geralmente numa trajetória de queda. Este naturalismo mais canônico e conhecido seria o trágico. As obras de escritores que exaltavam o progresso, a ciência e a razão pertenceriam a essa vertente, à qual foi resumido o naturalismo apresentado pelos livros didáticos.

Citando *Trant Romans* (1895), de Paul Alexis (1847-1801), a peça *Miss Julie* (1888), de Strindberg (1849-1812), *Chariot s'amuse* (1883), de Bonnetain (1858-1899), destaca uma das principais temáticas do naturalismo trágico: a mulher decaída.

Na literatura naturalista, tais 'histoires banales, vulgaires' proliferam e geram narrativas dentro de narrativas de variados tamanhos e detalhes, das quais, apesar de suas diferenças evidentes, são variações em um único padrão da queda em desgraça, cada caso sendo ambas realistas, particulares, portanto específica, e naturalista, típica, portanto específica. (Baguley, 1990, p.102)⁵

Eram histórias de mulheres que, impelidas pelos irresistíveis desejos da carne e/ou pela hereditariedade, cometiam transgressões, quase sempre relacionadas ao sexo (trair o cônjuge,

⁵ In naturalist literature, such 'histoires banales, vulgaires' proliferate and generate narratives within narratives of varying length and detail, all of which, despite their evident differences, are variations on a single pattern of the fall into misfortune, each case being both realistic, particular, therefore ungeneric, and naturalistic, typical, therefore generic. (Tradução nossa).

manter relações sexuais antes do casamento, prostituir-se, etc.), eram sempre punidas, morrendo de alguma forma trágica ou retirando suas próprias vidas. Pouco importa se fossem mulheres lindas como a Nana, personagem protagonista do romance homônimo (1880) de Zola, elas sempre teriam um final trágico. Como se a sexualidade feminina fosse catastrófica, o corpo da mulher, associado ao corpo social e político de sociedade, deveria ser extremamente vigiado. Esse mito misógino, reafirmado pelos estudos da época, em especial de médicos e psiquiatras, sobre hereditariedade e histeria, prevalece nas ficções, talvez pelo fato de que os escritores naturalistas, assim como os cientistas, eram homens (p.104). É no corpo da mulher, tanto interna (sangue, nervos, etc.) como externamente, que se apresentam os sintomas da degradação, observados detalhadamente pelo olhar clínico do narrador (p.106).

Desatrelada da visão trágica, de acordo com Baguley, havia uma narrativa naturalista partindo de uma nova perspectiva de homem trazida pelo século XIX, um ser natural e como tal sujeito “às mesmas exigências de outros organismos vivos do planeta, com os mesmos ciclos de vida e morte, fome, doenças, saúde e sexualidade, despido de qualquer privilégio na ordem natural do mundo” (Mendes & Vieira, 2012, p. 140). Essa visão não-triunfalista da modernidade científica é expressa no naturalismo cômico, ou desiludido, que questiona a tríade progresso-ração-ciência, não confia na ciência e tem como ponto de interesse experiências de desamparo e frustração, explorando a frivolidade da vida dos personagens, seus fracassos e passividade perante os problemas e o mundo. A perspectiva de um “naturalismo desiludido”, com mais foco na descrição do que ação, pode auxiliar na compreensão dos contos dos padeiros.

O tema central da vertente naturalista cômica é a experiência da desilusão. É um tema romântico e realista do personagem que deveria permanecer sem ter suas aspirações realizadas, mas na percepção da descoberta da natureza intrínseca do mundo (p.122). Baguley argumenta que esse é um tema comum, mas que no naturalismo adquire especificidades. No naturalismo desiludido, há uma tendência de minimizar as tramas e estender a ficção que abriu um processo de eliminação do enredo tradicional, passando a distender ao máximo o tom narrativo, desviando a atenção do que acontece para o que nunca acontece com as vidas dos personagens (p.123). Segundo Mendes (2022, p.35): “[...] São enredos que não conduzem os personagens a um final apaziguador dos conflitos ou conquistador de terras e corpos, mas os aprisionam numa existência banal, desinteressante e frustrante.”

Conseqüentemente, ocorre a elaboração de novas construções textuais que pudessem expressar uma visão de vida problemática. Era possível definir três formatos diferentes. Um deles era o “esquema circular”, por meio do qual os personagens eram reconduzidos ao início da história, demonstrando a inutilidade de seus esforços. De acordo com Baguley, um enredo

que parece não conduzir a lugar algum. O segundo era o “para-plot”, que se constitui por meio de uma série de aventuras e romances e eventos que nunca aconteceram, o que frustra as expectativas de personagens e leitores. Além desses dois esquemas, há também o “enredo recorrente”, formado pela frequência de necessidades físicas e não por ações propositais, estabelecido pela repetição de eventos e uma visão ousada de motivar fatores do esforço humano.

Assim sendo, ao contrário do naturalismo trágico, em que os personagens participam ativamente da vida, ainda que não obtenham sucesso – tal como a Rita Baiana, de *O Cortiço*, ou o Amaro, de *Bom-crioulo* –, no naturalismo desiludido os personagens são meros espectadores, que ao invés de intervir em suas vidas, assumem uma postura reflexiva, marcada pela resignação, letargia, descaso e ironia (p.120). São personagens retratados no dia a dia, que tiveram suas esperanças e ambições destruídas pelas circunstâncias, pela monotonia, pela falta de novidade. Epopeias de vidas comuns. (p.124).

Diferenças na maneira de ver e representar a realidade, bem como na escolha por esse ou aquele tom narrativo, não implicam na obrigatoriedade do escritor naturalista se expressar por apenas uma das duas vertentes. De acordo com Baguley, embora ambas sejam distintas, elas podem ser combinadas em obras de um mesmo autor e até mesmo em um mesmo texto. Ele cita duas obras de Zola: *L'Assommoir*, (1877), que segue a linha trágica, e *La Joie de Vivre* (1884), que pertence à linha desiludida. Ele também cita *Sous-Off* (1889), no qual as duas tendências se combinam. Seguindo a tese do escritor Edmond de Goncourt (1822-1896) de que há uma equivalência entre soldado e prostituta, o romance é centrado em duas personagens: representando o naturalismo clássico, Génèreuse Couturier é uma prostituta decadente, cuja degradação é demonstrada pela queda no número de clientes; representando o naturalismo desiludido, André Favières, amante frequente de Génèreuse, é um homem entediado, pessimista, intelectual e autobiógrafo da imoralidade da vida militar (p.122).

Após um século de críticas negativas e muito repúdio por parte dos críticos literários que representaram e ajudaram a formar a ideia de que a literatura naturalista é um movimento que “ocupa um lugar rebaixado”, uma “literatura do intervalo, situada entre duas estéticas consideradas mais autênticas, [...] o romantismo e o modernismo” (Mendes, 2019, p.72), estudos conduzidos em diversos países tem presenciado “uma releitura crítica do naturalismo” que têm buscado “enriquecer as abordagens que se restringem, frequentemente, ao estudo quase etnográfico do naturalismo [...]” (Catharina, 2010, p.71). É com foco nessa maneira mais abrangente de ver a escola naturalista, em especial no naturalismo desiludido, que baseamos boa parte desse trabalho.

3.2 Análise dos contos

Bem antes da publicação de *Aves de Arribação*, seu único romance, Antônio Sales já havia se aventurado pelo território da prosa. Em *O Pão*, publicou cinco contos entre os anos de 1895 e 1896. São eles: “Transpondo a Serra”, 15 de julho de 1895 - 20ª edição; “No Trem”, 15 de agosto de 1895 - 22ª edição; “No Mar”, 1º de setembro de 1895 - 23ª edição; “O Pai André”, 15 de novembro de 1895 - 28ª edição; e “Um dia em M.”, 15 de outubro de 1896 - 35ª edição. Em geral, são histórias sobre o dia a dia de pessoas comuns, situações corriqueiras, retratos do cotidiano. Analisaremos cada um desses contos. A hipótese que tentaremos comprovar é de que essas são narrativas realistas-naturalistas. Como principal base teórica, tomaremos os estudos perpetrados por David Baguley (1990). Todos os contos se encontram anexados.

3.2.1 “Transpondo a Serra”

É um conto curto de duas páginas em que o narrador faz parte de um grupo de tropeiros que se dirige a cavalo do sertão em direção à cidade, possivelmente Fortaleza. O conto se passa na hora do crepúsculo, quando começam a subida de uma serra que precisam transpor para alcançar a cidade. Extremamente descritivo, logo de início, o narrador apresenta as primeiras diferenças entre os ambientes: a temperatura quente do sertão que abandonaram é suavizada na medida em que sobem a serra. O solo se torna mais acidentado e a vegetação mais alta e verde. O texto segue com mais descrições de um ambiente claramente interiorano, rural, acolhedor e abundante de vida. Assim, seguem grandes roçados, simétricas linhas de milharais, grandes arvoredos, charcos e cachoeiras.

Em seguida, o grupo se encontra com outros viajantes pelo caminho, indivíduos do povo indo e vindo. Primeiro cruzam com um comboio animado e barulhento: “Vozes, tropel, risadas...”. Depois, quando começa a escurecer, um homem bêbado assustou o grupo, temendo que fosse um assalto. Alcançam o topo e começam a descida. Do alto da serra era possível avistar o terreno percorrido. Na descida passam por uma vivenda, com “aromas de café” e “sons de viola”, despertando sentimentos de acolhimento e bem-estar. Embaixo, ao final da serra, era possível avistar a planície, e mais ao longe cintilavam as luzes da cidade. Ao término da descida, o conto acaba.

Na intensa descrição do que o narrador vê e sente, um lirismo permeia o texto e revela um esmerado trabalho de linguagem (comparações, metáforas, personificações), resultando em belas construções, tais como: a lua que, no crepúsculo, parecia presa ao céu tal qual uma “placa de níquel”; as etéreas “casinhas de folhas de palmeiras [...] esfumadas na penumbra crescente”; as luzes da cidade que brilhavam como “pequenos olhos fulvos de fera”. O mesmo se pode dizer, na descida da serra, sobre a visão da planície parcialmente coberta por neblina, que é descrita pelo narrador como estando “velada por uma gaze brancacenta, esbatida para além num poeiramento sutil a confundir-se imperceptivelmente com a fimbria do horizonte vago e longínquo”.

Em “Transpondo a serra” encontramos uma propriedade que Raquel de Queiroz identificou em *Aves de arribação*: “É um livro que, passado todo no interior do Ceará, não diz uma palavra sobre seca! As paisagens que descreve são sempre as verdes campinas, os riachos correndo, os tabuleiros em flor. Nada do Ceará esquelético e faminto, o Ceará das secas e dos retirantes” (Queiroz, 1979, p. 4). É notável no conto a mesma paisagem frondosa e acolhedora, criando uma atmosfera de *locus amoenus*, que não é comum associar ao naturalismo. Como nós, Raquel de Queiroz situa a obra do escritor no realismo-naturalismo, “mas um realismo, digamos, mitigado, porque Antônio Sales, homem de medida e gosto, jamais chegaria aos excessos penosos dos cristãos-novos do movimento” (p. 5). A autora de *O Quinze* (1930) reproduz a visão tradicional do naturalismo como um realismo exacerbado, que se tornou comum na historiografia literária, sem se dar conta que ficções descritivas de paisagens, pessoas e objetos, sem ação relevante e conclusão edificante (Catharina, 2005), como “Transpondo a serra”, eram chamados de naturalistas no final do século XIX.

3.2.2 “No trem”

Assim como “Transpondo a Serra”, “No Trem” é um conto de duas páginas, narrado em primeira pessoa. Toda a trama se passa durante uma viagem de trem, veículo que, juntamente com o navio à vapor, era o meio de transporte mais moderno no final do século XIX. Nada de extraordinário acontece (acidentes, tribulações, etc.), apenas as observações do narrador-personagem, que inicia a trama na plataforma de saída (salão de espera) já embarcando no “carro”.

Em princípio, devido à algazarra formada pelo embarque, ele não consegue distinguir o que acontece. Só quando se senta é que a narração segue, retratando o movimento de ida e vinda de alguns e a quietude de outros que, aproximada a hora da partida, aproveitavam para uma última conversa. O trem começa a funcionar com seus chiados, ranger de correntes e retinir de sinetas. Cabe aqui citar a saída do trem da plataforma até passar pela arcada do portão e chegar ao exterior. Lá dentro, enquanto o trem inicia seu funcionamento, com uma atmosfera ainda sombria, que se modifica inteiramente com a passagem do veículo pelo portão, momento em que é invadido por uma forte luz que penetra por todos os seus orifícios, iluminando-o intensamente, dando ao leitor a impressão de estar “entrando” em uma grande jornada – quando na verdade, ao final do texto, saberemos ser apenas uma simples viagem ferroviária. Chama a atenção aqui a utilização do verbo “brechar” (9º parágrafo), que faz um paralelo, ainda que intencional por parte do autor, com o ofício do escritor naturalista: observar.

Daqui em diante, o narrador direciona o seu olhar atento para seus companheiros de viagem, fazendo um pequeno documentário de seres populares: um bebê de aspecto saudável que contrastava com os demais passageiros, quase todos velhos ou feios; um velho asmático de pele morena que tossia com força; um velho fazendeiro falando sobre a safra do café; uma senhora falando sobre a doença da filha; uma moça morena que tentava aparentar uma situação social que não abraçava, com a “elegância barata” (11º parágrafo) de seu vestido de casa. Não há ninguém especial ou notável, apenas pessoas comuns. Nota-se que esses personagens não têm nome. São reconhecidos por características, ou, como no caso do fazendeiro, pela função social exercida. O narrador também não tem nome. Esse fato cria uma universalização capaz de gerar identificação entre eles e grupos sociais de características semelhantes, ou ainda entre eles e o leitor.

Em seguida, vem a descrição da paisagem. Terreno de areia branca com zonas de barro, aves e marmeleiros viçosos que, pela ilusão causada pelo movimento do trem, passavam pelo narrador (16º parágrafo). É possível ver aqui uma alusão ao personagem típico das narrativas desiludidas, espectadores de suas próprias vidas (Baguley, 1990, p.120).

O trem faz uma pausa em um pequeno e simpático lugarejo, no qual desce a mulher com vestido de casa. Em seu lugar, senta-se um rapaz que a observara anteriormente sem ser correspondido. Ao vê-lo sacar a carteira e um lápis e começar a escrever, o narrador, imaginando que o homem compunha um poema, empolga-se com a perspectiva da permanência do sentimentalismo romântico (entenda-se aqui o sentimento, não a escola) e, conseqüentemente, da poesia. Contudo, frustra-se quando, após um breve cochilo, percebe que o rapaz dorme tranquilamente.

O leitor, desde que baseado em informações coerentes com a obra e com o contexto em que esta foi produzida, pode depreender diferentes ideias de um mesmo texto. Julgando por seu autor e pela época em que foi publicado, parece possível inferir que em “No Trem” o veículo funciona como uma representação da vida, da qual muitos embarcam e desembarcam. Os passageiros simbolizam o homem tal como compreendido pelos autores naturalistas, tipos comuns que, de seus assentos, ou seja, estaticamente, observam a vida passar. A frustração do narrador vem do fato do homem não escrever o poema, o que pode ser lido como a decepção de assistir a desistência, a resiliência passiva do ser desprovido de sentimentos, de força vital (a Poesia).

3.2.3 “No mar”

“No Mar” foi o terceiro conto de Antônio Sales publicado em *O Pão*. Nele, o narrador-personagem relembra sua primeira viagem marítima. Aparentemente, essa viagem aconteceu em um tempo bem anterior ao tempo da narração, visto que embora declare ter amado a ocasião, as lembranças já começavam a “bruxulear” em seu espírito como uma “chama que se extingue” (1º parágrafo). Ele era o único que viajava pela primeira vez.

Em um primeiro momento, ele se assusta com gemidos e sons estridentes produzidos pelos companheiros de viagem, os quais sofriam de enjoos. Sugestionado, passa a compartilhar desses sintomas e decide aguardar pela piora de seu estado no tombadilho. O navio ainda estava ancorado e balançava fortemente. Observando um conhecido que estava nauseado, ele se distrai e acaba melhorando. É a partir daí que começa a contemplar com satisfação a vista da cidade.

O navio finalmente zarpa. O narrador fica imobilizado pela visão da cidade, que pouco a pouco se tornava uma “deformação de contornos” na paisagem. Decide, então, olhar para o mar e por ele se encanta. É nesse momento que se percebe a faceta poética de Sales, que para demonstrar o encantamento do narrador, consegue criar imagens e sensações com linguagem rebuscada e lirismo. Assim, temos a água com seus “lampejos ofuscantes” (20º parágrafo), o “floculo de espuma” que “enflorescera” a orla superior da onda (21º parágrafo), a “branca efervescência de via láctea efêmera” traçada no mar pela passagem do navio (20º parágrafo); o mar cuja “calma imponente” fazia imanar “labaredas de róseos pensamentos” da alma (33º parágrafo). A superioridade do mar também é atestada em sua comparação com a terra firme,

a cidade. O mar era imenso, iluminado; a terra, “uma mancha estreita e escura deturpando” o mar (32º parágrafo).

Apesar de trechos de lirismo e rebuscamento, no geral “No Mar” é um texto leve com pitadas de bom humor, como no trecho em que o narrador descreve o homem do chapéu de sol que “regalava os peixes” (14º parágrafo) ou mais à frente, quando “aconselha” o mesmo sujeito a “chupar limões” (30º parágrafo).

É importante também considerar a forma como a história é narrada. Não há um diálogo direto com o leitor, mas o narrador em primeira pessoa torna a história mais pessoal, principalmente quando esse narrador conta sua própria história. Além disso, o modo como estabelece os fatos, não apenas descrevendo, mas citando suas breves impressões sobre o que é narrado, como “... tinha um aspecto tão dolorosamente cômico que não pude conter uma gargalhada” (11º parágrafo), “Ah, que existência rudemente bela a dos homens do mar...” (26º parágrafo), ou “... as Ignezes estavam todas enjoadas, creio” (21º parágrafo), dá um tom de informalidade e intimidade que aproximam o leitor (40º parágrafo).

O conto não descreve o final da viagem. A história termina com o narrador que, tomado de encantos pelo mar, faz ponderações sobre o amor e sobre como o ambiente marinho é propício às questões sentimentais. Contudo, não consegue encontrar alguém em quem “insultasse toda a chama de amor” que havia em seu coração. É possível que aqui tenhamos uma crítica ao subjetivismo e idealismo romântico, repudiado pelo objetivismo realista (Coutinho, 1976, P.185).

3.2.4 “O pai André”

Com apenas uma página, “O Pai André” é o mais curto dos contos de Sales. É narrado em primeira pessoa, por um narrador-personagem que, agora mais velho, volta no tempo para falar sobre o terror de sua infância: o pai André. André é retratado como um negro retinto de olhos amarelados (1º parágrafo) e “farripas brancas sobre a cara feroz” (9º parágrafo), que caminhava apoiado em um bastão de madeira e trazia na cintura uma faixa, na qual portava uma faca de mato (7º parágrafo).

A designação “pai” no texto insinua não apenas a figura de um homem mais velho, reiterada mais em diante pelo termo “preto velho” (6º parágrafo), mas a ideia de liderança e autoridade. O narrador considerava-se o líder das outras crianças, mas mesmo ele, tão inocente

quanto os demais colegas, morriam de medo daquela figura imponente que “espalhava em torno de si uma atmosfera de terror” (4º parágrafo). Quando André aparecia para pedir esmolas, os pequenos se refugiavam em seus domicílios e toda vez que o homem se instalava na casa da confeitaria local, a velha Zefa, passavam pela dura penitência de se abster das guloseimas (11º parágrafo). O narrador confere ao pai André “a perda de grande parte de sua jovialidade” (10º parágrafo).

É impossível ler esse conto sem lembrar da figura do homem do saco ou velho do saco, que no Brasil costuma ser retratado como um homem adulto e imponente, de alta estatura, quase sempre um maltrapilho, que carrega um grande saco nas costas, no qual recolhe crianças bagunceiras e desobedientes. Gerações de criança foram, e ainda são assoladas pelo medo do homem do saco, medo esse sustentado pelos próprios pais. Isso é justificado pelo texto: “As mães, na ausência de força moral própria, socorriam-se ao prestígio terrorista do pai André...” (8º parágrafo).

O narrador termina dizendo que quando foi perdendo o medo do Pai André, entrou para a escola, ou seja, o medo acabou com a maturidade. André era um pedinte, que provavelmente vivia nas ruas ou em lugares menos privilegiados ou precários, visto que costumava se instalar na casa da confeitaria. Um homem velho, negro e pobre em uma sociedade escravocrata – o texto foi escrito em 1885 e a Abolição da Escravatura só aconteceu em 1888 - não se encontrava em posição de exercer poder, a não ser sobre crianças, que ignoravam tais questões sociais. Talvez por isso fazia questão de abusar de sua má fama, fazendo ameaças assustadoras aos pequenos (6º período).

3.2.5 “Um dia em M.”

De acordo com David Baguley, o naturalismo é considerado a escola que dá primazia à descrição (1990, p. 184). Essa quebra da estrutura tradicional em que a narração é o elemento central é alvo de duras críticas. George Lukacs em seu Ensaio sobre Literatura (1965), explica que a substituição do enredo pela descrição objetiva “é uma parte essencial da herança do naturalismo” (Lukacs, 1965, p.87). Essa passagem da descrição para método dominante da composição ocorreu em um período em que, por motivos sociais, perdera-se a “sensibilidade para momentos essenciais da estrutura épica”, de modo que a descrição entrou para ajudar a “encobrir a carência de significação épica” (p.61). Contudo, a preponderância da descrição

causa um “afastamento ainda maior da literatura em relação ao significado épico” (p.61). Para ele, a descrição apoiada na observação tem como resultado a superficialidade e transforma os homens em seres estáticos (p.75).

Em “Um dia em M.” temos um bom exemplo da preponderância da descrição sobre a narração. Trata-se de um conto de três páginas inteiras em que lemos a descrição incansável de paisagens, alimentos e costumes de uma região. Divide-se em 6 partes que se relacionam a fases do dia: as partes I e II compreendem o período da manhã; as partes III e IV abrangem a tarde; as partes V e VI, o fim de tarde e noite. Algumas vezes, a narrativa se torna mais lenta e arrastada, o que segundo Lucaks é um efeito colateral do excesso de descrição: “O método descritivo acarreta a monotonia compositiva, enquanto a arte da narração não só permite como estimula uma infinita variedade de formas de composição” (Lukacs, 1965, p.87). Traça-se um belo panorama do interior do Brasil, mais provavelmente do nordeste brasileiro. O local propriamente dito, “M.”, é indefinido, certamente uma estratégia do autor para dar mais liberdade para que o leitor se identifique com o lugar que melhor lhe aprouver e, assim, criar uma maior conexão com o texto.

Abaixo do título do conto, a observação “notas de um laudâmbulo⁶” resume bem a sensação que se tem ao ler o texto: de estar diante de um diário. Isso não quer dizer que o texto apresente todas as características que se observa em um diário no que se diz respeito à formatação e à presença de elementos textuais característicos desse gênero, tal como a data em que se deu os eventos, por exemplo. Todavia, o fato dos acontecimentos serem expostos cronologicamente por um narrador-personagem, que de tempos em tempos informa suas impressões sobre o que viveu – a alegria de sentir na “pele tostada” o contato “caricioso e frio” da água da cascata (7º parágrafo), a forma como as pálpebras teimavam em fechar e o corpo se arqueava suavemente “aos acalantos do vento” (19º parágrafo), etc. – mais que um conto, forma claramente um relato (íntimo) de viagem.

O deslocamento do narrador é perceptível pelas mudanças no espaço. Na primeira e segunda partes, acompanhamos o início da manhã em um “cenário aldeão” (14º parágrafo). O narrador se levanta cedo e se prepara para tomar banho. No caminho, observa com riqueza de detalhes a paisagem e a movimentação dos demais. Sente o ar fresco e revigorante e o cheiro das acácias enfileiradas ao longo dos muros. Observa jovens banhistas com suas toalhas e cabelos soltos, as casas de engenho e os canaviais. Ao visitar o quarteirão do comércio, observa a abundância de carne, a excelente qualidade das frutas e uma infinidade de outros alimentos e

⁶ Laudâmbulo = turista.

produtos típicos do interior, tais como beijus, broas e redes. No lado de fora, na praça, retrata os costumes dos habitantes da região: pessoas preparando suas provisões de fazendas e mantimentos, o bêbado brincalhão, o bimbalar dos sinos da igreja e os grupos de fiéis que para lá se dirigiam. Nota-se a figura do ciclista que, segundo o próprio narrador, destoa da simplicidade dos demais.

Nas partes III e IV, a tarde surge com força, retratando contornos de sertão. O sol extremamente forte da natureza tropical “encandece o ambiente” (15º parágrafo) e afasta os transeuntes, criando uma atmosfera de “desalento e tédio” (20º parágrafo). O calor e o movimento do vento são descritos com traços poéticos: “Um vento rijo e morno sopra dos telhados com um amplo rumor de vaga que se desdobra, e ao som das melodias de *Ventose, qui sait tant de chansons*, as folhas secas rodopiam numa sarabanda de silfos alucinados” (18º parágrafo). Tanta aridez contrasta com a visão da serra com seu frescor e áreas cultivadas.

A parte V traz o entardecer, precoce pela localização da região, atenuando os “tons ásperos da paisagem” (24º estrofe), ocasionando o retorno dos transeuntes de volta às ruas. O conto termina na parte VI, com a chegada da noite.

A leitura de “Um dia em M.”, assim como de “Transpondo a Serra”, evidencia a predileção de Sales em apresentar um nordeste, cuja seca e o sofrimento que dela advém são apenas aspectos de uma região que também tem seu lado rico e próspero.

4 AVES DE ARRIBAÇÃO

Antônio Sales publicou um único romance, intitulado *Aves de Arribação*. Essa “novela cearense”, como era classificado por Sales nas palavras de Otacílio Colares (Sales, 1979, p. XV), foi lançado primeiro em forma de folhetim no *Correio da manhã*, do Rio de Janeiro, onde Sales atuava como jornalista, e, posteriormente, reunido em livro no ano de 1914.

Figura 11 - Capa da segunda edição de
Aves de Arribação



Fonte: Disponível em: <<https://damarisresende.wordpress.com/2009/02/16/aves-de-arribacao-antonio-sales/ikipedia>>.

No que diz respeito às críticas, pode-se dizer que no geral *Aves de Arribação* teve um retorno positivo. De acordo com uma referência bibliográfica encontrada no livro *Aves de Arribação* da *Coleção Dolor Barreira*, disponível no site da Academia cearense de Letras, a publicação do romance em folhetins se deu por volta de 1902, enquanto a compilação em livro data de 1914. Para Miguel Pereira, a pouca repercussão que o romance teve se deve a essa publicação tardia em livro, que acabou por gerar uma impressão de repisamento, culminando

em comparações com *Madame Bovary* e *A Normalista*. Mesmo assim, enxerga boas qualidades no romance:

[...] um livro de qualidades, feito em torno dos choques entre o grupo social estratificado, e o individualismo libertário dos adventícios desenraizados. Uma professora e um promotor representam os elementos estranhos, que não só contrariam os hábitos antigos, como provocam agitação e inquietação na pacatez provinciana. Sob esse aspecto, *Aves de Arribação* ultrapassa muitos dos seus predecessores, indo mais fundo no estudo do meio, não pelas descrições, mas pelo sentido dos conflitos. [...] (Pereira, 1973. p.139).

Sodré concorda com Miguel Pereira no que diz respeito ao atraso de certos livros, entre eles o romance de Sales, que para ele seriam capazes de confrontar outros romances daquela fase. Classifica *Aves de Arribação* como um romance no qual “há uma aguda observação e boa fixação dos costumes, além do levantamento do quadro social” (Sodré, 1965, p. 197). Já Alfredo Bosi destaca a questão da seca e da imigração, tema este que acredita ter recebido um “tratamento mais feliz em *Aves de Arribação* (1913)”, livro que se lê com agrado (Bosi, 2015, p.155).

Na contramão desses reconhecidos críticos literários está Rodrigo Gurgel, crítico do jornal *Rascunho* e da *Folha de São Paulo*. Gurgel confere à conterraneidade de Raquel de Queiroz e à “falsa cordialidade brasileira” de Tristão de Athayde os elogios feitos à *Aves de Arribação*. Também recusa os “elogios imprecisos” de Miguel Pereira e Bosi, bem como os comentários entusiasmados de Massaud Moisés. Para ele, *Aves de Arribação* é um romance “verboso” e “anacrônico”, repleto de construções piegas e carente de talento. Postula que muito do que é mostrado com respeito ao enredo e aos perfis de personagens no capítulo I não se desenvolve ao longo do romance, “servindo apenas como pano de fundo para uma história de mexericos, sentimentalismo provinciano e dramas mesquinhos” (Gurgel, 2012). Critica o autor, a quem julga aficionado por ornitologia, devido a quantidade de vezes que menciona aves, em especial no capítulo VII, em que dedica 11 parágrafos aos pássaros. Outras críticas de Gurgel são quanto às paisagens evocativas que envolvem elementos dourados e a aparente predileção do autor pelo uso de adjetivos, o que, segundo ele, produz “aberrações diversas”. Ele também aponta um rebuscamento exagerado e os lugares-comuns que se repetem, muitas vezes criando um efeito cômico contrário ao intencionado pelo autor. Para Gurgel, *Aves de Arribação* é um romance massacrante em que nada se sustenta, uma espécie de “vade-mécum da literatagem nacional” (Gurgel, 2012).

Críticas à parte, *Aves de Arribação*, ao contrário de outros romances cearenses da época, foi inovador por não abordar a seca e suas consequências, retratando retirantes oriundos de

locais atingidos pela seca severa, como Valentim Pereira, Soledade e Pirunga de *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida (1887-1980), retratando a sofrida peregrinação de sertanejos pelo do deserto como em *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos (1892-1953), ou ainda descrevendo a perda da lavoura e toda a terrível tragédia que se abate sobre a família do João das Neves no romance “O Paroara” (1899), de Rodolfo Teófilo. Sales nos apresenta “um sertão tomado de verdor e fartura, em regra ignorado pelos autores nordestinos, ávidos de exhibir as mazelas político-sociais e culturais locais” (Campelo, 2008, p.130). A descrição abaixo foi retirada do capítulo I:

A faixa de sombra, cada vez mais larga, barrava o verde da praça. Vinha do açude um rapaz arrastando a roladeira com água; passou depois um vaqueiro, ao trote da égua cansada de campear, o peia-boi a pender-lhe da mão, que ele levou ao chapéu para dar boas-tardes aos da roda.

A igreja resplandecia ainda na fulguração do pôr do sol com um brilho ofuscante na vidraçaria do coro. Um magote de cabras vagava às soltas pelo patamar, pulando pelos degraus, simulando brigas, entre os berros estridentes.

A viração vespertina virava a tarde, arrepiando de leve a folhagem da mungubeira e espargindo o aroma das suas flores, que pareciam plumilhas de ouro, com as pontas esmaltadas de escarlate. (Sales, 1979, p. 20).

Há outras passagens ao longo do texto que reiteram essa ideia de um ambiente próspero e fecundo. O exemplo a seguir foi retirado capítulo VII do romance:

Ia correndo abril, [...] quando os botões se intumescem para rebentar na esplêndida floração do mês de maio. Os roçados sofriam a primeira capina, que os desbravava no ervaçal daninho, alastrado invasivamente por entre as carreiras de milho, afogando no embastido de suas hostes intrusas os feijoeiros salpicados de flores roxas com feitio de borboletas e os jerimunzeiros que se abriam em campânulas de ouro fulvo.

Já saturado de ouro, o solo não emitia esse calor de cio que lhe irradia das entranhas ao contato das primeiras chuvas. Os rios corriam túrgidos na majestade soberana das grandes forças, atingindo a orla das grandes ribanceiras [...]. O marulho surdo das águas, rolando sobre as lajes do leito, acompanhava o grande coro das aves, cujas vozes, diferentes de som e de expressão, se harmonizavam no mesmo hosana festivo em honra da estação bendita. (1979, p.72).

O romance se passa em uma cidade fictícia do interior do Ceará, denominada Ipuçaba, e gira em torno do triângulo amoroso formado por Florzinha, Bilinha e Alípio. Este último é um bacharel em Direito de 24 anos que, atendendo aos desejos de seu tio, Padre Balbino, o pároco do local, aceita o convite para o posto de promotor de Ipuçaba. Conquistador e ambicioso, Alípio, que não tinha a mínima intenção de ficar na cidade, desperta a atenção do coletor do local, Asclepiades Pinto, que instantaneamente vê no professor a pessoa ideal para

se casar com sua filha Florzinha. Asclepiades era um homem provinciano, cujo maior orgulho era ter morado perto da capital e conhecido o Rio de Janeiro, fatos que faziam com que se considerasse mais importante e distinto que os demais ipuçabenses.

Alípio, faz amizade com Matias, um jovem aspirante a poeta, visto com maus olhos pelos locais por ser sustentado pela mãe e não ajudá-la financeiramente. Matias nutria um amor platônico por Florzinha. Além das conversas com o humilde poeta, o advogado divide seu tempo entre jantares na casa de Alípio e rodas de jogo noturnas na casa de Bilinha, uma jovem e sensual professora, que passa a ser difamada por conta de sua proximidade com o rapaz. Com o tempo, Alípio consegue seduzir Bilinha. Desonrada e percebendo a impossibilidade de casar-se com o promotor, a jovem se desespera.

Nesse ínterim, aturdida com a maledicência do povo, Florzinha parte para a fazenda do Tio. Ao fazer uma viagem, Alípio fica doente e precisa se restabelecer na fazenda. O convívio diário com Florzinha e a distância de Bilinha fizeram com que Alípio se interessasse mais pela moça, ao ponto de anunciar intenções de casamento. O primo de Florzinha, Cazuzza, que nutria sentimentos por ela, decide partir e se aventurar pelos seringais da Amazônia.

De volta à cidade, surge um negociador de cavalo chamado Florêncio. O rico homem se interessa por Bilinha e Alípio, no desejo de se livrar das consequências pelo ocorrido com a professora, arma uma situação para Florêncio se casar com ela. Com o desejo de se afastar da cidade, Bilinha pede ao noivo que lhe consiga um emprego fora de Ipuçaba e prepara-se para ir embora. Enquanto tudo isso acontece, há uma revolução na política local. João Ferreira, antiga liderança de Ipuçaba, volta ao poder. Inescrupuloso, Alípio, traindo o partido de seu tio e de Asclepiades, negocia seu apoio a João e parte para a capital, com a promessa de pedir a mão de Florzinha ao retornar. A moça, que um dia havia sido apaixonada por Matias, iludida pela possibilidade de ter uma vida diferente fora dali, aguarda a volta do promotor, fato que com o passar do tempo parece que não aconteceria.

Antônio Sales é um escritor naturalista do seu tempo, tal como Adolfo Caminha e Figueiredo Pimentel, o que é possível perceber ao fazer uma leitura mais atenta do romance. Logo no início, temos uma forte presença de anticlericalismo por meio da descrição da personalidade e das atitudes do Padre Serrão, primeiro responsável pelos paroquianos de Ipuçaba. O sacerdote era um homem frio, desprovido de vocação e brios e desinteressado por seus deveres sacerdotais, os quais cumpria somente por obrigação. Sua maior preocupação era com o dinheiro que conseguia ganhar.

Como sacerdote, tinha esse padre uma biografia apagada e mediocrementemente edificante. Despido de fervor evangélico desde sua ordenação, ele havia chegado, ao tempo em

que foi nomeado para Ipuçaba, a uma sólida indiferença quanto à conduta religiosa dos seus paroquianos, aos quais administrava os sacramentos já um tanto maquinalmente, apenas preocupado com os proventos que embolsava. (Sales, 1979, p. 13)

Temos também uma crítica às autoridades que comandam o poder, principalmente político, na figura do personagem João Ferreira, um chefe de partido de passado obscuro que enriqueceu por meios escusos e se fazia respeitar pela dominação:

Esse homem era o João Ferreira, chefe do Partido Conservador, cheio de ódio e de prestígio, porque era perverso e rico. [...] Ao redor de si ele criara um ambiente de terror que substituíra vantajosamente o respeito da população, de cuja tolerância vivia, tiranizando-a tranquilamente e pouco importando-se que o amassem, contanto que o temessem e o obedecessem. (Sales, 1979, p.13).

Um dos protagonistas do romance, o bom *vivant* e ambicioso Alípio achava que um cargo importante em uma cidadezinha do interior era muito pouco. Famoso por sua boa oratória, por publicações acadêmicas e também pela autoria de um livro de poesias prefaciado por Tobias Barreto⁷, interessava-se bem mais pelas mulheres e pela vida boêmia que pelas questões políticas:

[...]

O tal “jeitinho” era o tom da insinuação que possuía Alípio a ponto de, desde o segundo ano, conseguir ingresso nas melhores rodas do Recife, tendo sempre para as festas convites espontâneos ou arranjados por meio das boas relações que facilmente conquistava em todas as classes.[...] (1979, p.33)

Alípio é descrito como um homem bem apessoado, que andava sempre bem arrumado e atraía a atenção das mulheres. Tais características se evidenciam no contraste entre ele e Matias. No trecho em seguida, escrito sobre a perspectiva de Matias, a atração provocada por Alípio fica bem clara:

[...] Nem lhe consentia o amor próprio que, mesmo sobre a égide de Alípio, aparecesse em casa do Asclepiades no seu velho traje mal talhado, quando o bacharel, apuradamente vestido, ia pelo caminho – bem o notava – atraindo os olhares de todas as mulheres. Uma mulher do povo interpretara o sentimento do sexo, exclamando:

⁷ Personalidade real, líder da Escola do Recife, cuja menção, além de trazer verossimilhança à narrativa, em especial ao leitor contemporâneo ao romance, pode ter sido uma homenagem de Sales.

Quando o Dr. Alípio saiu da Faculdade sobraçando a sua carta e com o indicador cingido pelo emblemático anel de brilhantes e rubi, sentia perfeitamente que não levava dali um cabedal de conhecimentos capazes de o imporem à estima de homem culto. Em compensação, levava um vistoso sortimento de retalhos de ideias, de noções apanhadas aqui e ali que lhe permitiria fácil jornada na sociedade, onde aliás não se tem obrigação de estar dando provas do seu saber, como na Faculdade; e se nesta conseguira “botar poeira nos olhos dos lentes”, lá fora então...

– “Ai que moço lindo, benza-o Deus!” (Sales, 1979, p. 47).

A beleza na aparência contrastava com seu caráter, que era no mínimo questionável. Ele era um homem cínico, egocêntrico, hedonista, dissimulado e vaidoso. Via suas necessidades sempre acima da vontade dos atos dos demais. Vide o modo como se sentiu com a visita de Asclepiades, após este se esmerar para ajudar a salvar a vida dele:

[...] Em todo caso, havia descortesia e ingratidão na falta de Alípio, e ele não pode disfarçar de todo seu ressentimento. Alípio percebeu-o, e subitamente se sentiu tomado de um tédio profundo, quase de aversão contra aquela figura chupada insignificante [...] ridículo com sua maneira de casar a filha com um pracião [...] (Sales, 1979, p. 168-169).

Uma outra passagem que bem exemplifica tais considerações é a forma como interpreta a ausência de Florzinha em um dos jantares na casa de Asclepiades. Mesmo considerando que a moça poderia estar interessada em algum outro rapaz, Alípio reflete até encontrar a explicação que melhor satisfizesse seu ego:

[...] Timidez matuta, falta de garridice ou...? Talvez tenha algum namorado, quem sabe? – pensou de repente. Mas quem? [...] o amor próprio de Alípio não lhe consentia admitir essa hipótese. [...] Agora notava que isto ocorria desde que que começara a encurtar as visitas para passar o resto da noitada no víspera da professora. Ciumenta, portanto; não poderia ser outra coisa. À sua vaidade de galanteador foi grata essa conjectura, e dela não quis mais sair. Era a mais racional e a mais cômoda. [...] (Sales, 1979, p. 67).

Adepto das teorias científicas da época, era pragmático e acreditava que na política o melhor era apoiar o mais forte. Era também supersticioso, ao ponto de achar que fora acometido por uma doença por conta de seu mau comportamento em relação à Bilinha. Ainda que em algumas vezes parecesse demonstrar alguma preocupação com os demais, seu ego falava mais forte, de modo que fazia valer aquilo que era melhor para si mesmo. Provocava Florzinha ao perceber que ela não se interessava por ele e mesmo tendo um bom relacionamento com Bilinha e estando ciente das graves consequências que a jovem enfrentaria ao se relacionar sexualmente com ele, seduz a jovem.

Bilinha é uma professora primária de poucas posses, que ao longo da vida havia sofrido assédio por parte dos homens. É descrita como uma mulher sensual de pele morena, curvilínea e esbelta, que “seria formosa se a boca fosse menor e o nariz não tivesse o arrebite petulante que lhe dava um ar menos distinto, porém mais provocante” (Sales, 1979, p.30). Culta e incompreendida pela maioria dos moradores da cidade por seus modos afetados e jeito

rebuscado de falar, interessa-se por Alípio e seu modo prazioso de ser e discursar. A intimidade entre os dois, atípica e equivocada para os padrões daquela época, faz com que ambos sejam vítimas da maledicência dos populares. Bilinha, ainda que contida e sobre controle de suas emoções, reluta, mas não consegue impedir de se deixar seduzir por Alípio. Consciente de seu infortúnio, vê-se obrigada a unir-se a Florêncio, comerciante de boa índole, porém intelectualmente menos favorecido, que, apaixonado, é enredado pelas mentiras de Alípio, que inventa uma história para justificar a desonra da moça.

Bilinha e Alípio são os melhores representantes do naturalismo preconizado pelo cânone, a que Baguley se refere como trágico. Alípio representa o que há de mais baixo em um ser humano. É um indivíduo calculista, falso ingrato e aproveitador. Fatalista, guiava e justificava seus atos pela crença de que estava impelido à boa vida a que aspirava: “... teria que ir-se embora, não para Ipuçaba, para as grandes cidades, onde se pelejam as grandes campanhas pela fortuna, pelo renome, pelos gozos da alta vida para a qual se sentia natural, fatalmente impelido, como uma ave para as alturas. [...]” (Sales, 1979, p.145). Do mesmo modo, atribuiu o fado de Florêncio à predestinação: [...] Fatalista, malgrado seu, via na infelicidade de Florêncio, uma predestinação. Podia esse homem casar-se com uma santa: a santa cairia, embora para salvar-se depois pelo arrependimento [...]” (p.184).

O Determinismo dita as regras da vida de Bilinha. Ao divagar em sua intimidade, pensava em se casar com Alípio, mas tinha consciência de que tal fato era impossível, não só pelo caráter ambicioso do jovem promotor, mas também por si mesma. Cobiçada, sentia que era “físicamente feita para inspirar essa cobiça” (Sales, 1979, p.54). Bilinha cria ter herdado uma predisposição à desgraça de sua mãe, Maria Lina. Filha ilegítima de seu pai, culpava a mãe por ter nascido marcada por seu pecado, pelo “mau sangue que lhe corria nas veias”. Desprezava sua genitora, a quem considerava uma “odiosa mulher”, cuja companhia “era um espantalho para os corações bem intencionados, um chamariz para os profissionais da concupiscência”. Assim explicava o fato de já ter sido arrastada a “sérios perigos”, ou seja, de já ter sido assediada por outros homens (p. 55). Quando cede aos apelos de Alípio, passa a sofrer chantagem de Maria Lina que, após anos de desprezo por parte da filha, vê na desgraça da moça a realização triunfal de sua vingança: afinal, Bilinha havia se igualado a ela. Maria Lina e Bilinha são personagens típicas dos romances científicos, cujas ações são regidas por inevitáveis e alheias às suas vontades, tal como, no caso de Bilinha, a hereditariedade.

Ao contrário de Bilinha, Florzinha é uma moça bonita de pele clara com traços pueris, de modos tímidos, com vergonha de suas formas e ainda muito inocente nos assuntos amorosos. Desde o início, não simpatiza muito com Alípio, mas também não reluta contra o pai quando

este começa a agir em prol de arranjar seu casamento com o jovem promotor. Aflita, divide momentos de angústia com a mãe, sua grande apoiadora. Quando finalmente se convence-se de que não há saída melhor do que casar com Alípio, cuja promessa de lhe pedir em casamento ao voltar para Ipuçaba pode não ser feito. O autor não define o final, mas levando em conta o comportamento volátil de Alípio e o fato de que ele e Bilinha iriam “para a mesma terra e quase ao mesmo tempo” (Sales, 1979, p.203), pode levar o autor à conclusão de Alípio não regressará.

Florzinha e Matias parecem se encaixar bem na estrutura de personagem naturalista desiludido apresentado por Baguley (1990) e discutido nesse trabalho no capítulo 3. Comportam-se como meros espectadores, personagens que ao ver seus desejos e esperanças destruídos pelas circunstâncias, são incapazes de intervir em suas próprias vidas, resignam-se com uma existência não desejada (1990, p.120). Matias a amava, mas era fraco, julgava-se inferior e não tinha coragem de lutar contra a desaprovação de Asclepiades. Bem aceito pela família do Capitão Galdino, tio de Florzinha, acaba se acomodando com um casamento com sua filha, prima de sua amada. Jamais revela seus sentimentos. Moça casta, bela e de boa família, Florzinha tinha tudo para ter uma boa vida. Contudo, mesmo com o apoio da mãe, não é capaz de declarar seu amor por Matias e lutar por ele. Tão pouco aceita o amor de seu primo a quem considerava “um irmão arisco e rude, de uma educação, de uma índole incomparável com a sua” (1979, p.190). Acaba infeliz, vendo sua mocidade esmorecer na incerteza da volta de Alípio e de um pedido que muito provavelmente nunca aconteceria.

Amaral e Correia em “A tensão entre local e global nos diálogos que provocam a obra *Aves de Arribação*, de Antônio Sales, e a postura crítica da Padaria Espiritual”, Capítulo 4 do livro *130 anos da Padaria Espiritual: história, subversão e humor (2023)*, fazem observações relevantes com respeito ao espaço no romance. Segundo eles, a forma como o espaço é descrito toma uma função narrativa decisiva na construção do enredo e no destino das personagens, de modo que as ações dos personagens se desdobram até a chegada do estio – o momento do desfecho –, quando a paisagem, que antes era esplêndida, dê lugar a um cenário sombrio (P.73).

Aves de Arribação se passa em uma cidade do interior, Ipuçaba, no período de transição entre a monarquia e a república. Segundo Campelo, existe a hipótese de que Ipuçaba tenha sido inspirada na antiga cidade de Soure, atualmente chamada de Caucaia, situada na zona metropolitana da capital. Contudo, no final do capítulo I do romance (1979, p.21), o narrador traça um trajeto de viagem por meio do qual um personagem sairia de Fortaleza e iria até Quixadá, que se encontra no sertão central, para de lá partir para Ipuçaba. Essa trajetória seria desnecessária se Ipuçaba se situasse no litoral ou na região metropolitana (Campelo, 2008, p.126). Localização à parte, Ipuçaba é uma cidade em que a água, o verde a flora e a fauna se

harmonizam fartamente. Significa literalmente “mina d’água”⁸, ou seja, o próprio nome da cidade já contraria a imagem da seca.

Ipuçaba é descrita como um lugar pintado de verde por sua vegetação e água abundantes. Entretanto, no capítulo final, observamos a chegada da seca: “[...] A sombra era fresca e leve, como se a gente estivesse envolvida numa nuvem caída, numa daquelas nuvens pardacentas, oureladas de ouro, que em breve desertariam do céu por onde rolaria longos mortalmente longos, no abrasamento daquele céu sem nuvens e daquela terra sem folhas [...]” (p.205). A alteração no clima coincide com a mudança dos sentimentos de Florzinha, cada vez mais triste e amargurada à medida que a história acaba, evidenciando a estratégia do autor de usar o espaço um meio refletir, representar a intimidade, o sofrimento mortificante de florzinha:

O final de Florzinha, triste, porém infelizmente comum, é arquitetado estilisticamente por imagens relativas à floração murchando. Se numa primeira descrição de Florzinha é feito menção à sua inocência e ignorância sobre namoro, na última cena do livro, quando se representa a chegada do estio, a heroína torna-se uma “inválida do amor”, palavras que encerram o livro, seguidas de desiludidas reticências, após a anunciada arribação do mesquinho noivo [...] (Costa; Ponciano Filho, 2023, p. 73).

A chegada da seca, juntamente com o desfecho dos demais personagens nucleares, traz uma reflexão sobre o título do romance. É somente no final, no último capítulo do livro, que finalmente compreendemos a escolha do autor. *Aves de arribação*⁹ são aquelas que mudam de região em determinadas épocas do ano. De acordo com Campelo, é “uma metáfora da impermanência, do instinto migratório” (2008, p.131). No romance de Antônio Sales, as aves são Bilinha e Alípio. Este partiu por almejar uma vida incompatível com a de uma cidade interiorana; aquela, para se livrar de uma reputação manchada.

Aves de arribação teve pelo menos 4 edições: a primeira, de 1914; a segunda, em 1929; a terceira, de 1965, conhecida pelo prefácio escrito por Raquel de Queiroz; a quarta, de 1979, edição usada como referência nesse trabalho. Para Tristão de Andrade, prefaciador da segunda edição, o romance estava preso à linguagem e ao formato literário de sua época, porém, independente de escolas literárias ou modismos. Considera que o romance, que não era propriamente regionalista, tão pouco associado à literatura da seca estuda com exímia observação, o ambiente da cidade pequena e da cidade pequena cearense, com seus tipos e problemas característicos (Sales, 1979, 11).

⁸ IPUÇABA. In: **Di, Dicionário inFormal**. Disponível para consulta online.

⁹ **AVE DE ARRIBAÇÃO**. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Disponível para consulta online.

Raquel de Queiroz disse que *Aves de Arribação* é um romance que merece um lugar especial no cenário literário brasileiro, por sua alta categoria e originalidade. Ao fugir dos flagelos da seca, fenômeno esporádico, consegue retratar um Ceará mais constante, mais real (Queiroz, 1979, p. 4). Atesta que o romance revela a universalidade da obra – assim como se situa no Ceará, poderia ser em Minas Gerais, na Bahia, etc. – narrando hábitos, ambientes, política, intrigas, entre outros, por meio de um realismo contido, uma vez que “homem de medida e gosto, jamais chegaria aos excessos penosos dos cristãos-novos do movimento”. É um romance que, ao mesmo, traz o frescor da inspiração e a marca da experiência de seu autor (p.5).

Otacílio Colares, já citado anteriormente nesse capítulo, responsável pela organização, atualização ortográfica, introdução crítica e notas da quarta edição, explica o fato de ter sido publicado fora do período de predominância do estilo naturalista no Brasil, estimado entre 1880 e 1910, mas pensado e escrito no final do século XIX, pode explicar a sua fuga aos padrões mais emblemáticos do naturalismo. Para ele, Sales não teria se filiado a um único estilo, mas usado desta ou daquela as características que melhor servissem ao seu propósito. (SALLES, 1979, p. XVI). Para ele, *Aves de Arribação* é um “romance eclético”, ou um “romance regional-psicológico, implicando tal psicologismo preocupação realística, nos moldes ao que se representou a partir do autor de Quincas Borba” (1979, p. XIX).

Mais adiante, Colares admite que Sales também havia deixado uma parcela “pequena mas sensível” de naturalismo no romance, citando como exemplo, um trecho em que Alípio assiste Florzinha e sua prima, Luizinha, tomarem banho de rio. A cena é sensual, por certo, mas Colares faz questão de ressaltar que não se deve pensar que “o sexo seja, em *Aves de Arribação*, como nos romances mais representativos do naturalismo brasileiro, a razão primeira do entrecho: é ele, o sexo, apenas um toque de realismo, já que tudo ocorre incidentemente, como decorrência quase circunstancial [...]” (p. XX). Ele também enfatiza que não há licenciosidade no texto, e que embora não haja uma linguagem mais pomposa, igualmente não tem um único indício de vulgaridade (p.XXI)

Como podemos perceber, parece haver em Colares uma grande necessidade de afastar o romance do naturalismo, estilo esse que, segundo se deduz pelas próprias palavras do autor, prima pelo sexo, é vulgar e licencioso – alguns dos tais padrões emblemáticos do naturalismo. Por outro lado, tenta estabelecer relações com o realismo (“preocupação realística”; sexo com toque de realismo). Parece haver aqui, ainda que de forma indireta, uma comparação entre o realismo e o naturalismo, em que este assume uma posição de inferioridade. O mesmo se depreende da fala de Queiroz quanto aos “excessos dos cristãos-novos”. Colocações como

essas, representam os preceitos aceitos pelo cânone literário, que tanto diminuem o naturalismo e contra os quais esse estudo se posiciona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação conclui uma pesquisa que teve início em 2021. Foi um processo complicado devido à falta de tempo para dedicação integral aos estudos, entretanto, extremamente gratificante para alguém que se encontrava fora do âmbito acadêmico por quase 20 anos. Cada novo dado era uma descoberta. A infinidade de material disponível e ao alcance de qualquer pessoa na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional é surpreendente. É uma ferramenta de importância imensurável. Cabe destacar também o site da *Academia Cearense de Letras*, que possui um extenso acervo sobre a *Padaria Espiritual* e seus membros, com destaque para Antônio Sales.

Em uma época de acentuado surgimento de grupos literários, a Padaria se destacou enormemente, sendo ainda hoje celebrada. Está aí o recém publicado livro *130 anos da Padaria Espiritual: história, subversão e humor da agremiação literária cearense* para justificar minhas palavras. É impressionante perceber a expressiva circulação de obras que esses “jovens cultos sem fortuna de um centro cultural periférico do país” (Mendes, 2012, P.64) conseguiu implementar. Da mesma forma, é difícil deixar de se impressionar com Antônio Sales. Autodidata, multifacetado, versista por excelência e inabalável em suas convicções políticas, jamais traiu seu caráter reservado, nem mesmo para aceitar o convite para se tornar membro da *Academia Brasileira de Letras*.

Um dos momentos mais delicados, e ao mesmo tempo mais instigantes da pesquisa, diz respeito ao estudo das influências naturalistas no estilo e na obra de Antônio Sales. Como conseguimos comprovar ao longo de nosso estudo, o naturalismo é, ainda hoje, uma escola literária muito incompreendida. Isso não poderia deixar de ser diferente, considerando que os principais nomes de nossa crítica literária, representados aqui por Afrânio Coutinho, Lúcia Miguel Pereira, Alfredo Bosi e Werneck Sodré, comungam de um acentuado despreço pelo naturalismo, retratado como uma forma exagerada do realismo, e, conseqüentemente, inferior, que além de durar pouco tempo, não provocou muito impacto entre os nossos intelectuais, e foi responsável por narrativas cujos personagens e enredos desinteressantes estavam sempre submissos ao cientificismo e à iminência de uma inescapável fatalidade. Tais concepções, associadas ao estilo contido com que Sales construía suas narrativas, criou muitas dúvidas quanto a prevalência do estilo naturalista em seus contos, os quais, até onde sabemos, não haviam sido analisados. Mesmo com o conhecimento de estudos mais abrangentes como os de Baguley e de pesquisadores contemporâneos atuantes no campo da literatura da segunda metade

do século XIX, surgiram muitos questionamentos, especialmente no que diz respeito à *Aves de Arribação*, normalmente apontado como um romance realista com toques de naturalismo. De fato, o final do século XIX foi um momento muito conturbado, de diferentes movimentos e ideologia em contínua efervescência. Entre o realismo e o naturalismo há uma linha muito tênue. Ao final desse trabalho, após muito estudo e reflexão, chegamos à conclusão de que o naturalismo é a melhor palavra para designar a estética de Antônio Sales, mas não estaria errado chamá-lo de escritor realista.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edgar de. **O Pão da Padaria Espiritual**. Disponível em: <http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1982/ACL_1982_24_O_Pao_da_Padaria_Espiritual_Edigar_de_Alencar.pdf>. Acesso em: 21 out. 2022.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **Ritmos da Vida: momentos efusivos da família real portuguesa nos trópicos**. Rio de Janeiro. Ed. Arquivo Nacional, 2008.

AZEVEDO, Sânzio de. **A Padaria Espiritual**. Santa Maria: Imprensa Universitária, 1970. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/193268370-A-padaria-espiritual-sanzio-de-azevedo-1-o-gremio-do-cafe-java.html>>. Acesso em: 25 out. 2022.

AZEVEDO, Sânzio de. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de. **O Ceará e os grêmios literários**. In: *Revista de Letras*, Fortaleza, 5 (2): pág. 123-126, jul./dez. 1982. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17285>>. Acesso em: 22 out. 2022.

AZEVEDO, Rafael Sânzio de & CARVALHO, Gilmar. **Padaria Espiritual: resgate e permanência da molecagem cearense**. Fortaleza: Edições Fundação de Cultura e Turismo, 1992.

BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BARROSO, Natalício. Os Oiteiros e seus integrantes. **O Estado CE**, 2014. Disponível em: <<https://oestadoce.com.br/artegenda/os-outeiros-e-seus-integrantes/>>. Acesso em: 22 out. 2022.

BEZERRA, Valéria. **Entre o nacional e o estrangeiro: José de Alencar e a constituição da literatura brasileira em cenário internacional**. 2016. 249f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, SP.

Belmiro Braga. **Vozes Poéticas de Minas**. Disponível em: <<https://ejef.tjmg.jus.br/vozes-poeticas-de-minas-belmiro-braga/>>. Acesso em: 7 jun. 2023.

BÓIA, WILSON. **Antônio Sales e sua época**. Fortaleza. Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, 44ª edição: Cultrix, 1994. Disponível em: <<https://ia903401.us.archive.org/7/items/livrainosdomal2020/Alfredo%20Bosi%20-%20Hist%C3%B3ria%20Concisa%20da%20Literatura%20Brasileira.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BRITO, Luciana. A Padaria Espiritual e a cidade de Fortaleza no final do século XIX. **Patrimônio e memória**, São Paulo, Unesp, v. 10, n.1, p. 110-131, janeiro-junho, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5703281.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2022. Acesso em: 14 jun. 2023.

BRITO, Luciana; MARTINS, Ricardo André Ferreira. **Consolidação do campo literário cearense e do público leitor em fins do século XIX**. Patrimônio e memória, São Paulo, Unesp, v. 14, n.1, p. 425-443, janeiro-junho, 2018. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5703281.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2022.

CAMINHA, Edmilson. Adolfo Caminha e a Padaria Espiritual. in: <https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1980/acl_1980_29_adolfo_caminha_a_padaria_espiritual_edmilson_caminha_j.pdf>. (p. 197-205)

CAMPELO, Kilpatrick. **Análise de elementos estruturais lingüísticos e literários de Aves de Arribação, de Antônio Sales**. Revista SOLETRAS, Ano VIII, N° 15, p. 119-132. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2008. Disponível em:<<https://www.e-publicacoes.Uerj.br/index.php/soletras/article/view/4840/0>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CARDOSO, Gleudson. **Padaria Espiritual: biscoito fino e travoso**. Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. **Revedo o naturalismo**. MELLO, Celina Maria Moreira de & CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (org.). Cenas da literatura moderna. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

CHAGAS, Francisco. Padaria Espiritual. **Francisco Chagas**, 2011. Disponível em <https://fchagas.wordpress.com/category/historia/>. Acesso em 22 de outubro de 2022.

CAFÉ Java. **Fortaleza Nobre**, 2010. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2010/07/caf%C3%A9-java.html>>. Acesso em: 21 nov. 2022.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. **Antonio Rayol. Apem - acervo digital**. Disponível em: <<http://apem.cultura.ma.gov.br/acervo/items/show/122>>. Acesso em: 5 jun. 2023.

COLARES, Otacilio. **Os três críticos da Academia Cearense**. Disponível em: <https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1979/ACL_1979_05_Os_Tres_Criticos_da_Academia_Francesa_Otacilio_Colares.pdf>. Acesso em: 26 out. 2022.

CORREIA, André Brayan Lima. **Sob o domínio da oligarchia que opprime, rouba e envergonha”: a atuação letrada denunciativa de antônio sales através da obra O Babaquara**. Revista Embornal, v. VI, n. 11, p., janeiro - junho de 2015. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/embornal/article/view/3300>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COUTINHO, Afrânio. Introdução à literatura no Brasil. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1976.

EL FAR, Alessandra.. **Os romances de que o povo gosta: o universo das narrativas populares de finais do século XIX**. *Floema*, Itapetinga (BA), n. 9, p. 11-31, 2011

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX**. Revista Teias, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 10 pgs., ago. 2007. ISSN 1982-0305. Disponível em:<<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23822>>. Acesso em: 26 out. 2021.

GONÇALVES, João Batista Costa; PONCIANO Filho, José Alberto (org). **130 anos da Padaria Espiritual: história, subversão e humor da agremiação literária cearense**. Tutóia, Maranhão: Diálogos, 2023.

GURGEL, Rodrigo. Manual de literatice. **Rascunho**, 2012. Disponível em: . Acesso em: 27 jun. 2023.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Editora da Universidade de São Paulo, 1985.

LIMA, Herman. **Lembrança de Antônio Sales**. Revista leitura: crítica e informação bibliográfica. Rio de Janeiro, ano v, nº 42, p.40 e 41, abril, 1947. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/docreader.aspx?bib=115509&pesq=%22f%3%a1bulas%20brasileiras%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=4785>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LINHARES, Mario. **Antônio Sales**. in: *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza: pág. 75-80, 1941. Disponível em: <[acl_1941_11_mario_linhares_antonio_sales.pdf](#)>. Acesso em: 12 jul. 2022.

LUCÁKS, Georg. Ensaio sobre literatura. Editora Civilização Brasileira S.A. Rio de Janeiro, 1965.

O Mané Coco do Café Java. **Fortaleza em fotos e fatos**, 2011. Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/06/o-mane-coco-do-cafe-java.html>>. Acesso em: 21 out. 2022.

MATA-PAU. In: AULETE DIGITAL, Dicionário Caldas Aulete de Português. Lexikon editora. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/mata-pau>>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MEIRELLES, J.G. **A família real no Brasil: política e cotidiano (1808-1821)** [online]. São Bernardo do Campo: Editora UFABC, 2015, 91 p. ISBN: 978-85-68576-96-0. <<https://doi.org/10.7476/9788568576960>>. Disponível em: <<https://books.scielo.org/id/j56gd/pdf/meirelles-9788568576960.pdf>>.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. **Epopéia da impotência humana: naturalismo, desilusão e banalidade no romance brasileiro do final do século XIX**. Revista E-scrita, n. 3, p. 139-152, set.-dez. 2012.

MENDES, Leonardo. **O naturalismo na livraria do século XIX**. *Revista Letras*, n. 100, p. 71-90, 2019.

MENDES, Leonardo. **Pardal Mallet, naturalismo e modernidade no brasil oitocentista**. Revista Graphos, vol. 24, nº2, p. 29-48, 2022. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=0CAIQw7AJahcKEwjw4objND_AhUAAAAAHQAAAAAQAw&url=https%3a%2F%2Fperiodicos.ufpb.br%2Fojs2%2F>. Acesso em: 27 jun. 2023.

MENDES, L. **Vida literária em O Pão da Padaria Espiritual**, Fortaleza, 1892-1896. *Interfaces*, n. 17, v. 2, 2012, p. 62-74

MOTA, Leonardo. **A Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edésio, 1938.

NETTO, José Leite. **Antônio Sales, o inesquecível fundador da Padaria Espiritual**. Recanto das Letras, 2017. disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/706472>>. Acesso em: 10 de jul. de 2022.

NOGUEIRA, Adriano. Sânzio de Azevedo: **Alfredo Peixoto e o Ceará**. O Povo, 20/06/2017. Disponível em: <<https://mais.opovo.com.br/jornal/opiniaio/2017/06/sanzio-de-azevedo-alfredo-peixoto-e-o-ceara.html>>.

O Pão da Padaria Espiritual. Edição fac-similar. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/Academia Cearense de Letras/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da Literatura Brasileira: prosa de ficção**. Coleção documentos brasileiros, v.73. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1973.

Pesca da da pérola. **Escritas.org**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/8699/pesca-da-perola>. Acesso em . Acesso em: 25 out. de 2022.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Odalice de Castro Silva. 2019. 333 f. Dissertação (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Odalice de Castro Silva. 2019. 333 f. Dissertação (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**. Reforma urbana e controle social. 1860-1930. Fortaleza. Fundação Demócrito Rocha, 1993. Disponível em: <https://issuu.com/edicoesdemocritorocha/docs/fortaleza_belle_epoque?streamOrigin=master-121%3Bweb%2Fembed%2Freadmore_exit_from_121%3Bweb%2Fembed%2Freadmore_exit_from_fullscreen%3Bneighbours&streamRanking=0>. Acesso em: 29 out. 2022.

SALES, Antônio. **Aves de Arribação**. Fortaleza: Livraria José Olympio Editora, 1979

SODRÉ, Nelson Werneck. O Naturalismo no Brasil. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1965.

STUDARD, Guilherme. **Dicionário bibliográfico cearense**. Fortaleza: Tipografia a Vapor, v.1 1910.

VALDEZ, Alba. **O Ceará na obra de Antônio Sales**. In: Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza: pág. 41-48, 1941. Disponível em: <https://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/revistas/1941/ACL_1941_04_Alba_Valdez_O_CEARA_NA_POESIA_DE_ANTONIO_SALES.pdf>. Acesso em 30 maio 2023.

SÍTIOS CONSULTADOS:

<https://archive.org/details/olivronobrasilsu0000hall/page/n5/mode/2up>

<https://dicionario.priberam.org/ave%20de%20arriba%C3%A7%C3%A3o>

<https://ejef.tjmg.jus.br/vozes-poeticas-de-minas-belmiro-braga/>

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Deodoro_da_Fonseca&oldid=65640447

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Velho_do_saco&oldid=65884818>.

https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9sir%C3%A9-Joseph_Mercier>. Acesso em: 1º de junho de 2023.

<https://www.aulete.com.br/mata-pau>

[https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/ipu%C3%A7aba/2207/#:~:text=Significado%20de%20Ipuçaba%3A%20Ipuçaba%20é%20uma%20palavra%20tupi,Ipuçaba%3A%20Ipuçaba%20significa%20literalmente%3A%20"mina%20d%27água"%20%28charco%2C%20alaga-](https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/ipu%C3%A7aba/2207/#:~:text=Significado%20de%20Ipuçaba%3A%20Ipuçaba%20é%20uma%20palavra%20tupi,Ipuçaba%3A%20Ipuçaba%20significa%20literalmente%3A%20)

https://www.ebiografia.com/tobias_barreto/

<https://www.infoescola.com/historia/era-maua/>

<https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/LiteraturaInfantil/conthist.htm>

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/@asale01.html>

https://academiacearensedelettras.org.br/revista/Colecao_Dolor_Barreira/Aves/ACL_Aves_de_Arribacao_Antonio_Sales_06_Bibliografia_Antonio_Sales.pdf

ANEXO – Contos

A Nevrose de Claudio

(notas psicológicas)

Seu riso, riso galvanizado numa expressão voltaireana, duma dolência quente e desoladora de aragem tropical, nevrótico, cintilante como um brandir de punhal, desenhado sobre a cor de seus lábios cóleras e sarcasmos, evolvendo-se subtilmente como uma quintessência de tormento, traduzia ironicamente a luta do seu ser contra a natureza e contra a humanidade, deixava entrever a sua sombria existência, iluminada pela aurora boreal de um amor que ia melodiosamente morrendo como um canto de cisne.

Novos amores nasciam e outros que emigraram, que se tinham ido, voltavam ao seu coração, em busca do recolhimento de outrora.

Ah! seus amores... Seus amores tinham o ascético ideal dos monges medievais; repelidos pelo Impossível e pela dúvida da ventura sonhada, esfarrapados de ilusões, lívido como peregrinos exaustos, viviam encerrados numa resignação claustral, entregues a místicas adorações, torturados por um anseio infinito de aniquilamento búdico.

O sentimento envenenava-lhe a alma, impregnando-a de voluptuosidades platônicas, de preguiças chinesas, de vaporosos e azuis idealismos românticos, fazendo sonhar, luxuosamente sonhar.

Sofrendo a nevrose do amor, o descontentamento herege dos que aspiram e não creem, a impaciência trágica dos que vivem na alucinação da febre de um ideal insatisfeito, sentindo a necessidade implacável de immortalizar, de glorificar as suas sensações no mármore de uns seios de mulher amada, ele ouvia todos os dias dentro de seu ser, o murmúrio de seus nervos, blasfemando contra o paganismo de sua carne ignorante, o sussurro inquietante de seus desejos, histericamente enraivecidos, conspirando contra as decepções que os estrangulavam.

A sua animalidade de homem permanecia enjaulada, numa submissão revoltada, apesar de todos os protestos da natureza.

Ele só sentia carícias afetivas quando sua contemplação reclinava-se no veludo do olhar amado; então ficava no êxtase de quem se visse transportado a um céu; mas quando sua contemplação caía desamparada e desfeita, toda sua alegria estilhava-se, e aquele seu riso irônico de tormento e de dúvida, despontava rutilo em seus lábios, anunciando o despertar de todas suas mágoas.

Cismando, para desertar da realidade, ele muitas vezes sonhava paixões exóticas em paragens longínquas, onde sua fantasia viajava, instalando-se em câmaras de duquesa, em aposentos luxuosos de mulheres lascivas, belas e ardentes, dessas que nos tiram a vida em um êxtase e restituem-na num beijo.

Via-se nos braços de uma oriental, sobre coxins de seda, num recanto rescendente de perfumes esquisitos de heliotropos e de luar...

Por um capricho de imaginação, transportava-se também as frias regiões das neves e dos lagos, de luars pálidos, indecisos, de dias tristes e nevoentos, dias de uma claridade lânguida de crepúsculo meridional, e na sua mente se destacavam paisagens escandinavas, idílicas cenas de amor, com mulheres de olhos glaucos, louras, brancas e cismadoras, louras de um louro cor do sol da Suécia, branca de uma brancura de miragem polar.

Quando, porém, se despedia dessas venturas fantasiadas, quando abandonava esses fugitivos sonhos e regressava à realidade, a chicotada cauterizante da vida, das coisas açoitava-o brutalmente, dando-lhe a sensação de uma queda sobre um montão de ruínas.

Nem um sorriso amigo o vinha consolar, nessas tremendas quedas...

Incompreendido, ele vivia fora da vida universal, isolado no meio das turbas, torturado e mistificado em luta contra a natureza e contra a humanidade; as carícias das coisas exteriores não eram para ele mais do que hostilidades mascaradas e carinhos traidores, punhaladas atiradas entre festões de rosas. Repelia a todas, menos o olhar da mulher amada, apesar de julgá-lo uma luminosa mentira...

Cabral de Alencar.

(Do “Mas...”)

A rival

Chorosa, pálida, magoada, ela vivia depois que Raul voltara. Via-o sempre esquivo, distraído, o olhar atravessado de nostalgias, o pensamento fixo como que em coisas longínquas, o semblante triste, d’uma tristeza onde parecia haver a espiritualidade sombria de um sonho desvanecido.

Sofria. As heroicas esperanças que durante tanto tempo viveram em seu ser, traídas agonizavam, enlutando o seu amor abandonado, retransido de desenganos e de dúvidas.

Havia pela sua existência o rumor violento, emocional dos grandes desmoronamentos.

Raul não a amava mais.

Esta verdade cruel fustigava-a com a dureza fulgente e implacável de um sul-africano sobre um areal infinitamente vasto e deserto.

Agora pelo seu coração vazio de ilusões, vagueavam somente as evocações d'um passado feliz.

Outrora quando ela tinha quinze anos ele amava-a muito. Passavam dias inteiros contemplando-se. De manhã namoravam-se ao sol.

Nas tardes estivais, nas tardes em que havia no azul como que um desabrochar etéreo de rosas e violetas, passeavam...

À noite, ao luar, diziam confidências e miravam-se as estrelas.

Os canários sonoramente cantavam nos telhados de sua casa, fazendo ninhos. (ilegível) e ela feliz então, não os invejava.

A seis anos ele partira.

Voltando, apagara as promessas e as crenças que deixara rutilando na sua alma.

Nunca mais Raul lhe sorriu ternamente, nem lhe falou como nos tempos passados, dirigindo-lhe palavras que vibravam trêmulas, amorosas e quentes nos lábios dele.

A sua dedicação, a persistência impaciente de sua paixão, tinham sido compensadas por uma desilusão atroz.

Consumira sua mocidade esperando e amando sacrificadamente.

Ao pensar em tudo isso chorava... e as suas lágrimas, como gotas de orvalho sobre flores emurhecidas, cintilavam na palidez de seu semblante, constelando dolorosamente a sua beleza extinta.

Ele amava talvez outra. Essa ideia fazia sua alma coroar-se de amarguras estranhas, haurir taças de ciúme e de ódio. Sentir comoções dantescas.

E um dia resolveu interrogá-lo para saber por que era desprezada. Quis estoicamente ouvi-lo pronunciar o nome da rival amada.

Interrogou-o. Ele, numa impassibilidade serena e triste de idealista desiludido, mostrou-lhe o retrato que ela lhe oferecera aos quinze anos.

Vendo-o, compreende tudo: o retrato denunciou-lhe todo o mistério do seu amor abandonado. Os anos tinham afetado a sua fisionomia.

A sua rival era a imagem de sua beleza de outrora, no tempo em que se namoravam ao sol...

Agora para seu amado ela existia como uma ilusão morta e para seu afeto, desesperado, impossível só podiam fulgir as evocações de um passado feliz.

Mística

Havia no seu temperamento a languidez deslumbradora e ardente do meio-dia, em sua terra, quando rumorejos macios da folhagem verde, voos de andorinhas, sonoridades trêmulas de rolas a cantar nas matas, perturbam a sonolência do ar veludoso e claro, narcotizado pela luz, que aromatizada brinca, numa indolência flava e jovial por sobre os laranjais e os mangueirais enflorados.

A sua alma era como uma balada oriental diluída em uma nostalgia de crepúsculo, uma coisa imaterial, feita de tristezas do azul e de sons vagos, musicais de harpas passionadamente dedilhadas.

Sensual e nervosa, o seu organismo franzino, escravizado pela veemência brutal de seus nervos desequilibrados, tinha vibrações de lâmina eletrizada.

A histeria rugia nele, como uma leoa fulva, sedenta, num deserto africano.

Vagavam no seu sangue ânsias rubras, *anhelantes* de sensações desconhecidas.

Percebiam-se no seu semblante pálido, doentio a revolta da carne torturada, a assolação dos jejuns e das penitências.

Por entre as sombras violáceas do misticismo, se desdobravam na sua existência, as asas lívidas de um afeto espiritual aconchegando resignações para um amor que morava ignorado, desiludido em seu ser.

Visitavam-na religiosos êxtases em que ela via escancarar-se uma porta colossal de ouro e o céu lhe aparecer resplandecente, infinito, forrado de cristal e de diamante, mobiliado de astros, povoado de cânticos, de visões translúcidas a voar, cortinado de sóis, e no meio de uma nuvem, aureolado de anjos, S. Luiz Gonzaga, o santo de sua adoração, sorrindo...

Quando comungava a alvíssima hóstia, sentia passar na sua visualidade mística o Espírito Santo, transfigurado em um pombo luminoso e branco, que pousava em sua cabeça, afagando os seus cabelos escuros como os cabelos por onde pairava o olhar terno e visionário do *Rabbi*, quando mirava a Virgem da Judéia.

À noite, sonhando, o santo de sua adoração, assobiava nas cortinas de seu leito, enrolado em vestes transparentes: ela abria os braços para recebê-lo e apertá-lo, e ele sumia-se, sumia-se, deixando pelo seu aposento um perfume sensualizante e celestial.

Depois, S. Luiz Gonzaga tomava as feições do Homem que ela amava; e aproximando-se, aproximando-se, roçava em seu corpo pálido. Num sobressalto nervoso acordava. A visão fugitiva do sonho desaparecia esfuziando na sua imaginação como uma tentação do Demônio.

Trêmula, assustada, ajoelhava-se e, nas trevas silenciosas, sua alma se espiralava numa prece a Deus, para lhe afugentar esses pensamentos maus que tinha quando dormia.

Nos templos, prostada, torcendo-se em êxtases de adoração, só levantava o olhar, o seu olhar dum fulgor baço de luz envidraçada, para fixar as imagens, que se destacavam imóveis, triunfais, douradas, na doçura harmoniosa dos veludos e dos mármore dos altares, sob uma serena radiação de glória.

A imagem de Cristo soberanizando a apoteose das adorações, dos cânticos e das orações, esculturalmente pregada na cruz, na posição em que divinizou o sofrimento, sugestionava lhe consolações devotas...

E pela sua alma esvoaçava uma lamentação evocativa por não ter nascido naqueles tempos ignotos, longínquos, santificados em que ele vivera e fizera ouvir a sua divina voz, anunciando as promessas de uma outra vida melhor.

Ao vê-la assim nos templos, contemplando imobilidades de imagens sem vida, desfiando preces, os lábios sequiosos de outros lábios, beijando as frias colunas das naves claras as toalhas alvíssimas que se estendiam nos absides, revestindo a nudez sagrada dos altares, com a cor simbolizadora da pureza das noivas espirituais de Nosso Senhor, das almas branqueadas pelo luar da Crença - eu sentia uma grande tristeza e uma grande dor.

Toda minha sensibilidade chorava, e se revoltava contra aquele desperdício de carícias e ternuras.

Vinham-me desejos de fazê-la abandonar aquele ascetismo mórbido e infecundo, a devoção imoladora com que ela procurava aniquilar as tormentas de sua carne...

Mas, ah!... no seu coração esterilizado pelo desengano, não podia nascer outro amor; e o que ali havia era como um lírio murcho, inclinado, ao luar, na estrada de um mosteiro.

Cabral de Alencar.

Morte da avó

(Lopo de Mendoza)

Ficara-lhe, desde criança, aquela lembrança acompanhando-o sempre, nítida, perfeita, real, numa insistência cruel e fatigante, como se a objetiva de um aparelho fotográfico estivesse a todas as horas reproduzindo-a diante dos seus olhos, implacavelmente.

Naquela noite, no Passeio, à luz forte dos lampiões, no meio de um redemoinho entontecedor de povo, de músicas e de falas, veio persegui-lo aquela lembrança, que ele chamava "a sua mania" - a morte da avó.

Começava vendo, como através da diafaneidade vaporosa de um sonho, a sua meninice toda: - via a laranjeira florida do quintal com o seu confortador cheiro especial que enchia o pulmão todo de uma benéfica saturação; os flocos brancos de neve acumulados na serra como turbantes de linho; o cercado de roseiras da irmã mais velha; o velho alambique de cobre; o engenho de pau e os montões de bagaço de cana alinhados por baixo das árvores nas temporadas de moagem.

Depois vinha a lembrança da avozinha, - da "dindinha", - como ele chamava, a sua simpática face vermelha, e os cabelos brancos como uma das pastas de algodão que ela batia pela manhãzinha, e tendendo-as num velho couro de ovelha macio.

E lembrava-se saudosamente de quando a velhinha ia, todas as tardes, na melancolia enervante do crepúsculo, lavar-lhe os pés mais os das irmãzinhas enquanto a mamã ia repartindo em cinco pratos a farta ceia que os esperava.

Até lembrava-se da cor dos pratos - com fitas de tinta azul na beira.

E, enquanto os mais velhinhos comiam, a dindinha soprava entre os dedos rugosos o arroz para dá-lo ao Toinho, o pequerrucho que ela segurava na perna.

II

Depois, - lembrava-se bem, -viera a doença. Um dia a dindinha não batera pela manhãzinha o algodão, e a tarde não foi lavar-lhe os pés mais os das irmãzinhas.

Nessa noite, tinha sido a mãe quem lhe ensinara o Padre-nosso e a Ave Maria, segurando-lhe as mãos sobre o peito e fazendo-o persignar-se no fim da oração contritamente.

A doença progredira.

No fim da semana, entrou pela alcova adentro um homem feio, com fato todo sovado, longas barbas brancas encardidas de tabaco, voz atroante e com uma longa cabeleira sem lustre metida num chapéu de palha de abas grandes.

- Veio ajudar a morrer, asseverou uma criada velha, vendo-o entrar.

E de repente, enquanto sol glorioso atufava-se no ocaso num horizonte colorido de sangue, o homem começou, numa plangência cansada e arrepiante, debruçando-se sobre a rede onde aparecia a cabeça branca da velhinha num montão de lençóis:

- Jesus, Maria, José... a minh'alma vossa é...

Jesus seja comigo...

Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é...

Uma vela branca ardia melancolicamente sobre o peito da moribunda, elevando verticalmente a chama numa doce quietação de paz e dando uns tons lívidos a um Cristo de chumbo, sereno e compassivo, que obrigavam a Dindinha a segurar nas mãos.

- Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é, insistia o ajudante.

E a velhinha, – o olhar estonteado passeando pela sala, dizia, na inconsciência da febre e da demência, numa suave plangência mística pipilando quase:

- Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

- Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

- Jesus, Maria, José, a minh'alma vossa é, repetia o homem das barbas sujas.

Numa mesa de cedro ardia um círio tristemente.

Mulheres e homens recolhidamente rezavam baixinho ajoelhados, enquanto a velhinha repetia sempre, com a voz cada vez mais fraca:

- Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

Depois morreu.

III

O moço ergueu-se do banco verde da avenida e entrou num café, batendo nervosamente numa mesa de mármore com o castão de prata da bengala.

- Cerveja! gritou.

E aos goles, demoradamente, bebeu uma garrafa toda, mais outra, enquanto no cérebro atrapalhavam-se desordenadamente as ideias e entrava-lhe como uma música longínqua a impertinente melopeia nostálgica:

— Maria, minha Maria, meu doce de melancia...

Ceará, 1894.

Artur Teófilo

(Lopo de Mendoza)

Tísica

Ao Eduardo Saboia

Fez-me pena vê-la, por uma cálida tarde de verão, esfuziante, com cintilações, languidamente recostada numa larga cadeira de assento de linho bordado.

Uma tristeza imensa, - de fazer a gente chorar, - estampava-se no rosto lívido, comprido e formoso da doente.

Sentia-se bem assim, no jardim: aquele ambiente reanimava; tinha repugnância às flanelas, às macias flanelas limpas do seu cobertor, cama, da sua roupa, do seu uso inteiro.

Ao menos no jardim não estava vendo os horripilantes rótulos dos frascos de remédio, com virtudes impossíveis, dietas insuportáveis e cheiros nauseantes.

II

O seu espírito assim, à doce mudez provocadora do silencioso jardim acolchoado de rosas e resedás olorantes, fugia, num voo alucinado de pomba erradia, para longe... para muito longe, para um mundo espiritual, que a sua nevrose excitada enxergava, via, delineava. E a pobrezinha vivia daquelas quimeras, sonhando com o noivo, que tinha ido, havia muito tempo já, formar-se em medicina. Julgava-se boa, alegre, a pipilar umas ignotas músicas imprevistas, a fazer idílios sobre caramanchões perfumados, beijando febrilmente o noivo e repetindo, com incandios nos combustos olhos de rapariga formosa:

- Meu amor, amo-te, amo-te.

E os nervos retesavam-se, obedecendo àquela brusca e intempestiva excitação nervosa, para depois caírem num frouxo acovardamento de morte, de aniquilamento.

III

Às vezes tinha nostalgias da infância, revia-se pobre e feliz, no aconchego venturoso do seio da sua carinhosa mãezinha, tão boa, tão santa e que a morte impiedosa lhe tinha arrebatado, havia 10 longos anos. E sentia-se velha.

- Dezesseis anos! Dezesseis anos e velha e morta!...

IV

O Bull - um cãozinho felpudo, gordo e catita - era o seu companheiro das silenciosas tardes do jardim.

Como ela invejava a carnação sadia e vigorosa do animal!

E tinha ímpetos de machucá-lo, de mordê-lo, de estrangulá-lo, de beber aquele sangue robusto, numa ânsia suprema de alucinação de febre...

A inveja roía-a. Odiava a seiva, a exuberante seiva oriental das flores viçosas, a penugem macia das folhas de veludo bordadas.

V

Mas tossia muito... tossia sempre.

Quando ela se retirava, o chão alastrado de escarros parecia todo coberto de libras esterlinas.

A pobrezinha aniquilava-se.

VI

O médico, que a começo lhe parecera como um anjo salvador, ia-se lhe tornando antipático com as suas prescrições, acompanhadas de interminável rosário de termos médicos e citações enfadonhas de nomes das maiores notabilidades científicas.

Tinha ânsia de liberdade, mas da liberdade absoluta e selvagem das gazelas ou das jaçanãs da lagoa.

E estremecia quando a chamavam para refeição; tinha horror às comidas e repugnâncias invencíveis às saborosas iguarias da sua mesa fidalga de moça rica.

Tinha veleidades tontas de comer manjares esquisitos, provocantes, de um sabor requintado, regado com vinhos enérgicos... Devia fazer-lhe bem, pensava.

VII

Mais tarde.

Via-a na cama muito pálida, como estátua de cera, emoldurando o rosto lívido de alabastro uma longa cabeleira sem lustre e sem vida.

Torcia fracamente.

O último período da consumpção chegava, numa lentidão suave e preguiçosa, aniquilando aos poucos a graciosa carnação ebúrnea de virgem.

A miríade anônima dos micróbios vorazes fazia ali no fragmentado pulmão o último festim, numa dança macabra de alucinação e de loucura, fazendo pulsar entre as rendas da camisa alva, desordenadamente, o pequenino coração da moça.

Tudo sem brilho já; apenas os olhos conservavam o estranho fulgor das inclementes tísicas fatais.

No quarto, pessoas da família falavam baixo...

Súbito, um jato de sangue derramou-se pelas rendas alvas da camisa.

Tinha morrido.

E um raio gárrulo e travesso do sol vinha, através do cortinado rendado, iluminar o pálido rosto sereno da tísica.

Julho de 94.

Artur Teófilo.

O exame primário

(ao Sabino Baptista)

Naquele dia, o acanhado salão da 1ª escola primária apresentava um aspecto novo, desusado, todo enfeitado de bandeirinhas de papel de cor, - suspensas de fios que se combinavam a uns dois metros do solo em losangos irrepreensíveis.

Papoulas rubras, soltas profusamente pelas mesas, eram como nódoas de sangue nos velhos móveis sem lustre.

Rapazes de roupas claras e gravatas espantosas acotovelavam-se, falando baixo e retorcendo os beiços e o nariz para dar mais expressão a palavra.

Havia um rumor abafado de vozes e risos incompletos.

O professor, sério, de óculos, de sobrecasaca preta, de gravata branca, impacientava-se com a demora da comissão, e ia de minuto a minuto à janela, limpando a testa com um lenço branco com monograma de tinta preta.

D. Chiquinha, professora primária e examinadora nomeada, foi a primeira a chegar, metida num amplo vestido de inerinó cinzento com grandes âncoras de seda preta e chapéu pequenino equilibrado na cabeça.

- Que estava um calor!... dizia ela, limpando-se com lenço, muito vermelha, enquanto o colega amavelmente guardava-lhe o chapéu de sol.

O relógio da Câmara Municipal badalava 10 e meia, quando chegaram os outros examinadores.

O padre Lima, presidente da comissão, tomou assento, enquanto o professor Hermeto oferecia a cadeira da esquerda à sua colega e comadre D. Dondon, que ria-se muito, mostrando a dentadura postiça.

Duas mocinhas da vizinhança acharam meio de se colocar numa cadeira só, perto da Marica do Soares, que tinha ido assistir o exame do filho.

O ex-professor Medeiros, com dezenove anos de professorado e a 4ª edição de seus Elementos de Aritmética, atualmente empregado no Correio, mostrava ares de homem superior, olhando para uma carta topográfica do Ceará, que pendia beatificamente de uma parede, lustrando.

Um colega do Correio lhe fazia perguntas, folheando um compendio da História do Brasil e indagando dos feitos dos heróis litografados do livro, para beber, como uma coisa rara e benfazeja, a palavra autorizada do ex-professor.

- E este quem é?

- Este é Duguay Trouin, almirante inglês.

- E este, seu Medeiros?

- Este é José Clemente Pereira, irmão do grande José de Bonifácio. Foi ele quem repetiu as palavras de D. Pedro I: Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico!

- Fico o quê? O que é esse fico?

- Ora! Fico! Fico! Fazia ele expressando-se muito com os braços e lamentando a ignorância do colega.

Uma das mocinhas achava muito simpático um telegrafista novo e falava baixo com a companheira, revirando os olhos e tapando a boca com o leque de plumas brancas.

O padre Lima rompeu o silêncio:

- Curso superior. Caligrafia e redação.

Houve um zum-zum de vozes que pediam papel ao professor Hermeto, que ia e vinha numa azáfama doída.

E enquanto as penas dos examinandos corriam sobre o papel branco das provas, a Marica do Soares indagava da saúde de D. Marianna, mãe do padre Lima.

- Boa, boa, obrigado, respondia-lhe o padre, limpando o suor, muito cuidadoso para não inutilizar o penteado que lustrava de óleo.

D. Dondon conversava com o compadre Hermeto e falava do seu filho, o Medeirinhos, que estava muito adiantado, muito inteligente.

- Espie, compadre letra muito mimosa..., tenho fé nele... muita fé. O Medeiros quer que ele seja doutor, mas eu não consinto. Há de ser padre. Tem muita vocação para padre...

- Pois a minha Laura vai para Escola Normal. É alguma coisa que lhe deixo, na ausência de riquezas.

O desembargador Fabrício conversava com um sujeito de óculos azuis e consultava o relógio.

O ex-professor Medeiros conversava agora com D. Chiquinha e censurava o colega Hermeto, por estar fumando no salão dos exames.

Que era odioso: Tinha sido professor dezenove anos e nunca fumara na aula. Nunca!

E metia um cigarro na piteira, dizendo que o desrespeito estava plantado estava, sim...

- Prova oral. Leitura e recitação, gritou o padre Lima, assinando a última prova escrita.

- Que é da “Vida Prática”? Indagava D. Dondon rindo.

Deram-lhe a “Vida Prática”.

Ela mandou o Medeirinhos ler.

E o Medeirinhos leu numa voz arrastada, sem arte e sem nexos, um período do livro.

D. Dondon iluminava-se e dizia baixo ao padre Lima.

Talentão! Muito talento!

- Recitação! Ordenou o padre, entusiasmando-se pelo filho de D. Dondon.

O Medeirinhos ergueu-se e começou a recitar, numa voz aflautada e cantante, uns versos do padre Durão, mostrando todo o despropósito daqueles velhos decassílabos mofados.

- Bula com os braços, gritava D. Dondon. Você não faz a mímica, menino? Bula com os braços, ande.

O Medeirinhos achava impossível recitar-se assim e pensava:

- Se bulisse com os braços, esquecia-me dos versos. Um diabo!

- Bula com os braços, menino. Olhe; - Lá na Índia... E apontava para o ponto poeticamente.

O Medeirinhos, depois de um esforço desesperado, conseguiu sempre deixar cair o braço, num desfalecimento que a gente sentia.

Um outro começou:

“Quando ela se alteou das brumas do horizonte.

O cabelo revoltado, a palidez na fronte”...

E quando, mais adiante, falava em morte, apontava para o peito convictamente.

Passou-se à anatomia.

Quais são os ossos principais da parte inferior do corpo humano? Perguntou D. Chiquinha, dirigindo-se ao Medeirinhos.

- Da parte inferior?

- As pernas, as coxas, ensinou D. Dondon.

- Quais são os ossos principais da parte inferior do corpo humano? Perguntou de novo a examinadora.

- Os ossos principais? São as coxas, a batata da perna...

O ex-professor Medeiros apurou o nasóculo, arregalou os olhos e gritou ao filho, zangado:

- Atenção! Olhe: quais são os ossos principais da parte inferior do corpo? Entendeu?

E equilibrava o dedo perto do nariz catedraticamente.

Afinal o Medeirinhos ajudado pela mãe, desembuchou:

- São os ossos da canela e da coxa...

Seguiu-se a discurseira.

Cada aluno recitou um discurso, cheios todos de metáforas audazes, de uma velha retórica semsaborona e gasta.

Um chegou a severar que “a instrução era um rio perene de luz e de auroras” e concluiu dizendo que “o combate estava travado entre o dragão da treva e a estrela luminosa da revolução da juventude.”

Batiam palmas.

Concluiu-se o exame, e, enquanto os examinadores e os convidados bebiam cognac e vermouthe, o padre Lima, que não bebia, consertava o penteado, mirando-se num espelho grande amarrado a parede, e dava sacudidelas ao colarinho bordado da batina, equilibrando-o.

Da cozinha vinha um cheiro agradável de doces, e no corredor arrastava-se a pesada obesidade da dona da casa, fazendo chiar no ladrilho as chinelas de couro.

E o professor Medeiros asseverava que aquilo era “a festa do futuro” e “a esperança da pátria arruinada.”

Artur Teófilo.

Desmoronamento

I

Calma tarde de maio, de tons indecisos, aquela em que, ao lento passo de cavalgadura, o moço sacerdote vinha rumo da aldeia natal, atravessando a longa campina estrelejada de florinhas, de trevos e de musgos.

Pela campina afora, a tristeza quieta do crepúsculo descia, crescia, aumentava, numa pálida indecisão de luz e de sombra, enquanto no horizonte longínquo o céu se alaranjava dos últimos raios de ouro do sol que se havia ocultado.

Sobre os galhos dos solitários cajueiros, cigarras cantavam melancolicamente. Manadas de ovelhas se recolhiam ao redil, balindo.

O moço sacerdote, mudo, cismando, seguia. Vinham-lhe em tropel, na incandescência do sonho, lembranças da sua infância, lembranças pungidas que o faziam vergar ao peso de uma profunda e impiedosa nostalgia.

E, na subjetiva existência que a sua alucinação de vidente e de místico idealizava, ele se via menino, a brincar, a saltar de árvore em árvore, à margem do rio da sua terra natal, coberta de grande juazeiros gloriosos e onde tantas vezes ele brincara com a loira priminha – a Geny.

A Geny!... Como estaria ela?

E a seiva borbulhante da sua mocidade, enjaulada por tantos anos entre os quatro muros do seminário, irrompia brutal, tornando-o nervoso, dilatando-lhe a pupila doce e serena de apóstolo, na febricitante alucinação da carne impiedosa e má.

E estremecia. Sentia um calor sufocante no rosto e uma opressão incômoda no tronco, como se estivesse congestionado.

A Geny!... Aquela intempestiva lembrança tornava-o odiento; esporeava a besta sofregamente; chicoteava-a.

A sua histeria, habituada no seminário a gozos incompletos, exigia agora energicamente o aconchego de uns seios mornos de mulher bonita, numa plácida e feliz existência de noivado eterno.

Noivado eterno, agora que estava para sempre amortalhado sob aquela hedionda batina preta!

Odiava o seminário com a sua eterna paz beata de mosteiro, odiava o reitor, odiava o bispo que o tinha sagrado sacerdote, esmagando sob o peso do terrível juramento todas as suas esperanças.

Dos seus rasgados e negros olhos de meridional ardente saíam fulgurações de amor e de paixão, quando, na luta tremenda da razão e da carne, o seu raciocínio de sacerdote se deixava vencer.

Então, ele esporeava a besta tiranicamente, febrilmente, como se estivesse doido.

Corria agora em desfilada, rumo da casa, onde, na febre da sua nevrose, ele distinguia o doce e meigo perfil da Geny, muito amorosa, falando-lhe baixo cariciosamente.

Longe, na tênue opacidade do crepúsculo, as torres brancas da ermida surgiam, aprumadas e pequeninos rolos de fumo subiam em espirais bizarras lentamente, caracolando.

II

No dia seguinte, quando o jovem padre acordou, um frêmito de febre e de exaltação correu-lhe o corpo; tinha sonhado.

Fora a Geny ria-se preparando os festejos para a missa nova.

Ai! Como ele se sentia miserável assim, sem amor, só, amortalhado vivo dentro daquele roupão negro.

E baixinho desoladamente falava:

-Perinde ac cadaver... Perinde ac cadaver...

Aquela voz cava era como uma triste e pungitiva desolação!

Na janela, a insinuante vibração luminosa daquela morna manhã, ele permaneceu mudo, o olhar longe fito imperturbavelmente, no pasmo idiota da dúvida, enquanto dentro sentia ruir-se a sua crença devota de místico, em um doloroso desmoronamento que ele não sabia explicar.

Entretanto, como uma alvorada nova de fé, a risada de Geny ia florindo nos escombros da sua crença morta a cruel impiedade daquela imensa paixão.

III

Quando, mais tarde, ele seguia sereno e tranquilo para celebrar sua primeira missa, todo o misticismo devoto da sua crença tinha desaparecido, e na hóstia, no altar, em toda parte, ele apenas enxergava o rosto meigo e gracioso da sua loira priminha, companheira de infância e alma gêmea da sua.

Amava-a.

1895.

Artur Teófilo.

O Caso do sargento

Ao Antônio Salles

I

Subitamente, ele ergueu-se, enfiou as botas reiúnas, e de ceroulas, o largo peito nu, pôs-se a andar no pequenino compartimento, puxando agitado a barba escassa do cavanhaque, os olhos desvairados e secos.

Fora, na praça, a tormenta rugia, forte e compacta, fustigando as mongubeiras, remoindo no espaço, e entrando pelas frinchas das portas e pelos beirais das casas, numa grandeza épica de cataclismo. Trovejava incessantemente. Relâmpagos rápidos riscavam de fogo o horizonte torvo.

E mais alta, e mais intensa e mais compacta desencadeava-se na alma do pobre soldado, - preso injustamente pela primeira vez nesse pequenino quarto da reserva, - a tempestade de mil infortúnios acumulados, fria e longamente, sem um protesto e sem queixa, durante esses longos trinta e um anos de vida mesquinha e ingrata.

Estugando o passo, o sargento continuou a andar, anormalmente, numa lamentável disposição de espírito, a cabeça pesada e tonta como se dentro do crânio se tivesse despejado o sangue de uma artéria.

Numa volta, viu brilhando a um canto o aço novo da carabina. A tentação alucinou-o de todo.

E, nervoso, vibrando todo ao contato frio da arma, cujos fechos escangalhou à luz, introduziu-lhe dentro a bala que o ia salvar por completo e para sempre dessa miseranda existência de vil.

Depois, mais calmo, e assaltado pelo medo que acomete aos condenados nos últimos momentos, deitou-se arrimado aos cotovelos sobre a colcha vermelha, pensando na vida.

II

Fora a tia Engracia quem o amparara por caridade nessa triste manhã em que lhe morrera a mãe, e a rede da defunta, - conduzida num pau por dois labregos, - se sumira pela última vez na encruzilhada branca da estrada.

Quando entrou para choupana onde agora ia viver a vida de órfão, no desconsolo da sua saudade, o marido da tia, feio e austero, lhe arremessou logo uma injúria:

- Agora era deixar a preguiça...

De madrugada não tinha que saber, era tomar a enxada e largar para a roça.

Obediente àquela ordem do tio, era vê-lo todo o dia, ao quebrar das barras, seguindo o trilho da vereda, em procura da roça onde agora a sua enxada ia cavar o pão mesquinho de hóspede.

Nunca mais lhe falaram da mãe.

Um dia em que se atreveu a lembrá-la e a perguntar pelo pai, o marido da tia Engracia respondera-lhe brutalmente:

— Que pai! Você já viu filho de mulher solteira ter pai, homem?!

E ria-lhe na cara, irônico e perverso, dizendo aquela vilania.

Durante seis anos, o pobre rapaz viveu a amargurada existência de órfão caridosamente recolhido, - vilipendiado, trabalhando na roça desde a madrugada até à tardinha, ao ardor da soalheira.

Em outubro era a broca à foice, - um maldito trabalho capaz de extenuar um bruto.

Depois a queima, depois as coivaras que ele fazia sozinho juntando em montões toda a madeira grossa que houvesse resistido ao fogo para queimá-la de novo parcialmente. Começava em fins de novembro a enfadonha construção de cerca de caiçara...

E quando caíam as primeiras chuvas, era ele quem ia, de enxada ao ombro, cavar as covas para o plantio. E era ele ainda quem ia dias e dias, no rigor da invernia, espantar dos arrozais em flor os bandos de periquitos ladrões, metido até os joelhos na água dos córregos, paciente e curvado como um escravo, todo encolhido na sua roupa de algodão da terra.

Às vezes - para cúmulo de rebaixamento - os primos, arreganhando os dentes hostis, alegavam-lhe favores:

- Você é uma peste; não paga o que come...

Nunca fora a missa, nunca vira um samba. Aos domingos, quando a família, metida nos fatos novos, ia à vila, ele ficava em casa guardando os trastes e pondo sentido à fazenda, só e resignado, numa obediência passiva de cão.

III

Um dia, não pode mais aguentar a miséria...

Na véspera o marido da tia batera-lhe brutalmente, aviltando-o aos olhos da prima Martha, que ele queria numa muda e casta adoração.

Era demais também!

Perdesse, embora, o amor da prima, mas ia ganhar a vida para longe dessa terra amaldiçoada.

E saiu de casa da tia, uma noite, quando todos dormiam.

No terreiro onde o luar caía numa soberbia de domínio, o Gigante, o seu único amigo talvez, vigiava a casa.

E agarrado ao cão que o lambia todo, movendo a cauda amiga, o desgraçado fugitivo, num supremo desespero de morte, chorou amarguradamente, nessa derradeira noite, quando ia para sempre deixar a terra onde nascera, a prima amada, e o afeto desse animal, - restos espedaçados por ele mesmo de toda a sua vida de infância, miserável e escura.

Ia alta a noite, quando ele saiu, triste e sozinho, pela estrada branca, levando a rede a tiracolo.

No ar andava um aroma forte de marmeleiros; era a seiva dos vegetais pulando na grande noite calma toda envolvida pelo oiro macio do luar.

IV

Na Capital, matuto e só, desamparado a sorte, o seu infortúnio cresceu, e pela primeira vez assaltaram-no desejos de acabar a vida.

Faminto, sem emprego, consultou um dia a um carroceiro, e este gritou-lhe em plena rua, abandalhando a voz indiferente:

- Homem, quem não tem o que fazer assenta praça na polícia. É o jeito...

Numa segunda-feira, apareceu ele envergando a farda de recruta, desajeitado com aquilo; as botas apertavam-lhe os pés, e sentia-se incomodado dentro daquela complicada vestimenta cheia de botões dourados e de tiras de sola lustrosa.

Muito tempo depois, promoveram-no a sargento por bons ofícios.

E dois meses depois, ao cabo de quinze anos de praça, nessa noite de inverno, mandaram-no preso pela primeira vez para a reserva da companhia.

E alegavam a disciplina quando ele apenas tinha repellido uma injúria!

- Sem vergonha, ele! Confessassem, o capitão Velloso fora imprudente...

E arrependia-se de não ter esganado o capitão atrevido que lhe insultara publicamente, na presença dos inferiores da companhia.

- Bem diziam, a corda só quebra do lado mais fraco.

V

E para que continuar essa miséria de vida? Pensou, levantando-se pela segunda vez, lívido, insone, na sua loucura de desonrado.

Fora a tempestade rugia, e trovões amiudados rolavam como uma descarga potentíssima de canhões.

De repente, o sargento tomou uma resolução decisiva, agarrou a carabina e desfechou o tiro no ouvido.

A detonação casou-se à voz dos trovões, e a chuva continuou a cair pesada e forte como uma avalanche.

VI

De manhã, os camaradas do suicida encontraram-no morto, retorcido tragicamente pelo baque fatal, os olhos esbugalhados fora das órbitas, a língua rija, os cabelos empastados de sangue...

Tinha cessado a chuva, e pelo calçamento molhado, pelas mongubeiras sadias e lavadas da invernia, pelos telhados vermelhos e limpos, por toda a parte, enfim, a onda do sol se alastrava gloriosamente.

Ceará, 1986.

Artur Teófilo.

Prêmio merecido

Ao Antônio de Castro

Aquela criatura de pele rósea e macia, que conserva na fisionomia os fugidios traços de uma beleza que deslumbrou, foi, por muito tempo, a deusa incensada por uma mocidade ávida de gozos e cheia de desejos inconfessáveis.

Quando ela aparecia na Avenida, alva, loira e rósea, faces rubescentes como sangrentas papoulas, exalava-se de seu corpo um perfume capitoso e forte. De repente todos os olhares assestavam-se para ela e as outras moças pareciam desaparecer na onda de povo que passava.

Nenhum rapaz ousava acompanhá-la, mas todos conheciam-lhe a voz maviosa que se escapava de sua pequena boca num ciciar dulçoroso.

Seus passos cadenciados faziam o rumor que produzem as asas de uma ave cortando o espaço num voo perigoso e lento.

Sem incidentes, sem um fato notável deslizava-se sua vida.

Nenhuma paixão lhe agitava o seio; e os dias passavam-se monótonos, infinitamente longos. Sua alma parecia um quieto lago, cujas plácidas águas são levemente encrespadas por um vento brando. Jamais sentira o turbilhonar de um forte amor que ele fosse turbar a doce paz em que vivia. Concentrava-se longos dias em seu palacete azul e sentia-se bem no aconchego do Lar, ao lado de sua mãe. Raras vezes ia ao baile abominava o sorriso hipócrita que enflorava os lábios dos convivas e as frases banais dos rapazes que têm paixão pela dança. Gostava mais dessas festas íntimas de família, onde há expansão sincera e franca.

Levava essa vida de colegial, longe do mundo, sem mesmo conhecer os interesses que neles estão em jogo; mas um dia um poeta lembrou-se de fazer-lhe uma declaração amorosa em versos vibrantes e corretos, e fê-los publicar no jornal. Logo que as leu encolerizou-se e numa crise nervosa rasgou-os, indignando-se com o poeta que gastara longas horas a lapidar cuidadosamente aquelas estrofes mensageiras de um amor não correspondido.

Tempos depois ela casava-se com um burguês dinheiro, só vermelho forte, de abdômen dilatado e que não sabia ler.

Ulisses Bezerra.

Feliz

(ao Sabino Baptista)

Longe, lá nos ínvios sertões incultos, onde não chegaram as exigências da moda e as ingênuas camponesas vestem-se com encantadora singeleza, deixando perceber-se, através dos rendados vestidos, a correção plástica dos belos corpos, vive Affonsina, linda criatura de faces róseas.

Depois de ter gozado na cidade uma vida agitada, cheias de aventuras galantes e envolta numa atmosfera de inebriantes perfumes, ouvindo frases quantos que traduziam loucas paixões,

ela recolheu-se voluntariamente à confortável vivenda de seus antepassados, e lá como num palácio encantado, vive na suave quietude das enclausuradas.

Esqueceu a cidade, os rumores das festas a que assistiu, e hoje delicia-se em contemplar as alegres campinas iluminadas pelos raios loiros do sol.

À noite, quando a lua desdobra seu branco véu, ela vai contar as crianças que a cercam histórias interessantes de princesas encantadas que em noites tenebrosas fugiram para paisagens ignotas.

Depois que as crianças adormecem ela recolhe-se aos aposentos que lhe destinaram, e, no silêncio da noite erma, antes de conciliar o sono, lê os poetas de sua predileção.

E assim leva a vida, longe do mundo, feliz satisfeita, ouvindo os rumores das cascatas e os ternos gorjeios dos pássaros pousados nas árvores vicejantes que ensombram a confortável vivenda de seus antepassados.

Abril – 95.

Frivolino Catavento.

Triste, triste

(Ao Roberto D'Alencar)

Bertha, aquela meiga e gentil morena que tinha no doce olhar uma suave melancolia, parecia guardar reconditamente, sem uma palavra de revolta, uma eterna e pungente mágoa.

Desde que a conheci trago o espírito preocupado por aquela imagem de mulher ciliciada por uma dor atroz.

O acaso fez-me conhecê-la de perto e logo comecei minhas investigações sobre o seu passado.

Soube que nasceu num lugarejo dos longínquos sertões de minha terra, lá onde ainda não chegou a luz da civilização, e criou-se em casa de um bondoso velho que a encontrou ao desamparo. Quando começou a balbuciar as primeiras palavras os carinhos de pai adotivo aumentaram, porque o velho descobriu que ela era inteligente e vivaz; e à proporção que ia crescendo, a inteligência tomava voos altaneiros, revelando que aquela criatura viera ao mundo fadada para altos destinos.

Logo que atingiu a idade necessária para aprender a ler o velho não poupou esforços e fê-la entrar para uma casa de educação.

Ali estudou muito e conquistou simpatias e aplausos de mestres e condiscípulas; mas os entusiásticos aplausos com que era saudada não tinham o poder de fazê-la alegrar-se.

Dia a dia acentuava-se mais sua tristeza e seu corpo definhava, tornando-a um ser quase ideal, que o leve sopro do vento podia levar para muito longe.

Pouco a pouco foi perdendo a rósea cor do lindo rosto, e em breve perdeu a força, se deixando vencer por uma moléstia incurável tísica pulmonar, até que a morte a levou para regiões desconhecidas, apunhalando assim o coração amantíssimo daquele bondoso velho que a estimava como um pai afetuoso.

Ceará – junho de 95.

Frivolino Catavento.

Entre idílio

(ao Lopes Filho)

Bem alegres e risonhos foram os momentos que passaram um ao lado do outro, ele, com a alma inebriada do perfume suavíssimo e penetrante que se exalava daquele corpo alvo e imaculado de virgem, e ela, enlevada pelas palavras que se escapavam da boca que tantas vezes lhe dera delícias inefáveis.

Juntos, unidos, pelo elo do amor, sentiam a vida deslizar suavemente, sem uma queixa que viesse interromper aquele idílio eterno.

Nas belas manhãs iluminadas de sol, eles saíam a passear pela alva praia beijada pelo mar.

O rumor das vagas que se desenrolavam perto deles não os perturbava.

As promessas mútuas de fidelidades eternas, eram saudadas pelo soluçar do profundo mar em vagalhões temerosos.

A brisa marinha soprava brandamente soerguendo a fimbria do branco vestido que lhe emoldurava as formas recatadas.

Aquele viver poderia durar por muito tempo, ele dizia: ela protestava dando-lhe beijos.

Correram os tempos. Houve uma mutação no cenário da vida de ambos.

Ela que tantas vezes lhe (ilegível) no amor, casou-se com um rapaz que lhe prometera joias, vestidos de seda, viver luxuoso, casa ricamente preparada e tudo enfim que sua imaginação fantasiasse.

Ele sofreu dolorosamente com essa infidelidade e depois as lágrimas da saudade começaram a rolar-lhe pelas faces.

Frivolino Catavento.

O Prato do Julinho

Era uma tarefa maçadora aquela que lhe incumbia duas vezes cada dia. Antes de tragar o primeiro bocado, ela havia de fazer os pratos das sete crianças, muito pachorrotamente, medindo bem os quinhões para não haver razão de queixa. E sem perder a cama e a paciência no meio da algazarra desordenada, da garrula tagarelice da ninhada, ia distribuindo os pratos, um por um, a começar pelos menores.

Às vezes o marido ajudava-lhe a tarefa, mas ele era também tão ocupado!... comia sempre as carreiras para não perder um vintém no trabalho do dia.

Acabada a distribuição, tinha-se lhe acabado também o apetite e quase sempre ela comia pouco ou nada. Daí e de outras causas mais, resultara-lhe a magreza extrema, que lhe matava a antiga opulência das formas, realçando mais o amoroso brilho das pupilas.

Um dia veio a febre, e vieram convulsões, e o Julinho, o mimo da casa, foi levado a um caixãozinho azul, muito dourado e coberto de flores.

Nos dois primeiros dias, entorpecidos pela dor, esqueceram-se de tudo, pensando que iam morrer também, e esperavam a morte. Mas a morte os não queria: levou somente o anjinho.

Era preciso voltar a vida e ao trabalho: os outros seis ali estavam a chamar por eles.

Quando se foram sentar pela primeira vez a mesa, depois da catástrofe, e viram o lugar vazio, recrudescer a dor e foi com um nó na garganta que fizeram os pratos nesse dia.

Depois de servidos todos, quando iam eles comer, ela pôs-se a fazer convulsamente um prato mais e pô-lo no lugar vazio do Julinho.

E sentados, a olhar para o pratinho que se conservava intacto, enquanto se esvaziavam os outros continuaram a soluçar.

As crianças mais idosas, que compreendiam, também choravam, mas sem deixar de comer.

Janeiro -95.

Bruno Jacy.

O batismo

(Ao Antônio Salles)

Pela estrada afora, para onde as novas ramadas nascidas no inverno começavam a cair, como verde sanefa que a natureza caridosa e boa antepusesse ao sol para se viajar a sombra, iam caminho da cidade duas criaturas infelizes.

Rosa apertava aos seios uma criancinha que ardia em febre e que de instante a instante soltava de entre a ordinária cassa que a envolvia um vagido que de certo lhe cortava fibra a fibra o coração; mas a ideia de que o filhinho, o fruto de seu amor ia receber a salvação do batismo, vinha aliviá-la como um bálsamo divino; e assim seguia caminho da Igreja entre os eflúvios acre-doces do coração de mãe e a crença salutar e bendita da religião do Calvário.

Raymundo seguia atrás, pensativo e triste... O amor de pai e a satisfação, que lhe ia na alma pelo cumprimento de um dever imposto pela religião alternavam-se com outras conjecturas tristes e dolorosas; a doença inesperada e grave da criança e o receio de que ela não morresse sem o batismo não lhe deram tempo de ir longe, entre as pessoas abastadas procurar quem pudesse servir de padrinho; ele não possuía a quantia exigida, não conhecia pessoa alguma na cidade, e se o vigário não quisesse celebrar o sacramento grátis, o que fazer?

Como deixar de ser batizada naquele dia a criancinha que quase agonizava? Como? E assim seguia o Raymundo pensativo e triste...

II

Ao meio-dia o vigário em uma rede espaçosa e cômoda despertava de um sono profundo e calmo.

O velho sacristão aproximou-se um pouco e lhe disse achar-se esperando na Igreja uma criança que precisava ser batizada quanto antes; estava mal.

O vigário, saboreou a saliva, dando dois pequenos estalos com a língua e abrindo um pouco os olhos perguntou: os padrinhos?

O velho sacristão formalizado e com um certo tom oratório respondeu enfaticamente:

- O pai alega ser um miserável e espera do Sr. a caridade de ministrar o sacramento gratuitamente.

- “Pobres miseráveis”! Respondeu o vigário em um tom irônico sentencioso com os olhos semicerrados; todos de minha freguesia o são e não sei até quando subsistirá na face da terra esta raça de infelizes.

Que vá procura quem possa servir de padrinho; é impossível mais caridade do que a que tenho praticado até hoje. E a palavra que todos conhecem? É o recurso de que todos lançam mão? Caridade!... repetiu, virando-se para outro lado e... ficou sossegado e tranquilo.

III

Raymundo e Rosa, almas infelizes e puras, criadas na inocência das selvas e na doce crença da religião, não tiveram uma palavra de recriminação e nem de leve pensaram que o padre, o ministro de Cristo havia faltado ao cumprimento de seu dever, a caridade!

A criancinha arquejava somente e Rosa de vez em quando chegava o bico do peito aos lábios já roxeados do filhinho para ver se uma gota de leite ainda podia prolongar-lhe a vida até receber o batismo. Debalde! A criancinha não podia mais compartilhar de seu sangue.

Rosa, de contrariedade e de fraqueza sentiu uma vertigem; Raymundo fora procurar um padrinho e não voltara ainda. O sol se havia ocultado e as tristes badaladas da Ave-Maria enchiam a tarde de uma tristeza pungente.

A criança soltou um gemido surdo, quase imperceptível, e Rosa despertou a este débil vagido.

Raymundo chegou e foi avisar ao sacristão de que não encontrava quem se prestasse a desempenhar aquela missão.

- “Povo miserável e sem caridade!” disse o velho arquivista ainda em tom oratório; não sei até quando subsistirá na face da terra esta raça de infelizes. É noite, é tempo, pois de repousar dos trabalhos do dia; ide-vos embora e mande batizar vosso filho por uma pessoa qualquer porque a Igreja nos diz que se ele morrer ficará batizado.

IV

Rosa ao saber que seu filhinho não seria batizado pelo padre rompeu em soluços e enquanto ambos volviam caminho de casa as lágrimas caíam gota a gota sobre a cabeça da criancinha, que pouco a pouco recobrava a vida e parecia sorrir.

No entanto Rosa não via que seu pranto ressuscitava seu filho e não compreendia quanto é poderoso o sacerdócio de mãe e quanto é sublime o batismo das lágrimas.

José de Carvalho.

Uma família romântica

(Ao Dr. Garcia Redondo)

Em um dos primeiros trimestres do ano de 188..., o jornal Cearense publicava um interessante folhetim intitulado *O Segredo de Daniel*.

Os correios só de oito em oito dias é que levavam os jornais à comarca onde o Sr. Mendo habitava uma formosa propriedade. Este senhor, casado, cercado de uma ninhada de filhos, distraía-se do enfado da lavoura lendo os jornais que lhe chegavam aos maços em dias determinados da semana.

Depois de ficar a par das novidades políticas, de apreciar a seu sabor as questões palpitantes do partido, os reptos e as respostas às folhas adversárias, as mofinas e as entusiastas adesões de novos amigos, começava a ver o Folhetim.

- Não havia mais o que ler!

Quando, porém, começou a ser publicado *O Segredo de Daniel*, mereceu ser este romance a primeira coisa lida, desejada e ansiosamente esperada.

Foi um grande sucesso. Chegavam os jornais, e toda a família do Sr. Mendo agrupava-se em torno do velho que estremeando de sentimento começava a ler o romance. Ninguém respirava quase; a mulher, os filhos, todos de casa acompanhavam automaticamente todos os movimentos do leitor.

O protagonista da história logo conquistara todas as simpatias.

Era ele um independente agricultor residente em um dos departamentos da França, chamado Daniel.

Casado, acompanhado de duas interessantes criancinhas, vivia muito feliz em sua pitoresca habitação.

Um dia chega-lhe em casa um seu antigo companheiro de colégio, tinge-se muito amigo, diz-lhe ser um banqueiro em Paris, pede-lhe a juro todos os seus fundos e, Daniel seduzido pelas grandes vantagens oferecidas, mete-lhe nas mãos toda a sua fortuna.

Passou-se muito tempo; o agricultor escreveu ao seu banqueiro e não obtendo resposta decidiu-se ir à Paris. Aí, em casa do amigo este insultou-o, ele repeliu-o dignamente; travaram uma luta, resultando o roubador da fortuna de Daniel cair partindo a cabeça numa trave de ferro e morrer.

Foi como uma mágoa dolorosa que todos viram o pobre do Daniel considerado como assassino a correr por uma das principais ruas de Paris.

- Oh! Exclamavam as moças, ele não fora o assassino!

Depois, no julgamento; ele não quis declarar o seu nome para não envergonhar sua família.

Nesta parte, porventura, terminava o romance e tinham todos que adiar para outro dia do correio.

Todos estes dias passavam em uma ansiedade imensa, as moças e os moços enternecidos só pensavam na grande infelicidade de Daniel.

- E sua mulher? Inqueriam, e seus filhos? Como teriam ficado?

- Ah, eles morreram de dor e de vexames sem saber notícia de Daniel!

No dia do correio seguia logo um portador à cidade para trazer os jornais, apenas fossem abertas as malas. Se o correio não chegava, oh! Todos ficavam impacientes: era uma decepção!

Dizia Clara, a filha mais velha do Sr. Mendo, sempre a mais sentimental, a mais enternecida de todas, dizia: - Se pudesse não moraria nessas brenhas!

- Ter a gente que esperar tantos dias para ouvir a continuação de uma história tão tocante, tão bonita.

Era um grande acontecimento naquela casa, a chegada dos jornais; todos alvoroçaram-se, e ansiosos vinham sentar-se na espaçosa sala.

O Sr. Mendo, pálido e trêmulo de comoção continuava a ler a interessante narrativa.

Todas as palavras, todos os pensamentos, o fio daquela história sugestionavam o leitor e os ouvintes de uma forma extraordinária.

Presos nos elos daquela cadeia de sentimentos identificavam-se, uniam-se, sentiam as mesmas impressões, sofriam os mesmos vexames, as mesmas dores que o protagonista do romance.

Cada palavra proferida, cada frase terminada era logo compreendida e medida com dor e sentimento.

Daniel foi deportado condenado a galé e todos o seguiram no caminho do exílio!

E quando o escritor tornava-se mais eloquente, mais sentimental, oh! Então, as lágrimas borbulhavam em todos os olhos.

Terminada a leitura respiravam absortos nas mais pungentes meditações.

Começava novo martírio por não saberem logo dos revezes ou das felicidades reservadas a Daniel na travessia das galés.

—

As discussões políticas não tinham mais significação alguma, ninguém prestava mais atenção àquele acervo de odiosidades; só Daniel, só as suas desventuras habitavam naqueles corações bem formados e puros.

O seu nome andava de boca em boca; até as criancinhas sabiam-no proferir.

Aquela história tomava as proporções de um grande poema de lágrimas.

- Ah! pensava Clara, a pobre esposa, os pobres filhinhos de Daniel, estariam reduzidos à miséria ou teriam morrido de desespero?

- Não sabia o que naquela história era mais triste, mais digno de compaixão;

- Felizmente, todos reconheciam naquele pobre homem um verdadeiro homem de bem!

Ainda estava reservado ao mártir do romance, ao forçado as galés um doloroso incidente. Ao desembarcar na ilha do exílio caíra na água e debatia-se desesperadamente quando se sentiu agarrado por um enorme tubarão que o levou as profundezas do mar.

Oh! Um ruído de dor e aflição rompeu de todos os lábios!

Todos ficaram suspensos diante daquele golpe inesperado reservado ainda pela fatalidade àquele pobre homem que já lhes pertencia pelo coração e pelo amor.

Graças, porém, ao valor de um marinheiro, fora milagrosamente salvo.

Este trecho foi como um lenitivo, um bálsamo salvador aplicado às feridas abertas ao golpe daquela imprevista desgraça. Todos sentiram um salutar alívio!

- Sim, não morrerá! Ele não merecia esta morte!

- Deus é muito justo!

Havia muitas vezes já se repetido esta encantadora cena de lágrimas e o romancista preparava as coisas para o desfecho de sua obra.

Daniel depois de muitos anos por ato de heroísmo, por haver salvo a filha do Governador, alcançara a evasão, fugiu. Foi ter à sua antiga província e lá não encontrou mais ninguém dos seus. Procurou saber notícia da mulher e dos filhos e encontrara um velho criado, o bom Jacques que lhe participou a morte de sua mulher!

Seguiu-se a sua visita ao cemitério, ao túmulo de sua querida esposa; ajoelhou-se entre as flores que o bom Jacques plantara e zelava cuidadosamente, e chorou amargamente.

Nunca a compaixão, a sentimentalidade, chegaram àquele ponto. Por todas as faces via-se deslizar um fio cristalino de lágrimas.

- Como se pode sofrer tanto assim! Pensava tristemente Clara.

Quando Daniel saiu do cemitério ia como um desvairado, um louco!

O bom Jacques lhe participou também que seus filhos se achavam em Paris milionários. Descobriram em seus terrenos uma prodigiosa mina de diamantes.

- Restava-lhe esta consolação: ia ver os filhos que talvez quisessem tê-lo como pai.

Daniel dirigiu-se a Paris e lá contemplou desconhecidamente o fastígio e a grandeza de seus filhos.

Passava o dia no grande portão do palacete onde os via sair em soberbas carruagens.

O filho antipatizava com o aquele velho mendigo todos os dias no portão, mas a filha tinha comiseração dele e dava-lhe boas esmolos, fitava-o amorosamente.

- Oh! Exclamavam todos, como é boa esta moça! Nem sabe, nem prevê que ele seja seu pai!

O velho viu-se obrigado a fazer parte de uma quadrilha de ladrões que pretendia roubar seus filhos e na ocasião em que todos haviam penetrado no palácio, gritou, pediu socorro!

Os ladrões dispararam as armas contra ele e fugiram deixando-o como morto.

Foi socorrido; e a filha que o salvou da reputação de gatuno, tratou-o com todo desvelo.

Agora todos esperavam mais ansiosamente ainda o dia do correio para ver como Daniel dar-se-ia a conhecer.

- Ah! todas as suas infelicidades e amarguras seriam largamente recompensadas?

A filha de Daniel achava-se de casamento justo com o filho do banqueiro que havia roubado sua modesta fortuna e o feito tão infeliz e desgraçado.

A moça não queria o casamento; casava para satisfazer um capricho do irmão.

No dia que, enfim, devia ser celebrado o ato, no meio dos esplendores e deslumbramento do salão quando entregavam a moça a pena toda cravejada de brilhantes para assinar o contrato, o velho Daniel majestosamente interrompeu e declarou que aquele casamento não se efetuará jamais.

Contou em poucas palavras a dolorosa história de sua desventura: e disse que era Daniel.

Os filhos chorando de alegria e de amor correram a lhe cair nos braços.

Desfez-se o casamento e o pai e os filhos abraçavam-se mais uma vez para reconhecerem que não experimentavam a felicidade mentida de um sonho.

—

Terminou o romance; e toda a família do Sr. Mendo num assomo de felicidade e de alegria, estremecia de prazer como se tivesse passado por uma gloriosa e radiante transfiguração.

José de Carvalho.
(Dos Perfis Sertanejos)

Fraqueza do próximo

A rua principal da pequenina cidade pelas portas das lojas e bodegas, agrupavam-se os comerciantes -camisa e calças- curiosos, rindo, por ver o Costa às cambalhotas, a gritar, caindo completamente ébrio, alucinado.

Enquanto o pobre louco do álcool, as quedas, berrando, seguia rua afora, os comentários, as pilherias desagradáveis sucediam-se em todos os grupos.

- É pena! Seria hoje um padre!
- Perdido! Sabe muito bem o português e o latim!
- Como não? – dizia outro – se estudou muitos anos no Seminário!

Fora dali – do Seminário Maior de S. José – que o Costa trouxera as práticas religiosas que usava zelosamente e de que dava público e incontestado testemunho quando, em estado normal, calmo, saciado da embriaguez, quedava-se arrependido e protestando:

- Somente esta vez! Não beberei mais nunca!

Exceção feita deste único defeito, o Costa – moço da família – era uma inofensiva criatura, religioso, amável, muito crente e muito tímido.

Nos dias de arrependimento e de contrição recordava e maldizia o momento em que, ao velho Reitor, pedira licença para ir à cidade.

- Maldito cálice de vinho! – murmurava triste, com o olhar fito no chão – maldito!
- Recordava-se de tudo perfeitamente como se fosse ontem:

Quando entrou na casa do seu correspondente – o Silva – lhe disseram a um tempo a mulher e as filhas do comerciante:

- Adeus! Sr. Costa! Há tanto tempo que não nos dá o prazer de sua visita?!

E uma das moças, agradável, gentilmente sorrindo, lhe ofereceu numa bandejinha bordada, um cálice de vinho.

Poucos momentos depois de ingerido o vinho, perdia o acanhamento bisonho de seminarista e sentia uma sensação agradável invadir-lhe os nervos que se iam entorpecendo deliciosamente.

Uma alegria estranha afagava-lhe o espírito e sentia desejos frenéticos de dançar, rir, cantar, muito, excessivamente.

Que nunca o supuseram tão espirituoso e tão divertido – disseram as moças.

- É isto - obtemperou a dona da casa - para matar a saudade da família e o enfado do estudo! Não é assim Sr. Costa?

A família de um sacerdote cristão era a humanidade em geral e tão somente ela! E continuou em eloquente e adjetivada preleção a discorrer sobre o desprendimento terreno do sacerdote e os seus árduos e melindrosos deveres. O padre morre para o mundo! Aquela batina preta representa a mortalha; a coroa no alto da cabeça representa a coroa de espinhos, martirizante de Cristo! Ele era muito moço ainda, mas em tudo via a sabedoria divina: ao lado da felicidade incomparável dos pais de família que procriam e educam para a pátria pende a felicidade suprema do sacerdote cristão que purifica as almas e as prepara para Deus!

- De fato - concordaram - era um tipo divino o sacerdote!

- Quando possuí a verdadeira vocação, - acrescentou ele – enlevado na absorção de um gozo que até ali lhe fora completamente estranho.

Um desejo violento - desejo de gula insaciada - de beber muitos cálices daquele saborosíssimo Vinho Velho do Porto, torturava-lhe o espírito numa impertinente constância de tentação.

Sentia que lhe cumpria reagir; não beber; estava em casa de seu correspondente; era um seminarista; seria um padre!

Ao lado dessas cogitações crescia o desejo que as sepultava deixando-o desvairado.

- Beberia somente aquela vez: não mais tocaria em vinho! – Sim: não beberia mais nunca!

Crescia-lhe a ansiedade e sufocava. Impaciente, ensofrego, manifestou desejos de voltar ao Seminário.

Que lhes desse o prazer de jantar ali – pediu delicadamente a D. Lydia.

II

Diante da mesa abundantemente servida e aumentada por mais dois ou três pratos, o seu primeiro olhar foi para as garrafas dispostas em fila ao longo da mesa.

A fumaça que dos pratos se levantava impregnada de um cheiro de temperos, despertou-lhe agradavelmente o apetite embotado há muitos anos pelas comidas grosseiras do Seminário.

Sentiu fome e lhe foi de uma agradável emoção o ruído do líquido a cair do gargalo das garrafas.

- Que saboroso vinho!

À tardinha, voltando para o Seminário, cem vezes reprimiu-se, cem vezes avançou para as bodegas que via abertas, aos lados, como um abismo de atração, escancarado e trágico.

A noite queixou-se de enxaqueca.

- Maldita enxaqueca! Febre, dor de cabeça! O criado, secretamente, foi comprar genebra.

A genebra, forte, bebida de dois tragos saciou-o e, enquanto manifestava-se o efeito do álcool, sentia-se possuído de uma satisfação boa, calmante, que crescia aos poucos, invadindo-o todo numa irrequieta manifestação de alegria.

Seria somente aquela vez; não beberia mais nunca!

Encaminhou-se diretamente à cama, e sozinho, em silêncio, numa quietação de gozo, ficou-se saboreando intimamente, deliciosamente a primeira embriaguez, que se lhe embebia nos nervos.

A chamada para as últimas rezas veio despertá-lo. Levantou-se e foi ajoelhar-se diante ao altar, fitando os santos indiferentemente, sobranceiro, sem devoção, sem o fervor e a religiosidade de costume. Achava irrisórias as mudas e contrafeitas perspectivas dos santos impostos à adoração dos povos.

No entanto, não podia deixar de rezar, de crer maquinalmente e de bater pausadamente nos peitos.

Recolhido ao dormitório caiu numa letargia do sono pesado, de um longo sono de repouso, consolador.

Quando no outro dia com os outros colegas ajoelhou-se a fazer orações, foi que lhe ocorreu a lembrança do dia anterior; fitou os santos perfilados, mudos, e ficou perplexo, suspenso, procurando convencer-se e descobrir a verdade que se lhe encobria nas sombras da memória.

Lembrou-se então do que havia feito: da embriaguez e da louca irreverência aos santos, da profanação ao altar!

Fugira-lhe completamente a fé naquele momento fatal.

Uma tristeza mesclada de arrependimento e de temor assomou-lhe ao espírito, deixando-o doente, nervoso, quase sem discernimento das causas.

- Que grande pecado! Meu Deus!

- Que grande crime!

De joelhos, as mãos postas, diante de uma imagem lhe implorou humildemente, fervorosamente, cheio de contrição e de fé, o livrasse daquela tentação diabólica. Não o deixasse cair – implorava – não o deixasse cair! - Ele não queria beber, não queria condenar-se cometendo outro tão grande pecado!

Temia as penas mundanas e celestes, queria dedicar-se no serviço de Deus; ser um sacerdote; pregar a religião; officiar as práticas do culto!

A nevrose do vício, porém, torcia-o numa irreprimível convulsão de desejos.

Poucos dias depois, em pleno salão das aulas, nomeio dos companheiros e dos padres, o rapaz num acesso violento de embriaguez, saltava rindo, fazendo trejeitos impudicos, completamente louco, vomitando.

Foi expulso do Seminário e, inutilizado, ébrio, voltou a sua pequena aldeia quase ao completar o curso superior.

Era o palhaço das ruas a pinotear doidamente num frenesi de louco, numa alegria indiscreta, imoral.

Por uma tarde úmida de maio em que soprava impertinente um vento buliçoso, frio, todos os moradores da principal rua da cidade corriam admirados, pressurosos, chegavam às portas, agrupavam-se e olhavam rua afora, por onde seguia o acampamento de uns noivos.

- O Costa! É o Costa! – diziam todos rindo, com uma admiração açodamente prevista.

- É o Costa – o segundo par – de braço com umas das testemunhas, aparentemente triste, a cabeça caída para os pés, todo de preto, seguia em direção a igreja.

A noiva, à frente, com um vestido de cambraia cuja cauda arrastava vagarosamente pela calçada estreita e suja, as botinas brancas de bicos bordados aparecendo muito fora da orla do vestido, um *bouquet* de flores naturais mal seguro na mão direita, ia pálida de comoção, o andar embaraçado e tímido.

Os comentários desagradáveis, maliciosos sucediam-se entre os homens do pequenino comércio.

- Milagres do Vigário!

- E o outro? Perguntavam.

- Qual! O bocado não é para quem o faz, é para quem o logra!

E os noivos e todo o pequenino acompanhamento, desapareciam, entrando pelo meio da larga nave da Matriz, e encaminhando-se para um dos altares.

O outro a que se referiam os indiscretos comerciantes era o primeiro noivo da moça, um mestiço gatuno, desordeiro, que a havia raptado, ela - a filha de um pobre e honrado velho.

O velho chorou de desespero, quase enlouquecia de contrariedade, valeu-se das autoridades, do vigário, de todos.

- Não deixassem sua filha - menina sem juízo - se perder, casar com semelhante bandido!

Retomaram-na do Samuel, e a pobre moça, escrava de seu temperamento ardente, voluptuoso, ansiosa por se casar, convulsionada pelos impetuosos protestos de sua carnação sadia, pubescente, viu-se atirada à casa do vigário, oprimida, vigiada, para não transpor a barreira dos preconceitos sociais.

O Costa – o seminarista inutilizado – bom coração, virtuoso, irmão de muitas confrarias, - para praticar um ato de caridade – aceitou o oferecimento da mão da Chiquinha, feito pelo padre que estava encarregado a procurar um noivo. E naquela tarde fria de maio jurava nas mãos sacerdotais que: recebia a ela Francisca Maria do Amor Divino por sua legítima esposa assim como manda a Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana.

IV

Algum tempo depois - passada já a feliz lua de mel - o Costa voltava à casa, ébrio, alucinado, injuriando a mulher protestando assassiná-la.

De nada lhe valiam mil protestos, mil juramentos que contraía quando voltava à calma, quando se confessava e prometia a Deus corrigir-se de seus erros.

- Somente aquela vez; não beberia mais nunca!!

E quando a Chiquinha para dar à luz ao fruto de seu amor e sua lícita união, deixou-o ficar em casa, sozinho, entregue à sua embriaguez e ao seu alternativo arrependimento, e correu, foi pedir um refúgio à casa de uma família, ele arrependido, calmo, cheio de contrição, murmurava num tom de amarga tristeza:

— A Chiquinha é muito boa, mas não sabe suportar com paciência a fraqueza do próximo!

José Carvalho.

O trem de ferro

(Ao Almeida Braga)

I

Da pequenina palhoça ao lado do leito da Estrada, quando o trem de ferro passava, altaneiro como uma águia que fosse rastejando a superfície da terra, uma criança de oito anos, si tanto, olhava o monstro sumir-se sibilando pela encosta da serra, além, de perdê-lo de vista. Então quedava-se silenciosa e triste, e logo a expansão do seu pesar e ódio de coração infantil se traduzia nas duas lágrimas que lhe corriam pela face rosada e pequenina, que ela enxugava com a manga da camisa muito alva, agitada de leve pelo vento...

Era um ódio mortal, incompreensível em um coração tão pequeno ainda, esse que aquela criança consagrava ao trem de ferro, que passava defronte da humilde palhoça de sua mãe.

Para outra qualquer a passagem do trem seria um divertimento. Ao apito da máquina, porém, as lágrimas inundavam-lhe os olhos, e, quando ela enfrentava a pobre palhoça, nada faria conter os soluços d'aquela inocente criança.

II

Dois anos antes aqueles lugares eram quase desertos. Apenas se ouviam ali os tiros das pedreiras e o malhar das picaretas dos trabalhadores da linha.

Agora quem passasse no trem por aquelas paragens, olhando pelas portinholas, veria um mundo de casas de palha, rodopiando como fantasmas de um lado e de outro da Estrada.

Uma dessas casas pertencia a mãe daquela criança de oito anos e de um irmãozinho menor, filhos do feitor Anselmo, sepultado não se sabia bem em que lugar a 25 de março quase dois anos atrás.

III

Há dois anos também, mais ou menos, o serviço da linha chegara por aquelas paragens.

A turma do Anselmo é que avançava na frente. Tinham agora de romper o corte talvez mais alto de toda linha.

Como é costume, para abreviar o serviço, tinham-se feito muitos cachimbos de ambas as ribanceiras do corte. Os trabalhadores cerceavam-nos pelo pé, e quando ameaçavam desabar, afastavam-se rapidamente, ouvindo de longe o fracasso do montão de terra.

E era assim que a turma do Anselmo, que avançava na frente, ia rompendo o corte talvez mais alto de toda a linha da Estrada.

Uma manhã, o feitor, que ia sempre adiante, não teve tempo de desviar-se, quando o cachimbo mais alto da ribanceira à direita ameaçou cair, e o montão de terra pegou-o em cheio e a três homens mais que ficavam ao pé dele.

Estes, porém, a custo ressurgiram mutilados daqueles escombros e dispunham-se de novo para o trabalho, sem consciência de que alguém tivesse sido vítima daquela catástrofe. Quando começaram a remover todo aquele montão de terra para o aterro que ficava perto, no descambar do alto, restos desagregados de corpo humano e a terra úmida de sangue, trouxeram aos trabalhadores mais que um pressentimento - a prova da morte de um companheiro. E estavam ali só onze, faltando o feitor que desta vez não teria ido, com certeza, como de costume, tomar café na sua palhoça defronte.

Era, sim, um morto sem sepultura, tendo por descanso eterno do seu corpo toda aquela extensão de terra ensanguentada, por onde passava agora orgulhosa a máquina de ferro.

Do morto alguns ossos apenas foram enterrados no mato, a poucos metros da Estrada, debaixo de uma latada, encimados por uma cruz, como uma ilusão para a pobre viúva, que ia ali rezar, às vezes, ao toque da Ave Maria ...

IV

E eis porque aquela criança de oito anos de idade chorava quando via passar o trem e soluçava quando a máquina de ferro enfrentava a sua humilde palhoça, passando altiva pelo terreno, que era em verdade a sepultura rasa de seu pobre pai...

No mar do norte

(a José Saboya Viriato de Medeiros)

I

Martha adormecera recostada a um banco do convés do navio, e o filho pequeno, de seis anos apenas, afastou-se lentamente e foi juntar-se ao grupo tagarela dos meninos do seu tamanho.

O mar era sereno, e encantava a placidez dessa noite estrelada.

II

Nem o vento tornou-se mais forte, nem foi de encontro a rochedo algum o velho barco, que d0antes sangrava tão sereno pelo mar afora.

Rápida, porém, a confusão se dera a bordo. Profundo choque todos sentiram-no, e as mãos despertas em rápido alvoroço, mútua e ansiosa interrogação nos lábios traziam para junto de si os filhos, na perspectiva dolorosa de um perigo iminente.

III

Martha ergueu-se e puxou rapidamente para junto de si uma criança, vestida a marujo que passava perto, seu filho idolatrado, fruto único de um amor que a morte acabara tão cedo levando para a eternidade o escolhido do seu coração.

A criança relutou em ficar com ela perguntando ansiosa pela mãe.

- Estava ali, não tivesse medo.

E a jovem viúva, puxando-a com mais força, reteve a criança junto de si.

IV

Em breve devia devagar o navio ao fundo do pélagos imenso naquela meia-noite, calma pelo oceano afora, cheia de dor naquele pedaço, cemitério aberto na superfície do mar.

Martha era do número daqueles que se agarravam aos mastros do vapor. Carga leve para uma mãe seria suster em um dos braços o filho e segurar-se ali com o outro movendo desordenadamente o corpo ao balanço do vapor.

Afinal cansou e caiu. Foi quando escaleres do navio que abalroara aquele, por acaso que a fatalidade somente explica, e parava adiante aos gritos de socorro, chegaram ali ao ponto do naufrágio.

Uma mulher foi salva quase sem sentidos. Junto dela boiava o cadáver de uma criança que a todo transe já sem forças, ela evitava entregar à gula do mar.

Era, talvez, seu filho. Depuseram-lhe nos braços o pequenino cadáver.

E no escaler de diante uma outra mulher chorava desesperadamente. Salvara consigo um menino, seguramente de seis anos, quase do tamanho do seu filho. Já que perdera a este em meio da confusão, teve para esse outro filho, irmão do seu na desgraça, o doce carinho que alguma mãe lhe havia de agradecer.

O seu filho, pouco maior, vestia a marujo. Quem dava notícia?

E seus longos soluços casavam-se ao choro entrecortado do menino.

V

O luar como branca cortina cabia sobre a areia da praia. Os escaleres chegavam ali, e os náufragos ajoelhados em frente do mar, olhos erguidos ao céu, tinham nos lábios a prece muda de um agradecimento eterno. O mar soluçava perto. Mais forte o soluço das mães sem filhos a procurá-los em vão.

Martha de pé na praia prendia aos braços o cadáver de um menino.

Em meio da confusão tomara-o pelo filho. Tão parecido com ele... Entretanto verificou rapidamente o seu engano. Mas um minuto que o deteve, era tarde para deixá-lo andar só. Morreria de certo. E vendo-a chorar pela mãe, enquanto Martha procurava de balde o filho, a piedade fê-la mãe desse outro. Estava ali sua mãe; não tivesse medo, disse à desventurada criança.

Em vão ela procurou, levando-a pela mão, em todos os recantos do vapor, que se submergiu, o outro filho verdadeiro.

Se fosse aquele o cadáver desse, cuja ausência chorava, teria, ao menos, o consolo de em terra erguer-lhe pequeno mausoléu. Tão escuro, tão profundo o mar. E ser o túmulo imenso do seu filho tão pequeno!

E dentre as mulheres que procuravam ali ansiosamente os filhos, marchava alguém e atrás uma criança chorava.

- Mamãe... mamãe!

Essa voz cantou alegremente n'alma de Martha e ressuscitou-lhe o coração. Como um relâmpago a esperança fuzilou diante de seus olhos.

Se não vira o filho morto, ele ainda podia estar vivo.

Olhou e...

- Mamãe... mamãe, ria uma criança pulando para abraçá-la ao pescoço.

- Meu... filho!

E a mulher que chorava disse-lhe:

- Se é este o teu filho leva-o.

Entrega-me o cadáver do meu que aí tens... mesmo morto, quero beijar o meu filho...

E uniu-as então um longo abraço de alegria e de dor.

Rio -95.

Eduardo Saboya.

O sereno

(Ao Sabino Batista)

O dia 15, marcado para o casamento da Esther, filha do Coronel Salomão era chegando, e logo pela manhã toda a gente falava nesse acontecimento extraordinário.

- É festão, diziam todos; a cauda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contratada por um conto de réis!!!

A Tolonia, Marica, e Joaquina, filhas de Valdevino, andavam pela vizinhança fazendo alarde, e a cada pessoa que passava perto ou longe de sua casa elas com a gritaria de costume, perguntavam ao mesmo tempo e apinhadas sobre uma mesma janela:

- Vai ao sereno do casamento da Esther? Está uma mina!

- Só a cauda da noiva tem quatro metros, e a mesa foi contratada por um conto de réis!...

- Hoje sai cinza!...

Já eram duas horas, e as filhas do Valdivino estavam ansiosas pelo sereno, e sôfregas por saberem em que igreja se realizaria o casamento.

As quatro horas da tarde, depois de muito perguntarem aos transeuntes, puderam receber informações de um moço, o qual dizia que o civil já havia realizado ao meio dia, e a cerimônia religiosa era na Sé, às nove horas da noite.

Esta nova em breve espalhou-se pela vizinhança e mais tarde por toda a parte.

- Ora, dizia uma delas, o civil já se realizou, mas não estão casados, falta ainda o católico; eu cá enquanto não levar água benta, não me julgo casada.

Isto era dito pela mais velha, uma mulher-canhão, desdentada, feia, cuja incompatibilidade para o casamento era quase certa.

Logo às 6 horas da tarde o povo surgia de todas as esquinas, a igreja começava a encher-se.

Mulheres, homens, crianças, tudo vinha ver a cauda de quatro metros.

As filhas do Valdivino foram as primeiras a chegar. Vinham alegres, risonhas, falando com uma pessoa, com outra, dizendo a todas as moças conhecidas, com uma voz aflautada:

- Como vai, meu bem? Como vai, minha nega?

E riam-se, riam-se de alegria...

Às sete e meia houve o casamento de um soldado de polícia com uma engomadeira.

E a igreja da Sé anunciava 8, 9, 10 horas, e o casamento da Esther nada.

- Isto não pode ser, gritava o sacristão; saia meu povo, que eu quero fechar a igreja.

- Que fechar a igreja, responderam as filhas do Valdevino, e o casamento da filha do Coronel Salomão?...

- Qual casamento, qual nada! Respondeu o sacristão, já se realizou hoje na missa das dez horas.

As filhas do Valdevino gritaram, espumaram, falaram, ficaram verdes, amarelas, de todas as cores e saíram da igreja a chamar toda a gente sem educação, canalha, povo sem brio, etc.

E os serenistas não lograram ver os noivos que ... já dormiam pacificamente.

Março - 95.

Gil Navarra.

As aventuras do Zé Guedes

Continuava o Zé Guedes de caixeiro na livraria, e o patrão cada vez menos o simpatizava.

Mais de uma vez dando a este solução de alguma cobrança que por sua ordem havia feito, entrava por outro assunto de conversa, e quando o velhinho dava acordo de si, interrompia-o logo e dizia: está bom, vá para o seu serviço.

O Guedes retirava-se rindo maliciosamente tomava o chapéu e sabia a cobrança.

Ia aqui, ia ali, e quase em todas as viagens ia a casa, onde tinha sempre uma novidade que contar à mãezinha que se alegrava bastante com saber daquelas coisas.

Tinha ele o costume de espiar o interior das casas, demorando-se ou andando devagar em frente a toda porta ou janela aberta, de sorte que surpreendia o que se passava no lar alheio.

D. Zefa dava gostosas gargalhadas quando o Guedes lhe referia que tendo parado à porta do Capitão João Gomes vira a senhora deste batendo-o com um cabo de vassoura pelo corredor afora, de sorte que o pau já vinha rachado das pancadas, e que o capitão empurrara furiosamente a banda da rótula, e descompusera os meninos postados em frente da casa, exclamando um destes: esta: se há de se zangar com a mulher que o vinha sabugando, zanga-se com nós!

Em outra ocasião que vira o João Bento altercando com a senhora por motivo de ciúmes, chegando até a atirá-la sobre o sofá, de que resultou sobrevir-lhe uma síncope, e o marido buscando aflitivamente uma garrafa de Água Florida para friccionar-lhe os punhos e a testa, passada a crise, viu-se que a pobre tinha sido untada com enxúndia de galinha.

Em outra, que vira em casa do negociante Luiz Monteiro um moço, que ali se achava, aproveitando-se da pouca luz da sala, já quase noite, dera um beijo na Maroquinhas, o que sendo visto pelo irmão, sujeito achamorrado, agarra-o sem mais preâmbulos pela abertura com um pontapé no assento o tirara à rua, indo cair o namorado na lama da sarjeta.

Ainda em outra que presenciara briga tremendo entre o Dr. Roberto de Almeida e sua senhora, por não consentir esta que o Dr. castigasse um seu filho de 12 anos de idade que lhe tirara do bolso do paletó uma nota de 20\$000 réis, e havia quebrado a cabeça de um pardo que o quisera pegar para ajuda do Bumba meu boi, e se havia recolhido a casa depois de meia-noite.

O Guedes sabia de tudo, por que espreitava todas as casas, escutava em todas as janelas e demais fora criado na rua.

Depois de muitas traquinadas, o patrão, não podendo mais suportar o Guedes, mandou-o chamar ao escritório.

O bom velhinho com a costumada amabilidade diz-lhe: Sr. José Guedes não precisando mais dos seus serviços, agradeço-lhe a coadjuvação que me prestou, e o dispenso de minha casa. Estão aqui 3\$700 reis, saldo dos seus ordenados.

O Guedes um tanto surpreendido responde com todo respeito eu não saio, não!

- Por que não sai?

- Porque eu estou muito bem aqui.

- Mas isso é que não me serve: não preciso mais dos seus serviços.

- Fico, embora o Sr. me reduza o ordenado.

- Já resolvi despedi-lo.

- O Sr. tenha paciência, eu não saio, não. Preciso do lugar e sei bem que não acharei outro igual em parte alguma.

- Não é possível; está despedido.

- Sr. Oliveira, por vida dos seus netos, que eu sei que quer muito bem, deixe-me continuar a ser seu empregado.

- Não me fale mais nisso: procure outra casa.

- Então, não consente? Eu estava tão bem aqui... não posso deixá-lo...

- Obrigado...

- Se é pelo ordenado, o Sr. me dará o que quiser.

- Ainda mais essa disse o velhinho enfadando-se; não tratemos mais desse assunto.

O Guedes ficou um momento em silêncio, tomou os 3\$700 e retirou-se vagarosamente.

Na rua encontrou-se com um camarada, a quem cotou a sua desgraça, e este tendo-o ouvido, exclama: vamos à casa do Antônio Varella que ele está precisando de um caixeiro.

Partiram.

Apenas falaram, o Guedes foi aceito com o dobro do ordenado que tinha tido até então, devendo entrar para o trabalho no dia seguinte.

O Guedes saiu com o camarada doido de alegria, e no caminho gastou 3\$7000 em cerveja, brindando-se um ao outro, este pela santa lembrança, aquele pela felicidade bruta, como ele dizia de ter sido aproveitado tão inesperadamente.

Outros camaradas se reuniram aos dois, concorrendo aqueles com cerveja para novos brindes, e um deles os levou até a casa da família, onde se recrearam fartamente, sendo-lhes servida excelente refeição.

Separaram-se afinal às 9 horas da noite entre abraços e protestos da mais firme amizade.

Chegando à casa, o Guedes encontrou a família do Coronel, Barreto, que viera retribuir a visita que lhe haviam feito seus pais, e nesse momento D. Sinhá executava ao piano um trecho da música escolhida.

O Guedes depois de cumprimentar as pessoas presentes, dirige-se a D. Sinhá, que acabava de sentar-se ao sofá, e com estranha intimidade diz-lhe rindo: venho de uma festa, minha senhora, onde comi bolo como o diabo.

A moça olhou para uns e para outros sem saber a que atribuir aquele disparate.

D. Zefa veio salvar a situação, perguntando ao filho o que havia de novo.

- Fui desempregado da casa do Oliveira, mas em menos de meia hora empreguei-me em casa do Antônio Varella, patrão dos melhores pela sua bondade e fortuna. Agora sim, dentro em pouco tempo hei de ser grande e abastado.

- Deixa de besteiras, Zé Guedes diz-lhe a mãe, e ele continuava a dizer tolices que provocavam o riso com surpresa do Coronel, que notara não terem os pais a força precisa para fazê-lo calar.

O Coronel estava cheio, pois que desde se sentara os pequenos Menezinho, Quinquim, Lulu e Tonho o haviam cercado atraídos pelo brilho da medalha do relógio, e esta era puxada com tanta força, que por mais de uma vez esteve ele a ponto de despedir-se dela.

A calça branca, que a princípio delicadamente ele tentou desviar das mãos daqueles *Queiroses*, tornou-se dentro em pouco um molambo – de suja e amarrotada; e as botas, as botas

tão bem engraxadas, já haviam perdido o lustre de se treparem sobre elas e as esfregarem com os pés.

A tudo isso assistiam indiferentemente o pai e a mãe.

Nada incomodara, porém, tanto ao Coronel, como as estocadas que o Capitão Esteves lhe dava com o dedo indicador no peito, principalmente na cava do ombro, para prender a sua atenção, quando se animava na conversa, discorrendo sobre algum fato mais ou menos importante da vida cearense.

O Coronel procurava instintivamente amparar com a mão estocada, mas qual! Que o capitão Estevão sem se sentir e nem notar aquela disposição preventiva o cutucava noutra parte, a cujo choque o paciente quase sempre se retraía.

Era demais: o coronel fez sinal a senhora e se retiraram.

Ainda do lado de fora da porta sofreu o Coronel diversas estocadas por despedida no oferecimento que de sua casa, e de tudo que era seu, fazia ao distinto militar.

Afinal separaram-se.

O Coronel ao dobrar a primeira esquina exclamou: Para o diabo! nunca mais!

Antônio Bezerra.

O presente

Na sala de visitas que estearinas, alumiam frouxamente de dentro de grandes mangas de vidro, estava reunida a família: - o velho, a esposa e a moça da casa, filha deste casal ao qual cercou sempre uma inquebrantável paz feliz.

Pesava uma tristeza sonolenta na fisionomia de todos três e, a espaços, o leque da moça movia-se langoroso como uma asa que se agitasse numa sala deserta – quando o não levava até a boca para recalcar um bocejo.

O velho também bocejava. Não o fazia a boa senhora, sua esposa, porque se tinha quedado a admirar a chama das velas, - tranquilas, vermelhas – uma vaga semelhança de luzes que se acendem à cabeça dos mortos.

Atraíram-na menos as chamas que as mangas dentro das quais elas operavam sua destruição lenta. Aquelas bocas de sino de uma reminiscência sempre presente e sempre querida, faziam-na voltar ao passado, aos tempos do seu namoro com o major Garcia.

E, venturosa, abandonava-se à uma agradável sensação de todo o ser, lançando olhares unguidos de saudade para o esposo e para a filha.

Esta tinha-se levantado e contemplava a rua da janela.

Pelo cimento da, que a chuva molhara, se alastrava docemente a luz dos combustores refletindo a sombra dos raros transeuntes.

Alguma coisa inquietava-a. Voltava-se para um e outro lado, o talhe curvado para fora, a formosa cabeleira ondeante.

- Até que enfim! disse.

E, falando para dentro da sala:

- O primo, mamã.

A velha endireitou-se na cadeira, limpou a boca com o lenço de barra e o velho abotoou o paletó de brim pardo.

- Boa noite! Exclamou alguém assomando à porta da entrada.

Este boa noite, claro e estridente, passou pela sala como uma alegria.

- Olá! O que é feito dessa pessoa? Perguntaram a um tempo.

- Ora, ocupações, respondeu, sentando-se. E o major como tinha passado?

- Reumático, achaques de velho.

- É, o tempo está mal, consolou o moço. Agora mesmo soubera da doença do Araújo.

- Coitado! Murmurou D. Maria. De que?

Era de febre.

O major não conhecia o Araújo.

- Aquele, Garcia, que uma ocasião nos trouxe notícia do primo quando estava no Pará.

O major lembrou-se.

- A prima como vai? Interrogou o moço forçando por sorrir.

Que ia assim, respondeu muito vermelha.

O primo, Júlio Malveira, orçava pelos vinte e três anos. Regular de estatura e de corpo, alvo e pálido. Era empregado de uma secretaria do governo “simplesmente porque os amigos políticos exigiram seus serviços”.

Usava polainas, e o pai lhe deixaria alguns contos quando morresse. Tinha um fraco pela dança.

- Ah! uma valsa é a primeira coisa deste mundo! Dizia sempre a acariciar a pastinha, o olhar amortecido de satisfação. E repetia esta frase a propósito de um passeio a cavalo ou da Avenida.

A criada veio anunciar que o chá estava pronto.

Sentados à roda da mesa de jacarandá trincavam torradas, menos o major que amolecia primeiramente no chá.

Discutiu-se a preciosidade do antigo traste - pesado e raro, onde, nos bons tempos, - contava D. Maria dera muitos jantares a presidentes.

Depois, o primo disse vivamente:

- Comunico-lhes que estou de viagem.

Para onde ia? Interrogaram interessadas as senhoras.

- Vou para casa. Hoje mesmo recebi carta de lá que me chama com insistência. Não posso deixar de ir. Parto amanhã.

Feitas as despedidas, no seu quarto, a moça considerava nesta viagem intempestiva.

E os móveis que a cercavam, a luz que vinha do céu pelas frinchas do telhado, branca, tristemente branca, lhe falaram, súbito, da ingratidão do primo, o seu desdém por ela, do seu orgulho, da sua indiferença.

E, como num fundo negro, a letras prateadas, lhe pareceu ler a rápida história da sua “desgraça”, que repetia, alto, com espinhos a lhe ferirem a garganta.

Mas, - pensou um instante - ela podia odiar ao primo - mesmo apesar da sua ingratidão, mesmo desprezando-a depois de ter gozado as delícias da sua boca, a falar-lhe do Amor - árvore que, dizia, dava eternamente frutos dourados que o céu abençoava?

Ela podia odiá-lo, a ele que lhe tinha oferecido a mais irrecusável prova de estima?

Levantou-se então do leito, abriu uma gaveta da cômoda e durante longos minutos seus olhos devoraram o que uma pequenina caixa de veludo guardava - um brilhante que faiscou, límpido.

Colocando-o no dedo deitou-se novamente a pensar, a pensar que não podia esquecer a quem havia realizado a sua maior aspiração e que tanta inveja causava às amigas.

E adormeceu com um raio do luar sobre o entumecido e amplo colo branco.

8 de agosto.

Roberto de Alencar.

O presente

Na sala de visitas que estearinas, alumiam frouxamente de dentro de grandes mangas de vidro, estava reunida a família: - o velho, a esposa e a moça da casa, filha deste casal ao qual cercou sempre uma inquebrantável paz feliz.

Pesava uma tristeza sonolenta na fisionomia de todos três e, a espaços, o leque da moça movia-se langoroso como uma asa que se agitasse numa sala deserta – quando o não levava até a boca para recalcar um bocejo.

O velho também bocejava. Não o fazia a boa senhora, sua esposa, porque se tinha quedado a admirar a chama das velas, - tranquilas, vermelhas – uma vaga semelhança de luzes que se acendem à cabeça dos mortos.

Atraíram-na menos as chamas que as mangas dentro das quais elas operavam sua destruição lenta. Aquelas bocas de sino de uma reminiscência sempre presente e sempre querida, faziam-na voltar ao passado, aos tempos do seu namoro com o major Garcia.

E, venturosa, abandonava-se à uma agradável sensação de todo o ser, lançando olhares ungidos de saudade para o esposo e para a filha.

Esta tinha-se levantado e contemplava a rua da janela.

Pelo cimento da, que a chuva molhara, se alastrava docemente a luz dos combustores refletindo a sombra dos raros transeuntes.

Alguma coisa inquietava-a. Voltava-se para um e outro lado, o talhe curvado para fora, a formosa cabeleira ondeante.

- Até que enfim! disse.

E, falando para dentro da sala:

- O primo, mamã.

A velha endireitou-se na cadeira, limpou a boca com o lenço de barra e o velho abotoou o paletó de brim pardo.

- Boa noite! Exclamou alguém assomando à porta da entrada.

Este boa noite, claro e estridente, passou pela sala como uma alegria.

- Olá! O que é feito dessa pessoa? Perguntaram a um tempo.

- Ora, ocupações, respondeu, sentando-se. E o major como tinha passado?

- Reumático, achaques de velho.

- É, o tempo está mal, consolou o moço. Agora mesmo soubera da doença do Araújo.

- Coitado! Murmurou D. Maria. De que?

Era de febre.

O major não conhecia o Araújo.

- Aquele, Garcia, que uma ocasião nos trouxe notícia do primo quando estava no Pará.

O major lembrou-se.

- A prima como vai? Interrogou o moço forçando por sorrir.

Que ia assim, respondeu muito vermelha.

O primo, Júlio Malveira, orçava pelos vinte e três anos. Regular de estatura e de corpo, alvo e pálido. Era empregado de uma secretaria do governo “simplesmente porque os amigos políticos exigiram seus serviços”.

Usava polainas, e o pai lhe deixaria alguns contos quando morresse. Tinha um fraco pela dança.

- Ah! uma valsa é a primeira coisa deste mundo! Dizia sempre a acariciar a pastinha, o olhar amortecido de satisfação. E repetia esta frase a propósito de um passeio a cavalo ou da Avenida.

A criada veio anunciar que o chá estava pronto.

Sentados à roda da mesa de jacarandá trincavam torradas, menos o major que amolecia primeiramente no chá.

Discutiu-se a preciosidade do antigo traste - pesado e raro, onde, nos bons tempos, - contava D. Maria dera muitos jantares a presidentes.

Depois, o primo disse vivamente:

- Comunico-lhes que estou de viagem.

Para onde ia? Interrogaram interessadas as senhoras.

- Vou para casa. Hoje mesmo recebi carta de lá que me chama com insistência. Não posso deixar de ir. Parto amanhã.

Feitas as despedidas, no seu quarto, a moça considerava nesta viagem intempestiva.

E os móveis que a cercavam, a luz que vinha do céu pelas frinças do telhado, branca, tristemente branca, lhe falaram, súbito, da ingratidão do primo, o seu desdém por ela, do seu orgulho, da sua indiferença.

E, como num fundo negro, a letras prateadas, lhe pareceu ler a rápida história da sua “desgraça”, que repetia, alto, com espinhos a lhe ferirem a garganta.

Mas, - pensou um instante - ela podia odiar ao primo - mesmo apesar da sua ingratidão, mesmo desprezando-a depois de ter gozado as delícias da sua boca, a falar-lhe do Amor - árvore que, dizia, dava eternamente frutos dourados que o céu abençoava?

Ela podia odiá-lo, a ele que lhe tinha oferecido a mais irrecusável prova de estima?

Levantou-se então do leito, abriu uma gaveta da cômoda e durante longos minutos seus olhos devoraram o que uma pequenina caixa de veludo guardava - um brilhante que f piscou, límpido.

Colocando-o no dedo deitou-se novamente a pensar, a pensar que não podia esquecer a quem havia realizado a sua maior aspiração e que tanta inveja causava às amigas.

E adormeceu com um raio do luar sobre o entumecido e amplo colo branco.

8 de agosto.

Roberto de Alencar.

O Casaco de rendas

I

A Joanna Oliveira já tinha passado pela casa dos trinta. Nos cantos da sua boca, que estava sempre a mordicar, duas rugas fundas obstinavam-se a aparecer, mesmo apesar da camada de pós de arroz que ela renovava sempre, com um movimento apressado de dedos.

Nascera na mesma vila onde morava, na casa cinzenta do seu Guedes, como todos chamavam, em meio àquela mesma aridez de vida.

Sempre pobre, o pai não pudera mandá-la estudar no colégio - coisa que agora sentia profundamente no monótono declínio da sua mocidade.

As moças do colégio eram tão bem-educadas!

Nem tocar piano, por que se perdia de desejos, a alma no meio de nuvens de douradas e lindas que assim - que assim devia ser a impressão de uma bonita música - nem tocar piano pudera aprender.

Pensando nisto, com uma pressão enorme sobre o coração, a esmagar todos os seus sonhos e aspirações fecundas, passava longas séries de dias aborrecendo a comida, os sinos da igreja, o dormente aspecto da paisagem quieta e a tudo, enfim, que lhe denunciava vida.

Sua última paixão fugira-lhe por causa de um simples defeito físico.

II

Em frente a bodega do Zé de Goes, camisas engomadas lustrando ao sol, sujeitos gozavam o domingo brincando a bola, por entre risadas vivas e sadias.

Sobre a igreja, agora deserta, o sol lançava uma chuva de luz quente, que mais realçava a brancura das paredes, altas e firmes, cominando a velha casaria que se alongava, mesquinha e feia.

Muito tranquila, a lagoa aparecia distante, como um cinzento lençol sem dobras, e, curvado sobre ela, o bambual tremia...

Um guarda levava um preso.

- Que foi isto, seu Manezinho?

- Não foi nada, s'a dona. Este cabra meteu-se na cachaça e queria fazer desorde.

O preso olhou o soldado de banda, deu um repelão ao corpo e seguiu, oscilando, o ódio e a raiva a lhe escaldarem as veias.

III

O jogo corria animado em casa de Oliveira. Tinha ido fazer uma perna o Arthur Gomes, um rapaz da praça, de muito bons costumes – para o dono da casa.

- É simpático, acrescentava a senhora Arlinda, mulher de Oliveira.

Arthur Gomes agradecia sempre estes “amáveis qualificativos” com olhares cheios de promessas para a Joanna e com prejuízo que lhe abalava a algibeira.

- O sr. esqueceu-se de pagar, sr. Arthur, observou-lhe d. Joaquina, muito falante e explicada, os olhos acesos demais.

O moço passou-lhe uma ficha de papelão , “que o desculpasse, fora mesmo esquecimento”.

Afastada da mesa, a Joana brincava o dedo mindinho com uma criança, que tinha aos joelhos, as pálpebras caídas como duas pétalas de rosa sobre os olhos lânguidos.

Que era uma das coisas mais bonitas que ela tinha – suspirava d. Arlinda. Arthur estava cansado de ouvi-la elogiá-los. Que olhos!

- Oh, o sr. está hoje muito distraído, observou-lhe novamente d. Joaquina, olhando de esguelha para a Joanna. Passe para cá a fichinha...

Desta vez o moço não soube formular desculpa e empurrou o pedaço de papelão por cima do pano listado. Pôs-se então a olhar para o Guedes que dava as cartas.

Joanna vestia de branco - uma cravina ao peito, - e do seu corpo onde se agitavam restos de uma vontade insofrida, de toda ela, emanava um cheiro forte de água da Flórida.

Daí a pouco ergueu-se deitou ao chão a criança, que correu para a porta e entrou no quarto. O Arthur, decididamente não a amava! Se a amasse, certo, não estaria a jogar tanto tempo , todo absorto nas cartas, que ela aborrecia tanto.

Até chagavam a lhe dar sono – dizia a rolar no leito, sentindo um vácuo imenso no coração.

E ficou numa modorra.

Despertou com o ruído das pessoas que se aprestavam para acompanhar o moço à estação onde o sino anunciara o trem, próximo.

E seguiram todos menos ela, que ficara ainda no quarto, certa da sua infelicidade, um desapontamento atroz a aumentar-lhe a dor.

Quanto voltaram, encontraram-na sob uma das suas crises de lágrimas.

Indo ao espelho, para compor a toilette, que tristeza a velha lâmina lhe reservara!

Lá estava, flácido o colo manchado de sardas. E pensar que aquele casaco de rendas revelara ao namorado tal coisa! Maldito casaco!

No céu, alto e côncavo havia um deslumbramento de luz. E distante, quase indistinto, o trem rolava e para ela, aquele barulho monótono era como o do despenhar do castelo dos seus últimos desejos.

—
O Arthur não voltou mais à casa do Oliveira.

Ao saber do ocorrido, a d. Joaquina, radiando, mãos no quarto, disse, pensando que podia agora arranjar a filha.

- Ora, ora, uma bicha que já tem esporão!

Roberto de Alencar.

O Pombal

O excerto de um romance em preparação

História de um (ilegível)

A Várzea de Fora era uma bonita planura de mais de duas léguas de extensão. Viçosas carnaubeiras, com uma longevidade de séculos, abria os leques das verdes frondes aos bafejos da viração, que tirava delas, as mais saudosas harmonias.

De espaço a espaço se erguiam as hastes indivisas e retas destas palmeiras projetando sombras esféricas sobre o solo, que se vestia de uma vegetação humilde de carrasco. A terra coberta de seixos miúdos numa promiscuidade de formas e cores, reverberava o sol, que se aproximada do zenith.

A luz mordida em cheio a superfície lisa e prateada das carnaubeiras e se refrangia depois numa irradiação de cegar. O espaço em plena claridade, sem sombra de nuvem que lhe turvasse a transparência, encandeava, se os olhos procuravam mergulhar-se por ele adentro.

Queiroz e Belmonte chegaram a Várzea quase no meio dia; estava ainda soturna e deserta. Apearam-se e prenderam os cavalos a uma tronqueira de sabiá.

Nada viram a princípio que lhes atraísse a atenção. Entraram pela várzea, e Queiroz, que inspecionava tudo com os seus sentidos despertos e apurados, olhando o chão, exclamou com entusiasmo:

- Está aqui o vieiro! E abaixando-se apanhou alguns ovos frescos, brancos como pedras de sal e do tamanho de um guagirú.

O matuto não se conteve mais. Andou para direita e para a esquerda e para qualquer parte que olhasse avistava, misturados com os seixos, pontos alvos, o chão sarapintado de branco, como se tivesse caído uma chuva de granizo aqui nas terras quentes do Equador.

Abaixava-se e levantava-se como um boneco de engonços apanhando os ovos, cuja frescura mostravam na translucidez das cascas expostas a luz, e ia metendo-os nos bolsos do gibão. Em pouco tempo já não tinha mais onde os guardar; estavam os bolsos das calças e da veste a estourar de cheios. Quanto mais ovos apanhava mais ovos descobria a sua vista entre as pedrinhas do solo. Belmonte, imitava Queiroz e tinha já feito também uma boa provisão.

O dia continuava claro, e na Várzea apenas se ouvia o ciciar monótono da viração nos leques do carnaubal.

De repente os sertanejos foram surpreendidos por um sussurro longínquo semelhante ao murmurar das vagas. Mas o mar estava a algumas dezenas de léguas.

Queiroz, impressionado pelo estranho som, que cada vez mais se acentuava, inspecionava com a vista a várzea acessível aos seus olhos. Nada descobria... E pouco a pouco o dia começou a se empanar, e a luz do sol, até então viva que doía nas retinas, a amarelecer, a desmaiar, como se o fumo de um grande incêndio se interpusesse entre o astro rei e a terra. Aquele crepúsculo extemporâneo, aquele eclipse parcial assustou os matutos, que olhavam um para o outro interrogando mudamente a causa de tão estranho fenômeno.

Jogavam ainda o siso, quando a luz desmaiando mais e o sussurro aumentando de intensidade arrancaram-nos da perplexão.

Temendo que o dia se apagasse de todo, instintivamente ergueram os olhos para o céu a ver o que escondia o disco luminoso do sol. Uma nuvem negra viram eles nas alturas e tão grande que cobria como um nimbo de borrasca quase o espaço inteiro.

A massa escura, que tão alto pairava, descia, e o pedaço de terra ocupado pela densa penumbra, esfriava e era varrido por um vento rasteiro, como saído de um folhetim que soprasse de cima para baixo.

A várzea até então desabitada, foi se povoando de animais, e os répteis apareceram como se o mundo começasse agora nesse pedaço do globo.

Sáurios de todos os tamanhos saiam das tocas, avisados pelo esmorecimento da luz da oportunidade de sua aparição.

A nuvem descia sempre, e já Queiroz e Belmonte sabiam que ela não era formada de vapor, porém de miríades e miríades de pombas, que desciam num voo sereno em direção à terra. A várzea seria em breve inundada por um dilúvio de penas.

Quando o enorme bando pairou a cinquenta metros do solo, quase escureceu, e uma lufada violenta, e mais outra e depois outra varreram o chão levantando as folhas secas, que voavam e iam se atufando em medas nos troncos das carnaubeiras.

Queiroz teve um arrepio; aquele estranho espetáculo sacudiu-lhe os nervos todos do corpo. Pensou até em morrer esmagado pela nuvem ou asfixiado sob aquele lençol de plumagem.

O susto, entretanto, não impediu que continuasse absorto na contemplação de tão maravilhosa cena.

Os seus olhos se conservavam fitos na nuvem que já tocava as frondes das mais elevadas palmeiras.

O bando denso e volátil fraturou-se de encontro às ventarolas das árvores e caiu uma oscilação leve de pluma que flutua, dividindo-se em miríades e miríades de corpos, que pousaram em terra.

O crepitar seco dos pés das aves nos seixos, o cicio das suas asas, que se fechavam, e o seu arrulho trêmulo se fundiram num ribombo cavo, como rolar de trovão subterrâneo, que encheu toda a área da várzea e se espalhou no espaço ecoando nas paredes dos próximos outeiros.

Caído que foi o véu plumoso, a luz voltou a iluminar aquele pedaço do campo.

Queiroz estava deslumbrado com o esplendor daquela cena. Todos os seus sentidos se condensavam nos olhos, que tinha acesos e fitos em rigorosa observação.

As aves, de ariscas que eram estavam mansas e tão mansas que nem se assustavam com a presença dos homens, e algumas houve que na descida, quase pousaram sobre eles. Aquela indiferença muito admirou os matutos, que estavam acostumados a ver em tais pombas o tipo de caça espantadiça. Elas arrulhavam em derredor deles e no delírio que as alucinava numa excitação doentia, andavam numa lufa-lufa dos demônios, e por onde iam passando ia ficando o chão coalhado de ovos.

O trovão continuava a se ouvir, cavo, contínuo, longínquo,

Queiroz internou-se pela várzea com Belmonte e por toda parte via o mesmo espetáculo.

A demanda das rolas e a quase suspensão do instinto da conservação, atraíram ali carniceiros de todas as espécies e começou a matança. E o homem, de todos o maior carnívoro, o carnívoro consciente, tomou parte também naquele banquete de sangue.

Das tocas, dos esconderijos saíram em primeiro lugar os felinos representados ali pelos gatos maracajá e mourisco e estas pequenas feras caíram sobre a enorme legião de aves e grande foi a devastação.

A sua ferocidade não tinha limites, não matavam somente enquanto tinham fome; depois de fartos, de cheios de carne sangrenta matavam ainda porque matar era o instinto deles.

As raposas com seu faro apurado haviam sentido de longe o cheiro de carne e vieram ter ao pombal. E com que fereza comiam elas aqueles tenros corpos, fazendo de cada ave um bocado só!

De sáurios havia ali um grande número e muitas variedades. No tamanho e labor da epiderme, que era semelhante a uma renda de prata velando uma superfície negra e lustrosa, primava o tijuassú, que abria caminho no bando, chicoteando com sua valente cauda as aves, que caíam mortas, enquanto ele ia se fartando de ovos, que engolia com gula e pressa. As tujubinas, menos nocivas, com a pele sarapintada das cores do íris, num feio andar desengonçado, comiam do mesmo modo que os tijuassús, mas não ofendiam as rolas.

Os marsupiais tomavam parte também na matança.

Cassacos do tamanho de um gato e menores do que um preá, de variedades distintas, mas cada qual mais perversa, mais sanguinária, iam degolando com sua afiada dentuça de piranha, as rolas e bebendo-lhes o sangue até a derradeira gota.

Esgotado o corpo deixavam-no, e sangravam outra vítima.

As pombas, no delírio que as alucinava, nem pensavam em fugir e muito menos em se defender: se a natureza armou-as de um bico, que só pode beijar, cantar e dar de comer aos filhos!

Queiroz interessava-se vivamente pelo que testemunhavam seus olhos. Revoltado contra a fereza dos algozes e cheio de piedade pelas vítimas, armou-se de um varapau e pôs-se em defesa das aves. Alguns instantes de escaramuça convenceram-no que seus pés matavam mais do que as raposas e os gatos.

Em nenhum bicho havia batido o seu cajado. Certo de sua nulidade, cruzou os braços e limitou-se ao papel de simples espectador.

Belmonte ajudava também a devastar. Mais de cem pombas já havia estrangulado e reunido numa embiricica.

De diversos pontos da várzea vinham sons de voz humana, gritos e risadas: eram dezenas de sertanejos que tomavam parte na carnificina enchendo cargas de ovos e de aves.

Os bichos mais asquerosos e abjetos cevavam-se também naquele abundante repasto.

Os cururus e as gias saltavam como numa dança macabra e iam se fartando de ovos que engoliam inteiros.

As cobras estiravam as cabeças fora dos buracos e agarrando as rolas pelos pés, sumiam-se com elas para o fundo das tocas.

Do ar desciam os gaviões num voo de flecha disparada sobre a presa, que, uma vez espetada nas garras da ave de rapina, era levada estrebuchando de espaço afora.

A fértil imaginação de Queiroz não havia criado sequer o esboço do quadro que a realidade lhe apresentava. Aquela luta desesperada pela vida, a natureza multiplicando aquela espécie de um modo assombroso e os homens e os brutos procurando aniquilá-la, empenhados de veras em fazê-la desaparecer.

O dia chegava ao fim e a sede de sangue dos carniceiros não se mitigava.

O sol escondeu-se de todo no poente e a claridade baça do crepúsculo derramou-se pela terra em ondulações que faziam tristeza, que avivavam saudades. O esmorecimento da luz foi no exército das avoantes o sinal de retirada.

O trovão rouco que rolava havia muitas horas ribombou mais intenso e mais cavo. Milhões e milhões de asas se abriram num voo sereno e a nuvem enorme de aves se levantou da terra e foi escurecendo, fechando em noite densa os lugares onde chegava à sombra dela, até encontrar a floresta próxima, e baixando pousou na ramaria das árvores.

Tudo voltou ao silêncio depois que as últimas ondas daquele ruído se perderam além nas profundezas do espaço.

Os dois homens temendo que a noite se fechasse de todo antes de saírem da várzea voltaram ao lugar em que haviam deixado os cavalos.

Por toda a parte o chão coberto de ovos e penas ensanguentadas. Muito surpreendeu aos matutos a retirada das pombas; eles pensavam que elas ficassem ali chocando, como as outras aves, deitadas no ninho, alimentando a incubação com o calor do corpo.

Mas assim não era; os ovos seriam incubados pelo calor do sol. As pombas voltariam no dia seguinte às mesmas horas, para continuar a ninhada e as mesmas cenas de sangue, a mesma carnificina se perpetraria.

Finda a postura, voltariam as fêmeas a observar o sitio e saber se os filhos já eram nascidos. Ao sair do ovo o borracho não se acharia desamparado: ao lado dele estaria a ave mãe para alimentá-lo, mas não para defendê-lo, pois os pequeninos tinham matadores e a elas faltavam armas de defesa. Eram batráquios os mais encarniçados inimigos das aves novas.

Com que gula o asqueroso sapo comia o borracho ainda implume, e mole de gordo!

A avaliar pela destruição, a ninhada desapareceria e com ela a espécie. Mas era tal o número de embriões a germinar que, por mais que os destruíssem, ficavam milhares e milhares que escapavam aos inimigos sob uma folha ou misturadas aos seixos.

Passada a primeira infância das rolas, uma legião de milhões levantaria o voo ainda curto, e deixando aquele sítio iria seguindo os progenitores, como aves de arribação que eram, fazer pouso em outras matas.

Queiroz e Belmonte, parafusando em alguns mistérios das cenas, que acabavam de testemunhar, voltaram para as suas casas.

Rodolfo Teófilo.

A Farinhada

(excerto de um romance em preparação)

A farinhada do João Moco durava havia já duas semanas.

Os habitantes dos arredores tinham vindo ajudar o vizinho, mais por um sentimento de fraternidade do que por interesse.

O trabalho da desmancha era para eles uma festa e não uma labuta sem jornal. Apenas recebiam as refeições frugais, porém abundantes.

A casa de farinha era um espaçoso telheiro sustentado por valentes forquilhas de aroeira, baixo e sem ladrilho.

A casa e a fábrica representavam bem o atraso daquela importante indústria fabril, quase ao mesmo estado de adiantamento hoje.

O sol descambava para o ocaso e a sua descaída aumentava a azafama com que labutavam os fazedores de farinha. Não se via ninguém parado, tudo ali se mexia, e o burburinho que levantava aquela pequena vaga humana, ouvido de longe, parecia de uma caldeira a ferver. Olhando-se o ajuntamento tinha-se o espetáculo que oferece um grande realejo de bonecos a se moverem, a gesticularem, uma mimografia viva enfim, uma promiscuidade admirável de caras e gestos.

No centro de pavimento erguia-se uma tulha de raízes de mandioca, cuja grossura e comprimento atestavam a uberdade da terra. Rodeava aquela pilha escura uma dezena de mulheres; umas acoradas, outras sentadas, a maior parte delas cachimbando, e todas com quicés raspavam com celeridade as raízes arrancando a casca preta, que as vestia.

Um pouco adiante chiava o rodete num diapasão esquisito, movendo-se desesperadamente, tangido pelo volante, que recebia o impulso de uma roda puxada por dois vigorosos caboclos.

O caititu em seu movimento incessante de rotação, numa chiadeira de atordoar, devorava no seu ralo de folha de Flandres as mandiocas que a cevadeira encostava em suas amoladas saliências. Em um instante a raiz, por grossa que fosse, era reduzida a massa e caía informe dentro do coxo.

Em uma das extremidades do telheiro estirava-se uma prensa de vara, feita do âmago de um pau d'arco e com a caixa tão grande que aguentava massa para mais de cem litros de farinha.

O preneiro, um cabra escuro, fornido e musculoso, porém mal-encarado, fazia a prensa enchendo-a de mandioca ralada sobre um forro de palhas de carnaubeira.

O curiboca, logo que encheu de cogulo a prensa uniu as pontas das palhas e prendeu-as com o grosso chaprão. Só com o peso do madeiro a corcunda se acaçapou um pouco e a manipoeira esguichou por todas as aberturas do caixão. O cabra ajeitou o chaprão movendo-o para direita e para esquerda a fim de pô-lo mais ou menos a nível e depois montou no centro dele a extremidade de um toro, roliço, curto, da grossura de uma carnaubeira fina e meteu a outra extremidade debaixo da vara da prensa. Este pau, o briquete, teria de cair, porque a base em que se firmava ia se afundando; mas o preneiro, senhor do ofício, torce o fuzo; um afrouxo violento faz baixar a vara, e o briquete numa pressão de achatar enterra o chaprão de caixa a dentro espremendo a massa que se comprime, porque vai perdendo o suco que a embebia. Quando a manipoeira deixou de escorrer, o cabra dá algumas torcidelas no fuzo, que gane dentro da porca e desce o briquete, desce até que esbarra como se tivesse topado no caminho uma rocha dura e fixa.

O preneiro pensa que pode dar mais um arroxco e agarrado ao pau do fuzo entesa-se, põe em ação toda a musculatura, que incha e se salienta em camalhões desde os braços até as pernas. Mas embalde: o fuzo não gane e nem desce o briquete.

Impossível era aumentar a pressão. Dos bordos da caixa da prensa tecidos de palhas de trama miúda atufavam revirados beiços de massa quase seca.

Na outra extremidade do telheiro um forno redondo e baixo, com cerca de dois metros de diâmetro, com leito de tijolo vermelho, fumega aquecido por um fogo valente e cozinha a terceira fornada. Trepado em um batente o forneiro, um mestiço franzino e apalermado maneja com maestria o rodo, que não para, virando e revirando a farinha para que o calor se distribua com igualdade e não se aglutine a massa e nem tão pouco se queime.

Todo o ambiente da casa tresanda a farinha quente, um aroma especial e convidativo que se evola em abundantes ondas da superfície aquecida do forno.

Na vizinhança da prensa uma cabocla de braços grossos e nus peneira massa em uma urupemba de taquara de crivo graúdo.

Grande era a labuta a mover tão grosseiros e pesados maquinismos!

Pelo esforço dos puxadores da roda, ofegantes, esbaforidos, com a pele num banho de suor, avaliava-se da imperfeição das máquinas. Assim mesmo, a suprir com a força muscular a engrenagem, eles estavam contentes, não esmoreciam! A gargalhada gostosa e franca fazia coro de quando em vez com a chiadeira do rodete ou com o gemido do fuzo.

Gracejos com chiste diziam as raspadeiras a propósito das histórias de caiporas ou de lobisomens, que contava o forneiro, acompanhando as suas lendas com o som áspero do rodo. Era um convívio alegre e fraternal aquele. Se entre eles havia malquerenças disfarçavam-nas tão bem que não se lhes descobria nos rostos uma ponta de constrangimento.

- Olhem quem vem na encruzilhada!... Gritou o forneiro.

Todos os olhos se ergueram e se fitaram no caminho. Era Joaquim de Queiroz, que montado em seu cavalo preto vinha em rumo do telheiro. Todos se mostravam satisfeitos com aquela aparição, dando assim uma prova do apreço em que tinham o poeta popular.

Queiroz apeando-se sob beiral da casa, amarrou o cavalo a um mourão e saudou a todos:

- Muito boas tardes, meus amigos e minhas donas. Pensavam que eu também não vinha fazer o meu beiju e jogar uns capotes com a tia Rozalina?! Pois se enganaram. Aqui estou, embora faltasse hoje a um campo e de rés que me disseram ter bicheira.

Ao recém-vindo não faltaram cortesias nem palavras amistosas. Todos lhe deram as boas-vindas, até mesmo o preneiro, que era o Banda-Forra, cabra de poucas conversas.

O dono da farinhada chegou-se a Queiroz e apertou-lhe a mão de encontro ao coração, como prova de subida estima. Como era surdo, não ouviu as saudações do poeta e falou:

- Estava fazendo falta na desmancha. Por Deus que não foi por doente.

- E quase não venho hoje! respondeu Queiroz, quase gritando.

- Mas por mode quê?

- Tinha campo a rés de bicheira.

- Isso não é nada, daqui mesmo cura-se. Diga-me o lugar onde é pasteira e vá folgar com os outros.

- Ora, seu João, em sua idade acreditar nisso!...

- O menino é de ontem e eu tenho visto o cajueiro florar mais de sessenta vezes. Para que bandas come a rés? Diga-me e não se importe com o resto.

- Para lhe fazer a vontade, na lagoa do Junco.

João Moco saiu ao terreiro, olhou para o lado do sul e assim esteve alguns minutos com o olhar fito no horizonte a mexer com os beiços, a rezar talvez, e depois entrando disse:

- Está curada; antes de anoitecer nem tapurú e nem varejeira terá a ferida.

- Se fosse no rasto ainda, ainda, pois já vi uma cura que me fez dar voltas ao miolo, mas assim!... disse Queiroz.

- Aposto o meu cavalo de sela, Joaquinzinho.

- Não precisa apostar; amanhã eu tirarei isso a limpo.

- E me dirá.

- Com certeza.

- Olá, seu Joaquinzinho, estou à sua espera, disse a tia Rozalina.

- Está com pressa de se lavar em cascas, pois lá vou.

E Queiroz tirando a vestia e o guarda-peito dependurou-os na vara da prensa e se acocorou ao lado da cabocla que o tinha desafiado. Arregaçou depois as mangas da grossa camisa de algodão e os seus braços cor de jambo velados por um pelo negro e curto se mostraram em toda a pujança de força muscular e de saúde.

A partida dos capotes começou. Rozalina foi quem saiu primeiro, raspando uma bem criada raiz da cabeça até o meio do corpo. Descascada a metade, atirou-a ao contrário, que apanhou-a quase nos ares e o seu quicé continuou o descascamento num ruído seco de raspadura apressada. Quando o ferro tirou o derradeiro pedaço de casca, já Rozalina sacudia outra mandioca despelada como a primeira para Queiroz, que recebeu-a e acabou de descascá-la.

Mais de uma hora levaram nesta porfia sem ganhar e sem perder, sem terem o gosto de atirar um no outro uma chuva de cascas.

João Moco aplaudia a peleja porque lhe aumentava a tulha do rodete.

- Seu moço Joaquinzinho, se vossuncê pudesse dar um pulo até cá para me dar um adjutório seu negro lhe agradecia, disse Banda-Forra.

- Espere que já vou lá.

E Queiroz concluindo a raspadura de uma raiz atirou por chalaça um punhado de cascas sobre Rozalina dizendo-lhe - tome capote, minha tia; e saiu para junto da prensa.

- Deu a venta, cabra velho? perguntou Queiroz.

- Não, seu moço, estou um pouco amolestado. O braço que a jararaca mordeu desde manhã que pinica no lugar da cisura adivinhando chuva ou lua, e agora está tão esmorecido que eu não posso nem com o brique!

- Eu fico em seu lugar.

- Mas vossuncê não vai hoje ao terço na Varjota?

- Não, daqui direitinho para casa, que tenho campo amanhã bem cedo. Pode ir se afomentar que eu dou conta do resto.

E Queiroz tomou conta da prensa sem prejuízo de serviço.

Banda-Forra logo que foi rendido apresentou a João Moco as suas desculpas e retirou-se.

- Viva o preneiro! Agora a massa enxuga em dois tempos, gritou o forneiro.
- Enquanto o fuzo aperta a goela pode cantar, disse Rozalina.
- A obra de Carlos Magno! disse uma das raspadeiras.

O poeta não se fez rogar muito e cantou:

Raspa, raspa mais ligeira
 Caboclinha do sertão.
 O preneiro está parado,
 O puxador esbarrado,
 Não gosta disso o patrão.

•••

Peneira massa, peneira

Que o forno está de queimar;

Passa mão com mais sustança.

Não tenhas medo, Esperança.
 Da mão fina calejar

•••

Puxe a roda Zé Vicente

Que a cevadeira dormiu.

Tire a vista da peneira,

Que no peito da Vieira

Já o bicho se buliu.

- Viva o cantador, gritaram em coro as raspadeiras.
- Agora a obra de Carlos Magno, disse o forneiro.
- Não a tenho bem de memória; o que faltar eu vou botando aqui do caco, disse Queiroz.

Quebrar ferro e romper brenhas

Não acho ser valentia:

Valente é meu coração

Em te amar linda Maria

•••

Passarei o mar a nado

Montado nos tubarões.
Quebrarei duras correntes,
Partirei mesmo grilhões.
Farei por terra prisões
Pra que a meus braços tu venhas
Ainda que tu não me tenhas
Um amor firme e perfeito,
Eu juro por teu respeito
Quebrar ferro e romper brenhas.

...

Subirei como ave aos ares
Dentro do céu entrarei;
De lá irei aos infernos,
Com Belzebuth brigarei.
Cairei de lá nos mares
Irei dentro da Turquia
Com valor e bizzarria
Porei nela o meu escudo,
Ainda fazendo isso tudo.
Não acho ser valentia.
Nem Golias, o gigante,
Ferrabraz de Alexandria,
Com seus soldados de guerra
Terão mais força e valia.
Eu digo de instante a instante
Só teimo pela razão.
Carlos Magno mais Roldão
Oliveira e sua gente
Nenhum deles é valente,
Valente é o meu coração

...

A terra farei tremer,
O que alto foi se abaixar,
O sol mesmo escurecer

Nem a lua alumiar.
 Mas eu podia fazer,
 A noite virar em dia,
 Mas a tua primazia
 Os meus talentos oculta,
 Meu coração teve a culpa
 De te amar linda Maria

- Viva o cantador de fama! gritaram todos da farinhada.

A labuta continuou em crescente animação, ouvindo-se sempre as cantigas do poeta até o sol se esconder. Quando as últimas raios do dia desmaiaram de todo, começou o serão.

A farinhada tomava uma fase nova; não gemia o fuzo e nem chiava o rodete.

Todos, homens e mulheres, cercaram o forno e com cuias cheias de massam iam aproveitar o calor no fazimento de beijus.

Em breve o quente ladrilho ficou quase coberto de grossas obreias do tamanho de um chapéu, que a quentura ia cozendo e aglutinando ao mesmo tempo.

Queiroz animava com seus ditos chistosos o ajuntamento,

As nove horas da noite dissolveu-se o convívio e voltaram as suas casas felizes e contentes, prometendo ao João Moco amanhecerem na farinhada.

Queiroz tomou o guarda-peito e o gibão, pôs o grande chapéu de couro e montando-se no seu cavalo preto, partiu a chôto largo.

Rodolfo Teófilo.

Luta pela vida

(excerto de um romance em preparação)

A cunhada de Purificação, a senhora Vicência da Glória, era uma quarentona bem conservada, cor de cobre, corpo ossudo e magro, feições feias, finalmente uma tapuia de cara de poucos amigos, na qual os olhos pequenos e oblíquos brilhavam acesos como dois ônix negros, tendo de permeio um nariz em forma de bico de gavião.

Não se via no rosto de Vicência um traço sequer da raça de seu progenitor; um antropologista a tomaria por um exemplar de índio. Só o nariz é que fazia de algum modo

suspeitar a mistura do branco, isso no cavalete agudo, que depois de se salientar um pouco, se esparrava em um par de ventas, chatas como a dos macacos.

A natureza tem seus caprichos e mistérios. A semente da vida, esse argueiro tão pequeno, que olhos nus não o enxergam, é a mais estupenda maravilha da criação. E neste átomo vivo vão não só as qualidades físicas dos pais, como também as suas qualidades psíquicas.

O louro grão de pólen em sua microscópica individualidade leva ao ser que vai gerar os matizes, os perfumes e até o veneno as vezes mortífero e sutil da flor de que nasceu.

Em Vicência da Glória observava-se um destes caprichos da natureza, ela tinha o corpo da índia, sua mãe e a alma do português seu pai. Já não era assim a finada mulher de José Maria, a qual tinha as formas e feições semelhantes aos seus ascendentes paternos, o retrato fiel de uma de suas avós - uma confirmação de fatal lei do atavismo. Quanto a sua psicologia, a mesma de seus ascendentes maternos, modificada um pouco pela civilização.

Vicência da Glória morava com o cunhado desde o casamento de sua irmã.

José Maria, poucos meses depois de viúvo, entendeu ser acertado alvitre casar-se com a irmã da finada, não por estar ela já em casa, como para aumentar os seus próprios bens, com mais algumas dúzias de vacas e escravos.

O português com sua costumada bruteza dirigiu a cunhada um galanteio atrevido, que a sertaneja revoltada repeliu na altura da altivez de seu gênio.

Purificação não descorçoou e voltou à carga.

A reincidência, entretanto, custou-lhe caro, e em vez de algumas palavras ásperas de censura, recebeu ele duas valentes bofetadas, quando a furto tentou beijar as faces morenas da cunhada. Este incidente pôs termo aos galanteios.

José Maria não se atreveu a continuar a conquista, temeroso da faca que Vicência trazia consigo. Era impossível bloquear aquele porto. Um seu patrício estranhou que ele já não se tivesse casado e disse-lhe que as más línguas falavam até de mancebia!... Então Purificação sossegou-o dizendo-lhe convencido que a cunhada só era mulher porque vestia saia.

Vicência da Glória andou alguns meses estomagada com José Maria, mas como este não prosseguisse em seus intentos, continuou ela a cuidar da casa e dos sobrinhos e mesmo a tratá-lo como dantes, com bastante indiferença.

Vicência era uma mulher ativa, petulante e má. Estava quase velha, e como a mocidade não lhe trouxera arroubos na velhice não lhe esperavam desilusões.

Os encantos da natureza dos trópicos no seio da qual nascera e brincara nunca os sentira aquele espírito túbio. O entretenimento predileto de sua alma era a maldade dos seus folguedos.

Aos implumes passarinhos furava os olhos quando encontrava um ninho. Menina estouvada e perversa corria de várzea a fora perseguindo o inseto cujo colorido mais a impressionava e apanhando-o atirava-o mutilado ao chão para sentir o gozo de vê-lo arrastar-se privado das asas com que volitava pelos ares. Nunca o arrulho da Juriti, gemido mavioso, que se ouve na solidão dos bosques, terno como um soluço nostálgico, despertou em sua alma um instante de recolhimento.

Aos beija-flores que se osculavam adejando sobre as corolas multicolores dos manacás e das outras flores silvestres apedrejava porque não podia apanhá-los e estrangular. Era sanguinária por índole.

Quando os gaviões perseguindo as rolas as alcançavam e prendiam-nas com suas garras aceradas, aplaudia com palmas aquele ato, que era um deleite para ela, porque era um espetáculo sanguinolento e cruel.

Uma destas cenas tanto a deleitou na infância que a guardou na memória até ser velha. Brincava ela na várzea um dia pela manhã quando ouviu agudos trilados, que saíam da ramaria de um pau-branco em flor. Ao mesmo tempo chegava-lhe ao ouvido o som de um rufar apressado de asas, acompanhado de trinados ainda mais altos e mais intensos.

Vicência atentava o maciço que cercava a árvore, quando rompendo este, saíram num voejar adoudado um vigoroso casal de lindos sanhaços.

As aves pipilavam em estranho tom e adejavam sobre a copa da árvore, investindo de quando em vez para a ramaria, recuando depois numa algazarra de agudos e medrosos pios.

Ao mesmo tempo abria-se a folhagem em diversas alturas e fazendo-se um claro maior no cimo do maciço apareceu naquela janela em plena luz do sol a asquerosa cabeça de uma cobra.

O corpo da serpente foi se enrolando em espiral, em uma rodilha negra sarapintada de amarelo. Um instante esteve ela enroscada e se desenovelando apresentou às medrosas aves, que continuavam alarmadas a sua figura inteira. Quase dois metros da cabeça a ponta da cauda tinham a cobra. A pele era negra e lustrosa, como envernizada, e apresentava no dorso o mais delicado lavor, amarelo como gema de ovo; era como um cilindro de carvão velado por fina renda de ouro dos mais custosos desenhos.

Vicência da Glória deleitando-se com a aflição das aves nem se lembrava de enxotar a caninana.

Divertia-se com o sofrimento dos sanhaços, quando seus olhos se fitaram inteiros na serpente; todo o seu ser se concentrou na observação de um fato, que a atraía toda, e no bico

dos pés, com os lábios abertos num meio sorriso, acompanhava a evolução do animal, que subiu até pôr ao alcance de seu bote um ninho que se pendurava de um ramo próximo.

Três pequerruchos ainda implumes se aqueciam num leito, tecido de malva e grama e eram alimentados das larvas, que os pais caçavam e traziam a cada instante.

A cobra achegou-se no ninho, e a vista da preza, e a imagem das vítimas entrando por seus olhos vidrados e nus, roeram-na de gula e a sua língua bífida se estirou fora da boca molhando-lhe o focinho de peçonhenta baba.

Os pequenos tomaram o hálito da serpente, que lhe saia das ventas em finos assobios, pelo cantar mavioso dos pais, a repartir com eles igualmente o incesto que traziam. Ainda sem o instinto da conservação, que se desenvolveria mais tarde e viria guiá-los na vida, abriram todos três os biquinhos num chilrear terno de infante, e quando esperavam cair-lhes nas boquinhas rosadas, tenra posta de nutrida larva, recebem uma chuva de baba, que a cobra cortada de gula atira sobre eles para engoli-los melhor.

Nem mais um instante de tréguas o réptil dá as vítimas.

As aves tendo uma noção clara, nítida do perigo iminente em que se acha a prole, gritam espavoridas, alucinadas, e uma delas no auge daquela grande angústia de um ímpeto cai como uma flexa sobre a cobra e dá-lhe uma valente bicada na cabeça.

A serpente assanha-se; era mais o insulto do que a ofensa física: um bico feito para cantara o nascer e pôr do sol na natureza tropical, não podia de leve ofender-lhe a couraça de escamas miúdas e rijas.

Assanhada a cobra ergue a cabeça em mais de dois palmos de corpo e assim de bote armado espera outra investidura das aves, como se as forças, as energias daqueles canoros entes, não tivessem sido consumidas no primeiro e último ataque ao monstro que ia comer-lhe os filhos.

Os sanhaços adejavam a distância, e a caninana depois, de olhá-los por alguns segundos encolheu-se e chegando à beira do ninho, fez um movimento com a cabeça.

De repente desconjuntaram-se-lhe os queixos e caírem um para lado e outro para o outro: a língua como um molambo e em forma de forquilha arrastava-se dentro de uma das mandíbulas. Dois fios de baba escorriam das glândulas do fundo da boca e iam molhando os passarinhos, cobertos ainda de leve penugem, que se empastava embebendo-se em tão viscoso líquido. Os pequerruchos chilravam abrindo os biquinhos vermelhos.

Uma vez bem lubrificadas a cobra encostou a desconjuntada armação de queixos nas ancas de um deles e executando uma série de movimentos rápidos, empurrou o corpo do passarinho de goela abaixo com incrível ligeireza.

O desespero dos pais havia chegado ao delírio. Não trinavam, gemiam. Não adejavam mais, rolavam pelo chão! Antes de chegarem àquele derradeiro período da aflição, a ave mãe, como se a razão e o entendimento pertencessem a todos os seres na hora das angustias supremas, e com especialidade as mães, voou ao lado de Vicência da Glória, quase posou-lhe ao ombro, e soltou um trinado tão mavioso, que resumia em suas poucas notas a mais fervorosa súplica.

A menina que muito contente assistia àquela dolorosa cena da luta pela vida, enxotou a ave de um modo brusco e continuou a saborear o gozo daquele espetáculo até que pela garganta da cobra desceu o derradeiro passarinho.

Rodolfo Teófilo.

O boi Estrela

(excerto de um romance em preparação)

Tão embebidos iam os amigos na conversação que chegaram à raiz do - Serrote da Onça-, sem se aperceberem disso. O grito metálico de uma araponga, vibrado no espaço do cimo da mais crescida árvore e repetido pelo eco de covoadas em covoadas; aquele som estrídulo de ferro batido de malho em bigorna veio lembrar aos vaqueiros o Serrote e por consequência o Estrela.

Era quase meio dia e o sol descendo verticalmente sobre a terra numa reverberação de cegar, batia nas superfícies das rochas e das árvores e nelas se entranhava o calor e os raios luminosos e refrangiam no ar.

Os vaqueiros subiram a ladeira sem grande tropel. A menos de meia légua ficava o Olho d'agua dos Macacos, bebedouro do Estrela. Quanto mais se aproximavam da aguada mais moderada a andadura dos cavalos. Quase não se ouvia pisar os animais.

O boi havia deixado a malhada, a cama feita no saibro pelo seu corpanzil de duzentos quilogramas a sombra de um folhudo pau d'arco e veio ao bebedouro. Era um bonito exemplar bovino. Tinha o pelo negro como carvão e lustroso como se estivesse coberto de verniz.

Duas malhas brancas, simétricas, em forma de asa de juriti enfeitavam-lhe as ancas.

A cabeça, armada de um par de cornos bem talhados e terminados em pontas agudíssimas tinha no meio da testa uma mancha alva em forma de coração.

Era soberba a carnação daquele animal. Avaliava-se a rijeza e a força da musculatura pela vibração da terra quando era pisada pelas patas do boi. O chão estremecia com o seu andar; e o ar se revolucionava, como se nas altas regiões da atmosfera uma massa aérea se tivesse deslocado, quando uma expiração plena saía do peito da rés! O arquejo passava como remoinho

levantando as folhas secas que caídas estavam por perto e ia atufá-las no tronco das árvores próximas.

O boi era mal encarado; tinha os olhos vivos e pretos e sem a expressão melancólica de sua espécie.

Era mau, bastava vê-lo para certo se ficar disso.

O bebedeiro ficava no fundo de uma gruta e era acessível por duas ladeiras opostas uma à outra.

O Estrella desceu pela rampa do norte e precisamente quando ia pôr a boca n'água assomaram os vaqueiros no cimo da ladeira do sul.

O boi ergueu a cabeça e deu tão grande sopro que água espanadou em chuva numa grande área; vendo os vaqueiros com incrível agilidade voltou-se e galgou a rampa pela qual havia descido.

Mal os olhos de Queiroz e de Belmonte divulgaram na aguada o vulto negro do boi zuniu no ar o tropel dos cavalos que corriam a toda brida descendo a ladeira, cuja ingrididade favorecia a descida, mas impedia de darem a carreira de velocidade que desejavam.

Os cavalos acostumados àquele serviço mal avistaram a rés dispararam, sem precisar que as rédeas os avisassem ou que as esporas do cavaleiro lhes tocassem as ilhargas. Em um instante desceram e subiram as rampas, e quando o Estrella entrou em terreno plano e em franca catinga entraram com ele os vaqueiros.

A carreira era douda, vertiginosa de mata a dentro. O vento zunia num assobio fino e único nos ouvidos dos homens e dos brutos, e a floresta se sumia num pastel esverdeado aos olhos deles, a seguirem na batida do boi, que abria caminho com as pontas e o corpo no cerrado matagal.

Os espinhos dos urzais, composto em sua maioria de unha de gato, retalhavam a pele dos animais, que nem os sentiam se lhes enterrarem nas carnes: o mesmo não acontecia aos homens porque as vestes de couro protegiam-lhes o corpo das arranhaduras daquelas aceradas garras.

Nos primeiros momentos que se seguiram ao encontro ninguém soube se o “Estrella” ganharia a partida ou se os vaqueiros. A balança esteve a pender para o lado do boi, mas o “Pensamento” passando o “Curisco” corria na trazeira do bicho, pega não pega.

Uma bulha infernal, uma estalajadura incessante de paus que se quebram, misturada ao som cavo do tropel das bestas a correr desenfreadamente era o que se ouvia na solidão da mata naquele pedaço de terra.

O cavalo de Queiroz encontrou o boi quando este topando com os peitos uma monta tecida de cipós de escada, não pode rompê-la com a presteza que requeria a ocasião.

O vaqueiro nem soube do incidente, e enrolando na mão a cauda da rés quando esta erguia os quartos na carreira em que ia, solevantou-a um pouco para um dos lados, desequilibrando-a, e ela despejou-se no chão. A força, o movimento que a animava fê-la se enrolar na terra em repetidas cambalhotas.

Queiroz saltou do cavalo e sujeitando a rés pelas pontas, gritou a Belmonte que vinha chegando:

- Rejeite o boi!...

O matuto pulou do cavalo e desamarrou do rabicho do ginete cordas de couro cru e uma máscara também de couro.

Depois achegou-se a cabeça da rés e assentou-lhe na cara a máscara, que era um quadrilongo de cerca de trinta centímetros de comprimento com bastante largura para tapar os olhos de um boi.

A venda ficou bem justa desde a raiz dos chifres até as aberturas das ventas pelas presilhas, que a sustinham amarradas sobre a saliência das queixadas.

A rés não se mexia; parecia morta. O atordoamento da queda, a comoção vibrada em todo o seu sistema de nervos pelo choque, que recebeu seu corpo desacordaram o bicho o tempo necessário aos vaqueiros para o manietarem à vontade. Mascarado que foi ele, Belmonte meteu-lhe os cornos dentro de um laço, que apertou sobre o cabelo louro e feito de uma valente corda de couro cru, cuja ponta amarrou a uma grossa arseira, que ficava próxima.

O boi continuava a não dar acordo de si.

Queiroz quase duvidando da vida dele soltou-lhe as pontas e deu-lhe na pausa um formidável pontapé, que acompanhou de um grito estridente.

O bicho acordou e levantou-se ligeiro como uma onça. A primeira sensação que teve foi a da venda, que não o deixava enxergar senão dos lados. Desesperado, cabeceou repetidas vezes para sacudir fora a máscara; mas baldado eram os seus reforços: a peça permanecia colada a cara.

Desembestou, então, supondo-se solto, mas poucos foram os passos, a corda acabou-se de supetão e a parada súbita deu em resultado a mais formidável cambalhota.

O bicho ergueu-se ainda mais danado e vendo-se preso deu um urro medonho que atroou montes e vales. Saltava, remetia, cabeceava, escabujava punha em jogo todos os seus meios de ação para se livrar da máscara, para quebrar a corda; mas embalde, não caía a venda, nem um filete da trança partia-se e muito menos se aluía o mourão.

Queiroz e Belmonte fora do alcance do boi, que jogava a cabra-cega, assistiam àquele espetáculo e bem diferente era o que sentiam. Joaquim olhava com grande piedade para o bicho, aplaudia a luta que ele sustentava pela liberdade, a revolta que o enfurecia, e sentia em si uma ponta de remorso por ter atraído a réis aproveitando-se da suspensão dos sentidos dela para manietá-la. Já o companheiro não pensava assim. Pelo rosto dele via-se o gozo que lhe ia pela alma quando o boi em suas loucas investidas marrava as árvores ou as pedras.

Queiroz comovido com os sofrimentos da réis propôs a Belmonte soltá-la e levá-la em liberdade.

O matuto opôs-se dizendo-lhe que padecia ela, porém menos do que sofreu ele quando semanas e semanas campeou de catinga adentro, arranhado e com fome. E quando a encontrava, ela corria, mas em companhia do diabo. Não concordou na soltura e só não rejeitou o boi quando Joaquim mandou por haver perdido a faca na carreira; mas esperava que ele cansasse de todo para pôr-lhe surrupeia e então levá-lo ao curral.

A luta da réis não podia ser intermínua, como também a força de seus músculos; cansou como vivente que era.

Agora ofegante, com a língua pendida um palmo fora da boca, mal podia arquejar tanta era a fadiga que a esmorecia inteira.

Belmonte se achegou a ela, pôs-lhe a mão no lombo; e nem os nervos tiveram uma descarga, um arrepio ao contacto da mão do vaqueiro, tal era o cansaço daquele corpo.

Queiroz compadecido olhava o “Estrella”, enquanto o companheiro preparava a comprida peia de um relho grosso e forte. Ligadas as extremidades da fita de couro por um nó fixo, Belmonte deu ao relho a forma de um oito, metendo em uma das cabeças uma das pernas do boi até acima da curva e na outra a mão do lado correspondente acima do joelho. Feito isso passou uma cilha que abarcou a barriga do animal por baixo da surrupeia e fechou-se depois em um nó no meio do espinhaço. Aquela presilha era para impedir que a peia descesse aos machinhos e saísse com o andar do boi.

O “Estrella” continuava enfezado, mas não se mexia. Os olhos pretos faiscavam numa esclerótica de sangue.

- Vou humanizar este bruto, disse Queiroz a Belmonte.
- A ferrão?
- A música.
- Tem lembranças! E onde está a viola?
- Cá dentro do peito, disse Queiroz, batendo em seu largo tórax.

- Tire as cordas e a máscara do boi e cante que nem sereia e verá se ele desembesta para catinga ou se vai caminho do curral!

- Estava capaz de soltá-lo para depois prendê-lo com a minha toada.

- E bom não experimentar, embora batido ele fará uma letra, pois não duvida que ele tenha pauta com o diabo.

- E crê nessas bruxarias?

- E quem ainda duvida que haja cousa-feita, Joaquim?!

- Eu, e tanto duvido que dou licença que me botem feitiço.

- Parece que não ouviu contar o caso que sucedeu o ano passado com o José da Picada na farinhada do João Moco.

- Aquela mentira?!

- Mentira o que, Joaquim, um caso sucedido que eu não vi, mas que muita gente viu e foi notório em toda esta ribeira. A chica Piaba, uma velha de respeito, apanhou do chão os mocotós do cachorro, que o apalermado comeu a noite quando corria o fado e lançou inteirinhos nos pés dela e a vista de todos.

- Então o José da Picada virou lobisomem e comeu um cachorro e lançou depois os mocotós do bicho?!

- Como sem dúvida!

- É muito criança ainda, Belmonte!

- Mas só creio no que está provado.

- Provado o que rapaz!

- Provado sim, pois foi conhecido pelos mocotós o cachorro, que era do Francisco Ribeiro, e nunca mais apareceu dito cachorro.

- Belmonte, conversa comprida faz quem quer, o dia está se acabando e a casa é longe. Desata o boi, que já descansou, para dar conta da viagem que eu vou embebedá-lo de música, mas de uma música que o fará chorar se ele tiver alma e lágrimas nos olhos.

E Queiroz pondo-se na frente do boi dedilhou nas cordas de seu laringe a toada melancólica dos boiadeiros.

Um crepúsculo cor de papoula, antes da luz viva do sol ter ondulado em suas pétalas aveludadas, encheu o espaço e depois veio caindo sobre a terra e a envolvendo em seu manto sutil e vaporoso. Grande era a melancólica desses instantes nesse pedaço de floresta virgem! As aves se calaram e se recolheram aos poisos na ramaria dos arvoredos. A claridade cada vez desmaiava mais e os contornos das montanhas ao longe e o perfil da mata próxima iam se pouco e pouco diluindo naquela penumbra, que mais tarde seria treva, seria noite.

Grave é o silêncio nos ermos e grande esta terra até nos seus momentos de tristeza! Apenas cantavam os regatos e ouvia-se a toada nostálgica de Queiroz.

Música não há que melhor exprima a saudade em todas as suas fases do que as notas que o matuto tirava do rude peito, mas de uma harmonia tão doce, que alma se deixava enervar pelo misterioso fluido, que gerava a melancólica melodia.

O “Estrella” humanizado marchava no compasso medido pela surrupeia acompanhado de Queiroz!

A fadiga e depois a música saudosa da toada moderaram nele de todo a cólera e o boi deixava a sua alma de bruto se embeber toda naqueles saudosos acordes.

Belmonte acompanhava a rés e chorava. Aqueles tristes sons ondulando no espaço vestido de sombras avivaram-lhe no espírito uma funda saudade de seu contrariado amor.

As lágrimas empanavam-lhe os olhos banhando uma imagem de mulher que se lhe desenhava nas retinas.

E assim foram até a fazenda.

Rodolfo Teófilo.

Transpondo a serra

A Misael Montesuma

Seis da tarde. A lua, ainda anulada pelos vivos clarões crepusculares, prendia-se à cúpula do céu como uma placa de níquel.

Insensivelmente subíamos. Para traz o sertão cavava-se, listrado de refrações solares e zebreado da sombra que espreitava a câmara ardente do sol escondida por traz das eminências.

Refrescava a temperatura. Acidentava-se o solo. Vegetação mais virente e mais alta emoldurava o risco estreito e fundo do caminho.

Destacavam-se no sombrio embastido da mata os grandes claros dos roçados que se enroscavam pelas encostas abaixo, com suas linhas simétricas de milharais a agitar tremulamente as *aigrettes* de ouro.

Casinhas de folhas de palmeira apareciam imprevisivelmente ao fundo de túneis de verdura, esfumadas na penumbra crescente.

Já se debuxava na areia o contorno das frondes batidas no alto pela luz da lua.

Imponentes e graves, arvoredos gigantes elevavam-se sobre nós com suas grandes naves sombrias num silêncio religioso do templo vazio.

E subíamos sempre.

No charco começava o réquiem dos sapos.

Afagava-nos o olfato a emanação capitosa dos nenufares.

Cachoeiras trepidavam por entre os balseirões floridos donde se escapavam pios assustados e ruflos d'asas medrosas.

Aqui o caminho se encorcovava bruscamente, ali se deprimia de súbito, lembrando a sinuosidade vertical de uma serpente em marcha.

E os cavalos afeitos àquelas paragens, retesavam os músculos e tateavam cautelosamente o solo inundado de treva e de longe em longe alfinetado por uma fresta de luar.

Vozes, tropel, risadas... Era um comboio que vinha de encontro a nós, a bimbalar chocalhos, com um ranger de relhos e um ruído de seixos entrechocados.

- Boa noite! - Boa noite! E abrindo espaço por entre as cargas do comboio, prosseguíamos a viagem serra acima cheios de cismas nostálgicas, acariciados pelas brisas serranas, balsâmicas e frescas.

Do pendor de uma encosta abrupta, descortinava-se a extensão percorrida, - um mar de folhagens, terrivelmente encapelado com altíssimos vergalhões golpeados de luar e fundos abismos cheios de trevas e de soluços d'águas correntes.

Num trecho de caminho abobadado de ramos, um vulto humano surgiu a cantar e praguejar... Sentimos um calafrio...

- 'Stou bebo como o diabo! berrou-nos o duende e passou por entre nós a cambalear, a tropeçar em tudo, saudando-nos com grandes mesuras e nos recomendando que tomássemos cuidado com os cavalos, que as ladeiras estavam levadas do diabo, que havia atoleiros, etc., etc.

O bom do homem, que tanto precisava de conselhos, continuou a aconselhar-nos até não ser mais ouvido.

Estava o luar em todo o seu esplendor azulino quando chegamos ao espinhaço da serra, que tinha a forma aguçada de um gume.

Toca a descer. Os cavalos firmando-se nas patas traseiras estiravam o pescoço a sondar o terreno às vezes indistinto para os olhos dos cavaleiros.

Adiante, latidos de cães, aromas de café, sons de viola... e uma vivenda nos aparecia, encravada num platô descampado. À porta, um grupo palestrava, enquanto, sentado ao batente, um caboclo tangia a viola, modulando um desses chorados langorosos, sugestivos de vagas voluptuosidades...

A friagem tornava-se mais sensível. As plantas rasteiras reluziam de orvalhos.

De um cotovelo do caminho avistamos lá embaixo a planície como velada por fina gaze brancacenta, esbatida para além num poeiramento sutil a confundir-se imperceptivelmente com a fimbria do horizonte vago e longínquo.

Através dos crivos da folhagem o luar desenhava uma renda alvíssima que se estendia sobre o veludo negro da sombra, numa profusão caprichosa de arabescos gentis e complicados.

Dentro em pouco, as luzes da cidade cintilavam ao longe, como pequenos olhos fulvos de fera pestanejando a miúdo...

Antônio Sales.

No trem

Evacuou-se de pronto o salão de espera.

Ao entrar no carro, quase nada distingui a princípio.

- Olha um lugar aqui! bradou-me uma voz amiga.

Sentei-me.

Fora, ao longo do passeio de asfalto, a multidão fervilhava sussurrante, indo e vindo azafamada. Havia, porém, grupos quedos diante de portinholas, senhoras que vieram acompanhar amigas e que aproveitavam os últimos momentos explorando ainda os inesgotáveis assumptos das confabulações femininas.

O chiado largo e perene da máquina, deixando escapar as demasias da pressão, servia de fundo sonoro as notas agudas que se erusavam no ar.

Retiniu forte a sineta, entraram novos passageiros, a máquina ensaiou um guineão. Um longo estremeção percorreu o trem de um extremo ao outro. Sob meus pés rangiam rispidamente correntes que se distendiam.

Novo retinam da sineta, um grande berro da máquina, e o trem começou a se arrastar sob a grande nave da gare ainda um tanto sombria aquela hora matinal.

O meu carro transpôs a arcada do portão, e a luz envolveu-o de súbito, brechando-o vivamente por todas as abertas.

O vizinho de defronte desdobrou seu jornal, o do lado enfiou a cabeça pela portinhola, e eu pus-me a contemplar os companheiros de carro.

Tudo gente velha ou feia, a exceção de uma criança muito rósea e loura, a reçumar saúde dentre as roupinhas brancas enfeitadas de rendas finas e fitas de azul claro, e uma moçoila

morena, de olhos rasgados e pestanudos, coifada de um chapéu de plumas crespas, na elegância barata de seu gracioso vestido de caça creme salpicada de róseo.

Da plataforma, olhando para dentro, um rapaz tentava de balde fisgar-lhe o olhar que doidejava por tudo sem fitar coisa alguma.

Um velho de cara morena e rapada, tossia forte a passagem do ar matinal pela sua mucosa de asmático.

Palestrava-se de banco a banco. Um fazendeiro dissertava sobre a safra do café. Uma velha contava os incidentes da moléstia de uma filha.

E o trem rolava velozmente agora com uma forte trepidação de eixos gastos e o tá-tá-tá característico da subida das rampas.

Estava-se em pleno campo. Tabuleiros de areia branca, povoados pobremente de moutas rasteiras, zonas de barro vermelho e quase estéril, capoeiras de sabias e marmeleiros virentes, grandes baixas de capim luxuriantes, tudo nos passava ao lado no movimento ilusório que lhe emprestava a marcha do trem.

Um longo silvo, atritos de ferros, casinhas a surgirem aqui e ali.

O comboio, diminuindo gradualmente de velocidade, parou afinal.

Risonho e luminoso aquele lugarejo na sua paz e frescura matinal. A entrada do trem com seu cortejo de estrépitos brutais, tinha alguma coisa de insólita... Vozes claras de meninos apregoavam leite, café, tapiocas... Trocavam-se saudações... Apeavam-se passageiros a carregar embrulhos, cestas e maletas...

Recomeçou-se a marcha. Ficara ali a moça morena. E o rapaz da plataforma veio sentar-se silencioso

e triste no lugar que ela ocupara, puxando dali a pouco da carteira.

Empunhando o lápis escreveu qualquer coisa, levantou a cabeça, olhou vagamente para fora, torceu o bigode, tornou a escrever...

E continuou nestas manobras, enquanto eu dizia cá para mim:

-Não há dúvida, temos versos! Ela não quis olhá-lo, não lhe disse até logo, não se voltou ao descer - é o mais que suficiente para um namorado que se preza atirar-se soluçante aos braços da Poesia e pedir-lhe expressões de desespero, imagens a que compare olhos ingratos e feiticeiros, palavras em anto para rimar com pranto.

E dizerem que a poesia tende a desaparecer! Não creiam tal, senhores críticos.

Este meu vizinho está perfeitamente convencido de que é nem mais nem menos do que um desgraçado, e é destas convicções que nasce todo o lacrimatório rimado do eterno e imortal lirismo.

Ia eu assim pensando, de olhos semicerrados, quando a um solavanco endireito-me e... e vejo meu poeta a ressonar placidamente de encontro a portinhola...

Todo o resto da viagem foi para mim de tristes apreensões sobre o futuro da Poesia.

- Julho 95.

A.S.

No mar

A minha primeira viagem por mar (ilegível) e amei até o presente bem merece que a recorde agora revivendo as impressões que me deixou e que já começam a bruxulear no meu espírito num delíquio de chama que se extingue.

Iam muitos passageiros, e entre todos era eu o único que embarcava pela primeira vez.

Ao descer ao camarote para acomodar a minha maleta, tive uma impressão de pavor: dos camarotes vizinhos partiam sons estertorados, vozes estranguladas, gemidos, ai Jesus! Aflitivos.

Dir-se-ia que algum celerado andava a infligir suplícios atrozes aos meus companheiros de viagem.

E com efeito, um celerado – o enjoo torturava-os sem piedade.

Sugestionado por aquelas coisas comecei a sentir calafrios, suores de agonia, contrações do estômago.

Considerei-me perdido e subi às pressas para o tombadilho.

Sentado a um banco, fitando estonteada mente a cidade, eu esperava com terror a fase extrema do terrível mal.

O navio, ancorado muito próximo a terra, balouçava-se como uma rede fortemente impelida:

Vinha da proa um cheiro nauseabundo de animais e de mercadorias.

Um conhecido meu, agarrado a um maço de cordame, apertando desesperadamente o chapéu de sol debaixo do braço, muito triste e pálido, tinha um aspecto tão dolorosamente comigo, que eu não pude conter uma gargalhada.

E rindo, verifiquei que estava um pouco melhor.

Esta melhora acentuou-se de mais em mais, e uma hora depois eu passeava no convés bem-disposto e contemplando com satisfação o panorama da cidade.

Estava livre do enjoo! Esta convicção enalteceu-me a meus próprios olhos a ponto de olhar com desdém os demais passageiros - sobretudo o sujeito do chapéu de sol que curvado sobre a amurada... regalava os peixes.

Dentro em pouco o navio erguia o ferro e a hélice executava as primeiras rotações.

A quilha começou a retalhar o dorso dos vagalhões que um vento rujo enovelava e rolava para a costa.

Meus olhos se imobilizavam na contemplação da cidade com sua casaria branquejando ao sol e os seus tufos de folhagem verde negra.

A torre da Sé se destacava imponente, muito alta e branca, tendo ao centro um orifício negro como um olho investigador a sondar as coisas circunstantes.

À proporção que o navio se afastava da cidade se deprimia, se mesquinhava, recusando uma crescente indecisão de linhas, uma lenta e letal deformação de contornos.

Voltei-me para o mar amplo e verde a embarcar ao longe com o horizonte estumado de vapores cinzentos.

As águas, na sua tremura eterna tinham lampejos ofuscantes.

Aqui e ali um flóculo de espuma enflorascera a crista de uma vaga.

A esteira traçada pelo navio se desenhava para trás na sua branca efervescência de via láctea efêmera.

No grande silêncio de bordo se avolumavam o estridor das máquinas no seu trabalho incessante.

Eu me sentia encantado. A imensidade marinha seduzia-me como se um gênio das águas me segredasse notas dos seus trenós fascinantes.

Fitava com respeito os brônzeos impolantes a encararem tão familiarmente o mar que tanto respeito me infundia.

Ah que existência rudemente bela a dos homens do mar, noites e dias a ver somente o infindo azul do céu e o infindo azul do oceano. Nobre vida!

Uns brutos, meu amigo, os diabos destes marinheiros. Era o homem do chapéu de sol, sentado com o sorriso galhofeiro de um marujo.

Isto é vida de gente! Pois vale a pena viver para andar em cima dessas tábuas que de um momento para outro podem desconjuntar-se e levar tudo para as profundas!!! Antes ser soldado, rolar barricadas ou quebrar pedras, palavra de honra!

E limpava freneticamente o bigode com lenço.

Eu sorri com tolerância e aconselhei-o a chupar limões.

Mas o homem deixou-me precipitadamente e aproximou-se da amurada aos tombos, apertando o estômago.

A terra então era apenas uma mancha estreita e escura debruando longinquamente o mar.

Calma imponente avassalava tudo fazendo irradiar da alma da gente labaredas de róseos pensamentos...

Vinham-me à mente os versos de uma estrangeira do grande vale baiano:

Na proa os navios cantavam.

Eram saudades? Talvez!

Nossos beijos estalavam

Como estala a castanhola...

Lembras-te acaso, espanhola

Acaso lembras-te, Ignez?

Para os dramas e as comédias do amor decerto não há cenário tão belo como o do mar.

A paixão deve assumir nessas alturas proporções supremas.

E como este vento marinho deve levar depressa os juramentos de amor eteno!!

Procurei avidamente uns olhos femininos em que insultasse toda a chama de amor que me incendiava o coração.

Mas as Ignezes de bordo estavam todas enjoadas, creio.

Antônio Sales.

O pai André

Ah! que medo que eu tinha aquele velho africano de tez pretíssima e grandes olhos amarelados!

Bastava o seu nome para fazer-me correr um calafrio dos pés à cabeça.

E comigo temiam-no todos os meninos do povoado, sobretudo os papistas, os que se entregavam ao vício de comer barro.

O pai André espalhava em torno de si uma atmosfera de terror; no dia em que ele saía a pedir as suas esmolas a trefega meninada que sob meu comando assolava as casas e as paciências alheias se recolhia aos seus domicílios e se os pais a mandava a rua, era como se a mandasse ao cadafalso.

Quando o pai André, no seu giro de mendicante nos chegava à porta, com que medroso açodamento éramos portadores da esmola com o fim de captar-lhe as boas graças!

O preto velho não ignorava o seu poderio sobre os espíritos infantis e dele abusava um pouco, ameaçando-nos sem que nem mais com mutilações e funções antropófagas.

Nós acreditávamos piamente em todos esses horrores e vivíamos sob a pressão daquele tirano que todos os domingos saía do seu antro e entrava no povoado, arrimado a um longo bastão, de jucá e trazendo á cinta uma grande faca de mato, que era para nós a espada da exterminação.

As mães, na ausência de força moral própria, socorriam-se ao prestígio terrorista do pai André, ameaçando os filhos com a delação das suas traquinadas e malcriações.

Nervoso e impressionável mais que todos, eu tinha a obsessão daquela sinistra figura de preto velho, com umas farripas brancas sobre a cara feroz e os medonhos olhos amarelados a rolarem lentamente nas órbitas negras.

A perda de grande parte da minha jovialidade devo ao pai André, que tantas vezes me fez suar frio e tremer como um doente de sosões.

Demais, costumava o pai André instalar-se na casa da velha Zefa - a confeitadeira da terra. Nesse dia éramos obrigados a abster-nos de tapiocas, de broas e de bolos de milho, e esta abstenção nos era tão dolorosa como o nosso pavor e o nosso recolhimento forçado.

Quando fui perdendo o medo ao pai André, entrei para a escola...

Uma infância atribulada a minha!

Antônio Sales.

Um dia em M.

(Notas de um ludâmbulo)

I

O ruidoso relógio, pregado em frente da minha rede, quatro ou 5 horas justamente quando eu despertava em meio de um sonho complicado e incoerente.

Levantei-me lesto, e armado de toalha e sabonete lá me fui rumo ao banho.

O ar fresco e tonificante cheirava, embalsamado pelas acácias silvestres que se perfilavam ao longo dos velhos muros sem reboco e das cercas emaranhadas de trepadeiras.

Banhistas madrugadoras, como eu, saíam também de casa, toalha aberta sobre os ombros e cabelos soltos sobre a toalha.

Para além das velhas casas de engenho, os canaviais se alongavam num eriçamento de lâminas verdes e tremulantes.

Vinha de lá um cheiro forte de garapa fermentada, de mel e de aguardente.

O riacho cantava ao fundo dos grotões sua melopeia monótona...

Prelibando as delícias do banho, desci o caminho pedregoso de um declive rápido e achei-me em frente da cascata a escachoar sonora e límpida sobre lajedos - brancos do sabão das lavadeiras.

Ah! Como a minha pobre pele tostada do calor das casimiras estremeceu de gozo ao contato daquele jorro caricioso e frio!

II

No pátio interior do quarteirão do comércio se eleva o barracão onde se retalha a carne disposta sobre as bancas em grandes postas sangrentas com manchas de gordura de um amarelo vivo. No passeio que o circunda se pompeiam, como nas boas estrofes, rimas de ouro... do ouro fulvo das grandes laranjas dulçurosas e das bananas de epiderme setinea a desafiarem o apetite embotado dos pracianos endomingados que chegaram no trem da manhã e as compram com açodamento.

Caçuais com rapaduras, cestas com beijus, pirâmides de inhames e batatas rainhas, tabuleiros de broas, pilhas de rapaduras, redes, ervas e uma infinidade de artigos se exibem numa confusão pitoresca, que os matutos mercadejam ao sol, que começa a aquecer danadamente.

Fora, na praça, numerosa cavalaria amarrada às árvores, parte selada, parte encangalhada, espera cochilando os donos que andam a fazer a sua provisão de fazendas e comestíveis até que chegue a hora da missa.

Um ébrio habitual, já pronto àquela hora, faz as delícias da meninada, que o instiga a fazer trejeitos cômicos e a soltar grandes frases de um pronunciado sabor nefelibata, pelo imprevisto e pelo incoerente dos seus conceitos...

O sino bimbalha forte, e a caminho da igreja segue o vigário estampando na tonalidade álaure da paisagem a sua silhueta fina e lúgubre.

Grupos de fiéis convergem para o templo, humilde e triste com suas velhas portadas destingidas e as suas torres gretadas e enegrecidas pelas invernias.

E no cenário aldeão eis que aparece de súbito uma nota parisiense, de uma dissonância estridula: - um guapo latagão da terra passa vertiginosamente sobre elegante *bicycle*, - um legítimo *Désse*, niquelado, pneumático e ... sacrílego!

III

O sol a pino encandece o ambiente, onde pesa um silêncio cheio de tédios amolentadores. Nem um transeunte ousa arrostar a soalheira canicular das ruas pulverulentas, de cujo pavimento se eleva perceptível a irradiação trêmula da terra combusta.

Todo o panorama em frente arde na devastação desoladora da luz crua.

As paredes brancas, batidas de sol, têm brilhos ofuscadores. Apenas de vez em quando anima a paisagem um vulto de cavaleiro que passa regressando aos lares.

Um vento rijo e morno sopra pelos telhados com um amplo rumor de vaga que se desdobra, e ao som das melodias de *Ventôse, qui sait tant de chansons*, as folhas secas rodopiam numa sarabanda de silfos alucinados.

Aos acalantos do vento, meu corpo verga languidamente, e as minhas pálpebras teimam em fechar-se sobre a página, cujo sentido me parece mais indecifrável do que a célebre tirada em cifras de *Balsac na Philosophie du mariage*.

A natureza tropical, com toda a intensidade de sua quantidade estival, envolve corpo e alma numa atmosfera de desalento e tédio.

IV

Mais para trás se alteia a serra, sobranceira e risonha, vestida de sol e enfeitada de verde, retalhada de torrentes claras, onde se destacam as zonas cultivadas, reconhecíveis pela simetria das linhas de plantações e pelo tom claro da verdura.

Tem-se a ilusão de sentir de cada charneca ressequida a frescura daquela região edênica, e experimentam-se desejos violentos de subir para ela buscando um abrigo à sombra de suas grandes árvores, matando a sede dos poros e da garganta a mergulhar com volúpia nas águas cristalinas e a sugar gulosamente o suco dos pomos que pendem mamiformes dos seus laranjais viridentes...

V

Entardece precocemente aqui, porque logo às cinco o sol se esconde por detrás da serra, e a sombra desta cobre suavemente uma vasta extensão que se prolonga muito para além da casaria. Só as eminências opostas à serra continuam iluminadas até as proximidades do pôr do sol.

A planície se alaga então da meia luz de um crepúsculo fictício a esbater os tons ásperos da paisagem, por onde a vista passeia repousadamente.

Formam-se rodas pelas calçadas e veem-se passar os leões da terra sobre os seus garbosos cavalos de cela, que equipam corretamente, num passo miúdo e rápido, de pescoço encapotado, quase a tocar com o beijo inferior nos largos peitos musculosos.

Uma grande paz bucólica paira sobre as coisas, e a alma se fecha gostosamente num recolhimento doce que se enlaiva de misticismo quando as Ave-marias reboam lentas e graves no ambiente incinerado calmo.

Os transeuntes se descobrem contritos, e uma revoada de preces sobem ao céu de envolta com as notas plangentes do bronze sagrado.

VI

A noite escuríssima envolve tudo lá fora. Ouve-se perto um trovador cantando uma modinha apaixonada ao violão que solta gemidos dos seus bordões fortemente vibrados.

As casas jorram ondas de luz pelas janelas.

Ao longe, um amplo clarão avermelha os ares - é o fogo que devora os destroços de uma leira, à qual já se colheu a cana, e a prepara a produzir uma soca pujante e vigorosa.

São apenas 7 horas, mas a conversa esmorece sensivelmente, pontuada de bocejos incoercíveis.

Nota-se então que a noite está cálida, que as palmas dos coqueiros em frente não se manchem.

E para que não se ocupe a gente da vida alheia, que é a distração obrigada dos lugares pequenos, e como o livro se encetado se torna absolutamente inabordável, toma-se um baralho e joga-se *tres-sete* até a hora do chá.

A.S.